

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Ana Catarina Santilli

Olhar para o “fim do mundo”

**Diálogo com famílias engajadas sobre o impacto
das imagens da crise ecológica**

Doutorado em Comunicação e Semiótica

São Paulo

2023

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Ana Catarina Santilli

Olhar para o “fim do mundo”

**Diálogo com famílias engajadas sobre o impacto
das imagens da crise ecológica**

Doutorado em Comunicação e Semiótica

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação e Semiótica – Signo e significação nos processos comunicacionais, sob orientação do Professor Dr. Norval Baitello Junior

São Paulo
2023

Banca examinadora

À pretinha

E a tantos outros que não são vistos e carecem de um futuro

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

AGRADECIMENTOS

Ao professor Norval Baitello Junior, meu orientador, pelos diálogos, conselhos, pelo acolhimento e pela confiança que depositou na minha tese. Também por seu pensamento tão belo e inspirador, que nos ensina a estudar comunicação e cultura de maneira ecológica, por nos lembrar que sem corpo não há comunicação e que toda comunicação gera ambiente.

À professora Lúcia Leão pela maneira tão gentil, paciente e dedicada que vem coordenando o nosso programa em um período crítico, pelos ensinamentos ao mesmo tempo doces e extremamente pertinentes para o mundo que vivemos, e pela leitura generosa, com apontamentos preciosos feitos durante a banca de qualificação.

A Alex Heilmair, cujas impressões, críticas e sugestões durante a qualificação colaboraram muito para o amadurecimento desta tese.

A Cida Bueno pelo cuidado com o nosso programa, pelo carinho, pelas orientações e pela ajuda em toda parte burocrática sempre que precisei.

A Milton Pelegrini pela generosidade de me ensinar com tanta paciência e esmero os passos para submeter uma pesquisa ao Comitê de Ética.

Aos colegas do programa, em especial Roberta Dabdab e Heron Ledon, pela amizade, pelas conversas, experiências e referências compartilhadas, além de proporcionarem um ambiente tão amistoso na academia. Ainda a Heron por revisar esta tese com tanta dedicação.

Ao CNPq, pela bolsa de estudos concedida, tornando viável esta pesquisa.

Aos meus queridos pais, Airton José Santilli e Elenice Botelho Santilli, que sempre me ampararam e apoiaram os meus estudos.

Ao meu marido Gustavo Batistão, com quem sempre pude dialogar e quem me deu suporte em momentos tão críticos durante esses quatro anos.

A Tuca, Luque e Momo pelos ensinamentos que só outras espécies podem proporcionar.

Aos companheiros da cia Grite de Teatro, com quem pude transformar caos em beleza.

Por fim, a cada interlocutor, que cedeu seu tempo, suas palavras, suas visões, suas histórias, sua sabedoria, seus receios, angústias, expectativas e ânimo, com tanta franqueza, para me nutrir: Mari Menezes, Guilherme, Clara Ramos, Cora, Irene, Flávio, Adayanna, Daniel, Samantha, Sophia, Alexandre, Maria Fernanda, Valentina, Dani, Natacha, Manuela, Mari Barbosa, Mari Moraes, Jean, Débora, Maria Nazaré, JP, Jahzara, Vitor, Gustavo, Luiza, Bárbara, Clara, Teca, Henrique, Dante, Benjamin, Sueley, Karina, Júlia e Maria Elisabeth. Sem o rico diálogo com vocês, esta tese não existiria. Muito obrigada!

RESUMO

Olhar para o “fim do mundo”: Diálogo com famílias engajadas sobre o impacto das imagens da crise ecológica. Ana Catarina Santilli.

Em meio à crise da sustentabilidade planetária provocada por ações antrópicas, é importante pensar no modo como o ser humano olha e se relaciona com o planeta, e no diálogo que os adultos podem tentar estabelecer com as futuras gerações visando um olhar mais ecológico para o mundo. Diante dessa preocupação, a presente pesquisa teve como objetivo conversar com crianças, adolescentes, pais e mães que estão envolvidos, em algum grau, com o ativismo ambiental, com a expectativa de entender como eles conseguem olhar, processar e dar sentido às imagens das catástrofes ecológicas que os cercam. A intenção deste trabalho foi captar os tipos de imagem capazes de comover, sensibilizar e impulsionar o ativismo de cada um, considerando a importância do diálogo intergeracional no ambiente familiar, que abriga e proporciona os primeiros modelos de mundo para uma criança dar coesão ao entorno e se posicionar. A partir daí foi lançada a seguinte pergunta: Como é possível encarar e processar as imagens caóticas de uma crise que ameaça extinguir vários modos de vida na Terra, e como pais e mães podem ajudar suas crianças a fazerem o mesmo, a fim de transformar o modo como percebem e se relacionam com o mundo? Para tentar responder essa complexa questão, foi realizada uma pesquisa de campo qualitativa, a partir de entrevistas com famílias preocupadas com a crise ambiental e que estão procurando caminhos para reverter o rumo catastrófico para o qual planeta segue. Esta pesquisa partiu da hipótese de que, na busca por um mundo mais ecológico, é necessária uma comunicação mais ecológica, na qual possamos perceber os outros (humanos e não-humanos), com os quais interagimos, não como objetos, mas como sujeitos em uma relação de alteridade. De tal modo, os depoimentos coletados na pesquisa de campo foram colocados em diálogo com o pensamento de autores que estudam comunicação e cultura de maneira ecológica, tendo como base três eixos teóricos. Primeiro: a ecologia das imagens proposta por Norval Baitello, que entende imagem como um complexo sensorial, com um forte poder de impacto, que não está exclusivamente nem nos objetos externos, nem dentro da nossa mente, mas no “entre”. Segundo: a psicologia arquetípica iniciada por James Hillman, que percebe como a alma humana está emaranhada na alma do mundo, e como nossa psique se vincula instintivamente com o seu ambiente por imagens. Terceiro: a filosofia de Vilém Flusser, que capta a sensação de “vazio” que nos invadiu no final da Idade Moderna, e propõe a intersubjetividade e o diálogo como formas de darmos sentido ao mundo compartilhado. A partir da pesquisa de campo e do referencial teórico proposto, foi possível constatar a necessidade do constante diálogo com os outros para processar imagens tão apavorantes e se perceber como parte de um planeta em crise; além da importância de um olhar anímico, capaz de restituir alma ao entorno, nos vincular afetivamente ao mundo da vida, resgatar emoções vitais, e atribuir sentido profundo a uma luta que tantas vezes pode parecer absurda.

Palavras chaves:

Comunicação intergeracional; Ciência participativa; Famílias ativistas; Ecologia das Imagens; Ecologia da Comunicação.

ABSTRACT

Looking at the “end of the world”: Dialogue with engaged families about the impact of the ecological crisis’ images. Ana Catarina Santilli.

Amidst the crisis of planetary sustainability caused by human actions, it is important to think about the way in which human beings look at and relate to the planet, and about the dialogue that adults can try to establish with future generations, aiming for a more ecological worldview. Given this concern, the present research aimed to talk to children, teenagers, fathers and mothers who are involved, to some degree, with environmental activism, with the expectation of understanding how they can look, process and make sense of the ecological catastrophe images that surround them. The intention of this work was to capture the types of images capable of moving, sensitizing and boosting each person's activism, considering the importance of intergenerational dialogue in the family environment, which houses and provides the first world models for a child to give cohesion to the environment and to position itself in the world. From there, the following question was raised: How is it possible to face and process the chaotic images of a crisis that threatens to extinguish various ways of life on Earth, and how can fathers and mothers help their children to do the same, in order to transform the way how they perceive and relate to the world? To try to answer this complex question, a qualitative field research was carried out, based on interviews with families concerned about the environmental crisis and who are looking for ways to reverse the catastrophic path the planet is heading towards. This research was based on the hypothesis that, in the search for a more ecological world, a more ecological communication is necessary, in which we can perceive the others (human and non-human) with whom we interact, not as objects, but as subjects in a relationship of otherness. In this way, the statements collected in the field research were placed in dialogue with the thoughts of authors who study communication and culture in an ecological way, based on three theoretical axes. First: the ecology of images proposed by Norval Baitello, who understands images as a sensorial complex, with a strong power of impact, which is not exclusively in external objects, nor within our mind, but in the “in between”. Second: archetypal psychology initiated by James Hillman, who perceives how the human soul is entangled in the soul of the world, and how our psyche instinctively links with its environment through images. Third: the philosophy of Vilém Flusser, who captures the feeling of “emptiness” that invaded us at the end of the Modern Era, and proposes intersubjectivity and dialogue as ways to giving meaning to the shared world. From the field research and the proposed theoretical framework, it was possible to verify the need for constant dialogue with others to process such terrifying images and perceive oneself as part of a planet in crisis; in addition to the importance of a soulful gaze, capable of restoring soul to the surroundings, linking us affectively to the living world, rescuing vital emotions, and attributing profound meaning to a struggle that can so often seem absurd.

Keywords:

Intergenerational communication; Participatory science; Activist families; Ecology of Images; Ecology of Communication.

Toda pesquisa é, espontaneamente, política, artística e científica, ou não é pesquisa, mas gesto mentiroso. Porque o gesto de pesquisar passa a ser um dos gestos da vida humana, isto é, busca de valores e de sentido.

(Vilém Flusser, O gesto de pesquisar, p. 52)

O que permanece quando tudo perece é a face das coisas como são. Quando não há para onde voltar-se, volte-se para a face diante de você, a face do mundo. Aqui está a Deusa que dá sentido ao mundo, que não é nem mito, nem significado; ao contrário, aquela coisa imediata como imagem, seu sorriso, uma alegria, uma alegria “eterna”.

(James Hillman, O pensamento do coração, p. 50)

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1. O OLHAR HUMANO PARA O MUNDO	21
1.1. A Revolução Industrial e o Antropoceno	22
1.2. Imagens do “fim do mundo” e a arqueologia do lixo	24
1.3. O “macro” ambiente entre 2019 e 2023.....	27
2. IMAGENS DO MUNDO FÍSICO EM COLAPSO (<i>A morsa sem chão</i>).....	29
2.1. Degelo e queda.....	29
2.2. Tempestades e a casa fragilizada	32
2.3. Tempo seco e incêncios florestais.....	33
2.4. Perda das estações e do tempo cíclico	35
2.5. Mais lixo do que peixes no mar	36
2.6. Rios obstruídos e contaminados.....	38
2.7. Ar seco e poluído	40
2.8. Cidades feias e a escassez do progresso	40
2.9. A morte da matéria.....	44
3. IMAGENS DE UM “SISTEMA” ABSURDO (<i>Você sai pra comprar verdura e volta com uma boneca</i>).....	49
3.1. Um sistema que impede a vida	49
3.2. Condicionados à gula.....	51
3.3. Programadores estúpidos e cretinos.....	56
3.4. “Sociedade do lixo”	59
3.5. Repartição escolar: ambiente repartido ao meio.....	61

4. IMAGENS DA INSANIDADE HUMANA (<i>Se tirar o ser humano da equação mundo, o mundo fica perfeito</i>)	66
4.1. A arrogância humana	68
4.2. Humano autocentrado	70
4.3. Inviabilidade do diálogo	73
4.4. Conflito entre gerações	74
4.5. A relação com a tecnologia.....	78
4.6. Um animal estúpido e barulhento	80
5. ESGOTAMENTO (<i>Às vezes é melhor você ficar em Nárnia</i>).....	83
5.1. Pequeno demais para fazer a diferença.....	84
5.2. A percepção do fim.....	86
5.3. Desistir da humanidade.....	89
5.4. Vale a pena ver?.....	91
6. OLHAR A CRISE (<i>Abraça o caos e vai!</i>)	97
6.1. Ruídos: imagem, emoção e ação.....	97
6.2. Reanimar o cosmos	102
6.3. Estar no mundo	107
6.4. Padecer para renascer.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	122
REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS.....	128

INTRODUÇÃO

Se a ciência não narra mais, mas apenas informa (nos forma, nos constrói sem nos fazer participar), ela é estranha à sabedoria porque não produz mais saber e sim informação (Luigi Zoja, História da arrogância, p. 158).

O colapso ambiental em escala planetária, com destaque às mudanças climáticas, tem causado grande comoção nesta terceira década do século XXI, chamada pela Organização das Nações Unidas (ONU) como “Década da Ação” – aquela em que deveríamos agir em direção a um “desenvolvimento mais sustentável”. Mas essa crise não é recente. Há mais de um século a comunidade científica já havia descoberto o efeito estufa e, em 1896, o químico sueco Svante Arrhenius alertava que o aumento de dióxido de carbono na atmosfera provocado pela queima de combustíveis fósseis elevaria a temperatura média do planeta. Em 1972, o Clube de Roma (que reuniu intelectuais de diferentes áreas para discutir política, economia, meio ambiente e desenvolvimento sustentável) já constatava, a partir de vários cálculos, que o planeta não suportaria a pressão por recursos naturais e energéticos desencadeada pelo crescimento populacional e o aumento do consumo. Em 1990 o primeiro relatório do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudança Climática) já havia sido publicado constatando o aquecimento médio do planeta desde a Revolução Industrial e prevendo um aquecimento ainda maior para as próximas décadas. Em 1992 líderes políticos de todo o globo se reuniram no Rio de Janeiro, na Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Cúpula da Terra ou ECO-92) para discutir estratégias e assumir compromissos em reduzir a degradação ambiental, de modo a garantir uma existência digna para as gerações futuras. No entanto a humanidade nunca emitiu tanto dióxido de carbono na atmosfera, nem produziu e descartou tanto plástico e lixo sobre a Terra como fez nos últimos 30 anos. De fato, os conhecimentos científicos parecem insuficientes para que a humanidade consiga escapar de um caminho destrutivo que traçou tão levemente rumo ao “progresso”.

Partindo dessas constatações notamos que a crise de sustentabilidade que presenciamos não é um problema só das ciências naturais. É um problema também das ciências humanas, das ciências da cultura e da comunicação. Pois, quando nos deparamos com uma crise ecológica desencadeada por ações antrópicas, se torna urgente olhar para a relação (a comunicação) que o ser humano (ou uma parcela significativa da humanidade) estabelece com seu *Lebenswelt*, o mundo da vida. Este é um trabalho a respeito do olhar que direcionamos a este mundo, que

parece ruir debaixo dos nossos pés. Então, nos deparamos com as seguintes questões: como revolucionar nossa cosmovisão? Como é possível encarar e digerir as imagens apavorantes da crise de sustentabilidade planetária, a fim de transformar o modo como nos relacionamos com o mundo? E como pais e mães podem ajudar suas crianças a fazerem o mesmo? Afinal, são as futuras gerações que terão que lidar com as piores consequências dessa catástrofe iminente.

Para tentar responder essas complexas questões (ou ao menos vislumbrar algumas brechas em meio ao caos), esta pesquisa buscou traçar um diálogo com famílias que estão envolvidas, em algum grau, com o ativismo ambiental, com a expectativa de entender o que as comove, as sensibiliza, como digerem as imagens deste colapso e o que as impulsiona a agir, a querer transformar o modo como estão no mundo. Aqui entendemos ativismo ambiental como qualquer série de ações, pequenas ou grandes, individuais ou coletivas, movidas pela preocupação com o estado crítico em que se encontra o planeta. Nesta tese não há respostas ou verdades conclusivas, nem pretendemos lançar um modelo objetivo de como educar nossas crianças diante da crise de sustentabilidade planetária. O que este trabalho busca apresentar são vários trechos de longos diálogos, alinhavados com o pensamento de alguns autores que pareceram relevantes para tratar dessas questões, e que constroem quase que uma “rede de conversas” por imagens e narrativas sobre a crise coletiva que vivenciamos. Nessa “rede de conversas”, arriscamos a fazer alguns diagnósticos e pescar alguns caminhos que parecem salutar para tentar transformar o nosso olhar para o mundo. Mas é claro que não existe um “guia” objetivo para tanto. Afinal, esta não é uma ciência exata e seria impossível chegar a uma resposta definitiva para as questões aqui lançadas. Cada leitor pode cruzar as narrativas e imagens apresentadas com suas próprias experiências e encontrar seus caminhos particulares para os diferentes momentos e situações com os quais se depara ao longo da vida vivida.

Ecologia da Comunicação e da Cultura (e por uma ciência participativa)

É preciso deixar claro, antes de tudo, que esta é uma pesquisa que busca contribuir para uma ecologia da comunicação e da cultura (uma ciência que tem sido amplamente defendida por Norval Baitello Junior). Aqui entendemos comunicação não meramente como informação transmitida de um emissor para um receptor, de forma linear, como estudavam muitas teorias antigas da área. Comunicação aqui é compreendida como *vínculos* capazes de tecer um ambiente maior, pelo modo como humanos e não humanos interagem e se afetam mutuamente no decorrer do tempo. Uma ecologia da comunicação olha para essa rede de vínculos e para o passado que a sustenta, na busca de projetar um futuro. Nesse sentido, a ecologia da comunicação está atrelada a uma ecologia da cultura: a maneira pela qual uma rede de seres

humanos olha, sente, imagina, valoriza e dá sentido ao mundo em que vive a partir dos múltiplos vínculos que estabelece com o seu entorno ao longo de várias gerações.

Por uma perspectiva ecológica da cultura e da comunicação, não coube tanto, neste trabalho, recorrer a metodologias quantitativas, a análises das ciências exatas, pois estamos lidando com algo mais sutil, não exato, não racional, que é o modo como o ser humano sente, percebe e reage instintivamente ao mundo a sua volta. E, como a psicanálise e a neurologia já nos ensinaram, a psique humana se relaciona com seu ambiente por *imagens*, que podem dar uma forma coesa e distinta ao caos que nos circunda. Diante do colapso ambiental em escala planetária, parece conveniente investigar as imagens que mediam nossa relação com os ecossistemas em que vivemos.

As imagens que nos interessam aqui não são aquelas imagens superficiais que predominam nas telas do ciberespaço, veiculadas pelos grandes canais midiáticos. Mas as imagens que cada pessoa enxerga a partir dos estímulos que recebe do seu entorno, de suas vivências cotidianas e de suas experiências anteriores (e isso inclui também o que vê nas telas). O que nos interessam são as imagens dinâmicas que mediam a relação de cada pessoa com o ecossistema em que vive e que criam fortes impressões, ao ponto de compartilhá-las em um diálogo com o outro.

É urgente agir! Mas ninguém age, mergulha com convicção em uma jornada contra forças titânicas (como se revela a crise de sustentabilidade), sem ser provocado, sem um chamado que ecoe nos cantos profundos e obscuros da alma, de tal modo a acender uma chama no peito, tornando-se insuportável não agir, não gritar, não se posicionar! E o que chama a alma são as imagens. São as imagens e as fantasias da alma que sensibilizam nosso coração, despertam nosso Eros (a paixão que nos move). Eros é movido por Psiquê, que irriga suas buscas com valores da alma. As lutas apaixonadas acontecem quando existem imagens vivas que chamam nosso coração a rugir, dando um sentido psíquico às nossas buscas diante de um mundo que se tornou apático e indiferente aos horrores que nos cercam, à dor do outro. Não são conceitos abstratos, mapas, gráficos, dados e informações distantes reduzidas a números e quantidades invisíveis que nos movem. Claro que eles são de extrema importância para nos ajudar a fazer diagnósticos, elaborar estratégias a longo prazo, podendo até servir de estímulo para a imaginação. Mas sem imagens vivas não há comoção, não há ação.

A psicologia arquetípica alerta que imagem e ação andam juntas. Por isso que uma pesquisa da cultura e da comunicação que pretende contribuir para um pensamento ecológico deve se atentar às imagens que *ecoam* em nossa alma, capazes de tocar nosso coração, tirando-o da anestesia conformada diante das telas. Para uma pesquisa como esta, portanto, não conveio

tanto propor formulários e questionários a um grande número de pessoas, buscando informações quantitativas que resultassem em gráficos, tabelas ou mapas. Para acessar as imagens que chegam às profundezas da alma de cada um, foi necessário um diálogo autêntico (ainda que com uma amostra pequena de pessoas), em que a própria entrevistadora se permitisse imaginar e se comover junto com os seus interlocutores. Foi preciso estabelecer uma conversa calma, aberta, que se deixasse desviar de um roteiro de perguntas programadas, sensível na abordagem de temas delicados e angustiantes.

De tal modo, esta pesquisa buscou se posicionar de forma intersubjetiva, seguindo um caminho defendido por Vilém Flusser. As pessoas que foram entrevistadas no presente estudo não foram vistas como “objetos”, a partir de uma perspectiva “elevada” e distante, mas como sujeitos, que estão mergulhados no mundo da vida em diálogo com a pesquisadora. Verdadeiros *outros*, nos quais a pesquisadora podia se reconhecer (indo além do conhecer), enxergar suas próprias aflições e angústias internas, que apareciam refletidas em tantos depoimentos. Foram vários momentos de identificação, mas também de surpresa e de inspiração conforme os ouvidos da entrevistadora se abriam às palavras dos outros. Portanto, esta deve ser entendida também como uma pesquisa participativa, na qual considera-se esses outros como construtores do pensamento aqui apresentado, ao compartilharem suas próprias experiências no mundo vivo.

É claro que o resultado e o texto final são uma construção da própria autora, que conduziu as entrevistas (ainda que tantas vezes os entrevistados a levassem para lugares imprevistos), e que também filtrou e selecionou trechos, tecendo-os com o pensamento de alguns autores (além de professores e colegas com os quais se deparou ao longo da pesquisa, e também com suas próprias experiências anteriores, ainda que não apareçam no texto de forma explícita). Nesse sentido, a pesquisadora não pretende se colocar como um sujeito “neuro”, “transcendente” e distante do “objeto de pesquisa” (as imagens compartilhadas pelos participantes do estudo). Afinal, reconhece-se que este é um estudo impulsionado pelo horror e pelos conflitos que a própria pesquisadora se confronta diante do mundo em que vive. Reafirma-se: esta é uma pesquisa intersubjetiva. Aqui não se busca formar um conhecimento “exato” sobre um “objeto inanimado”, mas tenta-se processar e dar uma possível coesão (entre tantas outras formas possíveis de dar coesão), por meio de diálogos e de algumas imagens coletivas, a um mundo vivo compartilhado, que parece se esvair no caos. Este parece ser um tipo de ciência que pode oferecer contribuições relevantes para uma comunicação e uma cultura um pouco mais ecológicas.

Recorte (que outros?)

Certamente, este estudo precisou focar nas imagens percebidas por um recorte bastante específico de pessoas. Esta pesquisa teve como meta conversar com sujeitos predominantemente de classe média e de áreas urbanas brasileiras, que estão inseridos em um modo de vida considerado “insustentável”, em uma lógica de trabalho e consumo condicionada a um “sistema”, que, em larga escala, agride e ameaça extinguir outras formas de vida na Terra. Mas buscamos conversar com pessoas que estão incomodadas com isso. Que percebem e se preocupam com o estado patológico em que o planeta se encontra e sentem urgência de transformar o modo como essa civilização à qual pertencem se relaciona com seu grande *oikos*.

Mais especificamente buscamos conversar com crianças, adolescentes, pais, mães, ou qualquer adulto que assumisse uma relação de carinho, afeto e responsabilidade por uma criança. Pois o que nos interessa é esse diálogo intergeracional: como os adultos de hoje estão conversando com as gerações que ocuparão cargos de decisão amanhã, com aqueles que precisarão lidar com o grande desfalque que seus antepassados estão deixando no planeta. Se, por uma perspectiva ecológica, almejamos uma transformação, ainda que gradual, no modo como olhamos e nos vinculamos com o nosso *oikos*, é importante dar atenção ao diálogo estabelecido entre passado e futuro, entre aqueles que decidem hoje e aqueles que sofrerão as consequências dessas decisões amanhã, para não seguirmos de forma meramente impulsiva, imediata e sem propósitos claros a longo prazo. E é interessante investigar como esses diálogos estão sendo estabelecidos no *oikos* primário dessas pessoas, ou seja, dentro de suas famílias.

O prefixo da palavra *ecologia* provém do grego *oikos*. Este é o termo que os antigos gregos empregavam para se referir ao universo privado e íntimo de cada um. Nesse sentido, *oikos* se referia tanto à família como às suas propriedades, que compunham o ambiente compartilhado: sua casa. O termo não se restringia apenas à família consanguínea, mas abarcava todos os que conviviam na mesma casa, incluindo agregados e escravos (que também eram vistos como parte da família, ainda que em uma posição “inferior”). Por longo tempo, o termo *oikos* foi contraposto ao termo *pólis*, que designava as relações e os diálogos estabelecidos no espaço público e coletivo. No entanto, desde o Império Romano, a noção de *oikos* começou a se ampliar e a deixar de ser encarado como oposto à *pólis*. Aos poucos, *oikos* também podia ser aplicado para designar as esferas coletivas, a cidade e a própria sociedade, que passava a ser vista como uma grande família. Hoje, com um pensamento complexo, capaz de captar como todas as espécies de animais, plantas e fungos formam uma teia da vida (uma biosfera), que compartilha o mesmo planeta, parece adequado aplicarmos o termo *oikos* para se referir também à Terra e aos seres que nela habitam. De tal modo, podemos entender *eco-logia* como

uma ciência que estuda os múltiplos vínculos que compõem um ambiente, uma casa, ou, então, uma família (em escala local ou planetária).

Quando a relação com a nossa grande casa não se sustenta mais, parece oportuno olhar para as relações que formamos na nossa primeira casa, com a nossa primeira família, com aqueles que nos oferecem abrigo imediato nos nossos primeiros anos de vida. Afinal, é dentro dessa família que uma criança começa a perceber, a se relacionar e a formar suas primeiras imagens de mundo, que vão se ampliando no decorrer da vida. E, como aprendemos com a psicanálise e com a arqueologia, as coisas primeiras, as vivências e experiências primordiais, podem até ser soterradas por novas camadas, que vão se somando, mas nunca desaparecem totalmente. Permanecem nas raízes, nos alicerces de uma casa que vai se construindo com o passar do tempo, ainda que possam, no futuro, vir a ser ressignificadas.

Pesquisa de campo (diálogos com famílias ativistas)

Para encontrar participantes para a presente pesquisa, foi realizado um mapeamento de movimentos ambientais que se articulavam pela *web* e redes sociais. O principal grupo que serviu de apoio para este estudo foi o *Famílias pelo Clima*¹, o único movimento ambiental brasileiro (conhecido até então) promovido por pessoas que se declaram como “pais, mães, tios, tias e outros familiares” que lutam em nome das futuras gerações. Já alguns participantes foram conhecidos presencialmente durante as Greves pelo Clima realizadas na cidade de São Paulo (SP), eventos em que foi possível encontrar adultos acompanhados por crianças ou adolescentes.

Todos foram convidados a participar do estudo mediante um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP, ao qual foi submetido o projeto da presente pesquisa. O documento foi assinado por todos os entrevistados com mais de 18 anos. E no caso daqueles que tinham menos de 18 anos, quem assinou foi o adulto responsável, como recomenda o Comitê de Ética.

Ao todo foram 36 pessoas entrevistadas (sendo que cinco delas chegaram a conceder duas entrevistas). Participaram da pesquisa: 13 mulheres que se reconheciam como mãe; 5 homens que se reconheciam como pai; um homem que se reconhecia como tio e que trabalha no Instituto Alana²; uma jovem de 18 anos integrante do *Juventudes pelo Clima* (que mora com a mãe, a avó e os irmãos menores); um rapaz de 20 anos, também membro do *Juventudes pelo*

¹ Para saber mais sobre o movimento: <https://familiaspeloclima.org/sobre/>.

² O Instituto Alana é “uma organização de impacto socioambiental que promove e inspira um mundo melhor para as crianças”. Para saber mais: <https://alana.org.br/>.

Clima (que mora com os pais); 10 meninas menores de idade (a mais nova tinha 5 anos e a mais velha 14 anos), e 4 meninos menores de idade (o mais novo tinha 8 anos e o mais velho tinha 17 anos). Também foi entrevistada uma psicóloga que chegou a trabalhar com os jovens do movimento *Juventude pelo Clima*. Todas as idades mencionadas ao longo da tese se referem à idade que o participante tinha na época em que concedeu a entrevista. No caso de entrevistados que concederam duas entrevistas, a idade é referente ao período da segunda entrevista.

A maior parte dos entrevistados é branca, de classe média e mora em alguma região metropolitana. Só uma entrevistada se reconheceu como negra. Apenas três famílias residiam em cidades menores, sendo que duas delas já haviam habitado alguma metrópole anteriormente. Não há representantes de comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas, pantaneiras, sertanejas, de assentamento de terra ou de outras comunidades tradicionais.

Todos os participantes são brasileiros. Quanto à distribuição geográfica em que viviam durante a entrevista: um morava no Ceará, 3 na Paraíba, 2 em Minas Gerais, 6 no estado do Rio de Janeiro; 21 no estado de São Paulo, uma no Rio Grande do Sul, e 2 estavam morando em Callisburg, Texas, nos Estados Unidos, na época da primeira entrevista (2020), enquanto na segunda entrevista (2022) já residiam no Rio Grande do Sul. A pesquisadora em questão reside na região metropolitana de São Paulo, o que favoreceu o encontro com participantes desse estado durante as greves climáticas que acompanhou na Avenida Paulista, centro da cidade. Essa “amostra” pode ser considerada extremamente imprecisa para uma pesquisa que buscasse resultados mais exatos. Mas o que se valorizaram aqui foram os diálogos únicos estabelecidos com cada pessoa. Portanto, devemos assumir que outras tantas imagens, outros tantos olhares poderiam aparecer se outras tantas pessoas, outras tantas famílias tivessem sido entrevistadas.

Todas as conversas aconteceram por plataformas digitais, como o *Google Meets* e o *Microsoft Teams*, sendo registradas em vídeo ou áudio (e posteriormente transcritas). Por vezes a entrevista foi só com o adulto, ou só com a criança ou jovem, mas outras vezes o diálogo foi em grupo (mãe e filha, pais e filhos, irmãs, casal de pais, grupo de adolescentes etc.). No total foram realizadas 24 entrevistas, com uma duração média de 90 minutos cada (a mais curta durou 43 minutos; a mais longa, 154 minutos – sendo que houve algumas “divagações” nas conversas maiores, sem, contudo, fugir do tema principal).

Cinco pessoas chegaram a conceder duas entrevistas. Nesses casos, a primeira aconteceu no final de abril ou no início de maio de 2020 (quando a pesquisa estava começando). Já a segunda ocorreu entre junho e dezembro de 2022, época em que se sucedeu a maior parte das entrevistas. Apenas uma foi realizada em meados de 2023.

Contribuições teóricas (diálogo com os autores)

Esta tese está embasada em uma ecologia da comunicação e da cultura, seguindo a concepção de imagem defendida por Norval Baitello: como algo que não está exclusivamente nem lá fora, nem dentro, mas no *entre*. Os estímulos sensoriais que recebemos do mundo impactam nosso olhar, assim como nossas construções imagéticas criam ambientes, que afetam os corpos que nele vivem e o sentem. É dessa compreensão que parte este estudo. Além do pensamento de Baitello, esta tese tem mais dois pilares fundamentais.

O primeiro está na psicologia arquetípica, que tem James Hillman (1926-2011) como um de seus principais fundadores. Como descendente do pensamento junguiano, Hillman nos lembra de que “convidados ou não, os deuses estarão presentes”³. Seus textos contribuem para entendermos como a psique humana se relaciona instintivamente com o mundo por imagens, fantasias e mitos. E nos ajudam a captar os prejuízos causados à nossa psique e ao mundo quando deixamos de lançar um olhar anímico às coisas com as quais convivemos, em prol de um olhar exclusivamente instrumental. De tal modo, ele deixa de confinar a psicologia às quatro paredes de um consultório, ao entender que a alma particular está vinculada à alma de um mundo, que requer atenção psicológica. Além de Hillman, outros autores que seguem a psicologia arquetípica colaboraram para o pensamento aqui desenvolvido, como é o caso de Luigi Zoja, Patrícia Berry e Ginnete de Paris.

O outro pilar da tese está na filosofia de Vilém Flusser (1920-1991), um judeu de Praga que precisou abandonar sua casa quando tropas nazistas invadiram sua terra natal em 1939. Ele não perdeu apenas o “seu chão”, mas também sua família: pais, irmã e avós, que acabaram morrendo em campos de concentração. Flusser, então, junto com a família de sua namorada, Edith (que logo se tornaria sua esposa), encontrou abrigo no Brasil, mais especificamente na cidade de São Paulo (SP), onde fez grandes amizades e desenvolveu sua filosofia (compartilhada em publicações de jornais, revistas e livros e em sala de aula como professor universitário). Porém, no início da década de 1970, quando a ditadura militar já havia se instalado no país, ele voltou com a esposa para a Europa, mantendo um rico diálogo, por cartas, com seus amigos e pensadores brasileiros. Parece relevante mencionar sua história de vida porque, como Flusser deixa transparecer em suas obras, suas vivências fazem parte da construção de seu pensamento, que capta a sensação de “vazio”, “falta de chão”, ou “falta de fundamento”, que nos invadiu no final da Idade Moderna. Para apreender esse “vazio”, Flusser

³ “*Vocatus atque non vocatus Deus aderit*” é um velho provérbio latino, que Carl G. Jung extraiu de uma obra de Erasmo de Rotterdan e inseriu na frente de sua casa em Zurique, na Suíça.

faz diagnósticos perspicazes sobre o olhar objetivo, a “escalada da abstração” e o “aparelho”, que, neste trabalho, contribuem para entendermos a sensação de “perda de chão”, que hoje pode ser experimentada em escala planetária. E, ao mesmo tempo, o filósofo tcheco propõe a intersubjetividade e o diálogo como formas de tentarmos captar esse “vazio” e dar algum sentido ao mundo “absurdo” que compartilhamos (caminho que aqui tentamos seguir). Afinal, para Flusser, o diálogo permite a troca circular de diferentes olhares que vivenciam esse mundo, abertos à *resposta* do outro (diferente do discurso), o que caracterizaria um clima de *responsabilidade e engajamento*.

Estrutura e estilo

A seguir serão apresentados trechos das entrevistas realizadas na pesquisa de campo, costurados às contribuições teóricas aqui propostas. Para preservar a identidade dos participantes, sempre que aparece no depoimento o nome de alguém (ou da escola em que alguma criança estuda, por exemplo), a palavra é suprimida por reticências: “(...)”. Ou é substituída por outro termo entre parênteses que possibilite compreender ao que está se referindo, como ao substituir o nome de alguém por “minha irmã” ou “meu filho”, de modo a não alterar o sentido da fala. Mantiveram-se referências ao nome da cidade ou bairro em que um entrevistado vivia, ou à sua profissão ou ao grupo de ativismo ao qual pertencia quando tais informações pareceram relevantes para entender o ponto de vista de alguma exposição.

Procurou-se preservar o tom coloquial e informal das falas, a fim de manter “viva” a oralidade pela qual cada participante se manifestou, o que contribui para dar um caráter mais pessoal e anímico ao próprio texto (uma lição que Jerusa Pires Ferreira e Paul Zumthor nos ensinam ao tratar do poder da fascinação presente na oralidade). Houve apenas pequenas correções na construção gramatical em trechos específicos, evitando ao máximo interferir no modo espontâneo como cada pessoa se expressou. Por isso, algumas vezes, uma fala ou outra pode até parecer meio “truncada”, pois cada entrevistado ia deixando fluir as imagens que começavam a correr livres em suas mentes, procurando as melhores palavras para tentar expressar tantos pensamentos, impressões e emoções que lhe invadiam e às vezes se atropelavam naquele momento.

Parte desse material coletado, junto com as reflexões que ele propicia, foi dividido em seis capítulos. O primeiro, com um caráter mais introdutório, tem a finalidade de apresentar ideias, conceitos e um breve panorama histórico que servem de abertura para a discussão que a tese se propõe a lançar. Buscamos pensar, de um modo genérico, como um ambiente pode afetar o modo como olhamos para o mundo em que vivemos, entendendo como natureza e cultura se

retroalimentam. Os capítulos seguintes já trazem as falas provocativas dos entrevistados, que descrevem o modo como percebem o colapso ambiental com imagens que convidam à reflexão. De tal modo, o segundo capítulo da tese foca nas imagens descritas pelos participantes que evidenciam o colapso do nosso mundo físico (ou seja, a crise de sustentabilidade em termos mais estritos). O terceiro é dedicado às imagens que indicam a falência do “sistema”, ou então do “aparelho” (Flusser) no qual estamos imersos e que costuma ser apontado como o responsável pela degradação dos nossos ecossistemas. O quarto capítulo aborda as imagens às quais os entrevistados recorreram para descrever a humanidade em sua relação patológica com o planeta, pelas quais percebem a incapacidade da nossa espécie de reverter esse “sistema” insustentável. O quinto capítulo é sobre o estado crítico ao qual vários entrevistados chegam em meio a tantas imagens catastróficas, levantando a pergunta: vale a pena ver todas essas imagens? Já o último capítulo busca vislumbrar o modo como alguns participantes estão conseguindo olhar, processar e dar algum sentido a essas imagens apavorantes, servindo como combustível para o seu ativismo.

1. O OLHAR HUMANO PARA O MUNDO

A relação da humanidade com o mundo em que vive variou muito ao longo da história, sendo afetada pelos ambientes físicos, sociais e culturais aos quais se integrava. Em sua obra *Fûdo*, traduzida para o espanhol como *Antropología del Paisaje*, o antropólogo japonês Tetsuro Watsuji (2006) já buscava compreender como as condições climáticas e geográficas de um espaço podiam afetar o olhar humano para o seu entorno. O deserto implicava que uma pessoa se posicionasse no mundo de um modo diferente daquela que vivia no clima de monções, por exemplo. Uma, ao se ver em um ambiente árido e escasso, que nada lhe oferecia, precisava se organizar em tribos complexas bem regradas e batalhar para conseguir sobreviver. Não havia ao redor um rosto divino para apreciar, logo, deus era visto como uma abstração, um deus-pai transcendente, que guiava seu povo com leis severas. A outra só podia se resignar e se submeter à força descomunal das chuvas que caíam em abundância do céu, mas que, junto com o calor, lhe proporcionavam uma flora e uma fauna ricas e exuberantes para desfrutar, só que impossíveis de subjugar. Nesse caso podiam dialogar com as divindades, que manifestavam seu poder, sua força, sua benevolência e suas múltiplas faces no próprio entorno. Enquanto para os primeiros a natureza era a morte contra a qual precisavam lutar, para os segundos a natureza era a própria vida, à qual podiam se entregar. Já no clima mediterrâneo, nas pradarias, em que as estações eram bem definidas e previsíveis, em que a natureza se revelava mais branda, regular, distinta, possível de cultivar, prevaleceu o olhar contemplativo, floresceu a *theoria*, a *techné*, a razão, a filosofia e uma devoção a divindades que unem natureza exterior com natureza interior. É claro que nenhuma condição é absoluta, e Watsuji considera os múltiplos sincretismos ocasionados pelos diversos encontros entre povos distintos. Mas por sua obra vislumbramos como a experiência de um ambiente pode afetar o olhar e a relação que o ser humano estabelece com o mundo.

Nisso, a própria concepção de “natureza” pode variar. O yanomami Davi Kopenawa (2015, p. 475), por exemplo, assimila o termo “natureza” à própria “terra-floresta” em que vive, a qual chama de *Urihi*, e seu espírito, *Urihinari*. No entanto a palavra “natureza” vem do latim *natus*, que corresponde à *phýsis*⁴ (φύσις) para os antigos gregos: um organismo animado, associado à Gaia e ao politeísmo helênico; enquanto na concepção judaico-cristã “natureza” é vista como obra divina. Já para o burguês moderno, passa a ser um conjunto de coisas

⁴ Palavra grega que significa “fazer brotar, nascer, originar alguma coisa”, associada à origem *substancial* de todas as coisas (Feitosa, 2021, p. 210).

inanimadas, as quais o homem passa a ler e manipular como um objeto: algo ao qual se contrapõe, um “obstáculo”.

Vilém Flusser (2014b) trata dessa perspectiva objetiva da natureza em seu texto *O gesto de pesquisar*, no qual descreve a pesquisa clássica como um gesto burguês, capaz de revelar a crise atual do nosso modo de estar no mundo. Nesse gesto, o burguês lida com “natureza morta”, que perde qualquer caráter anímico ou divino. Ao ser reificada, a natureza pode ser dissecada, compreendida e manipulada, perdendo seu mistério. Os gregos antigos já buscavam conhecer a *phýsis* a fim de favorecer seu desenvolvimento. Conhecendo o potencial natural das sementes e das plantas, era possível ajudá-las a crescer e a dar frutos. Mas ainda existia um *limite* dado pela natureza e pelos deuses, que devia ser respeitado: uma planta não cresce até o infinito. Assim, a cultura era vista como o próprio *cultivo* da *phýsis*, logo, era um complemento da natureza (Zoja, 2000, p. 14). Mas no período moderno, ao se colocar como sujeito diante de um objeto inanimado, o pesquisador burguês busca romper qualquer limite dado pela natureza e pelos deuses. Agora ele próprio assume a posição de um deus transcendente para compreender e manipular de forma expansiva esse mundo objetificado, que já não pode mais ser venerado e cuja resistência deve ser ultrapassada.

Seria esse olhar moderno para o mundo, que separa sujeito de objeto, “coisa pensante” (*res cogitans*) de “coisa extensa” (*res extensae*), que estaria por trás das ciências clássicas e que resultaria na Revolução Industrial (século XVIII). Este é um evento que marca uma profunda modificação no modo como uma parcela da humanidade passa a se relacionar com a natureza e que acabaria por se disseminar do Oeste Europeu para os mais diversos cantos do planeta em um processo de colonização e globalização crescente ao longo dos séculos seguintes.

1.1. A Revolução Industrial e o Antropoceno

Vilém Flusser (1972, 2017b, 2019) parte de uma compreensão filosófica de que a humanidade produz cultura para se libertar das condições impostas pela natureza. O ser humano apreende coisas “sem forma” e “sem valor” advindas da natureza e as compreende, lhes dá forma e valor, transformando-as em cultura. Ao impregnar forma às coisas constantes da natureza (que se renovam ciclicamente) e ao criar bens culturais, o ser humano venceria a própria morte, deixando uma marca duradoura para a posteridade. Portanto, o objetivo da cultura seria perdurar no tempo e libertar o ser humano das condições impostas pela natureza (sobretudo a morte), abrigando-o de intempéries externas, espantosas e incontrolláveis. Esse seria o rumo do progresso: devorar natureza (incompreendida, sem valor e forma) e gerar cultura (compreendida, com valor e forma), visando à “liberdade”.

No entanto, é preciso ter em mente que os produtos da cultura (como energia elétrica, crenças, roupas da moda etc.) também geram um ambiente que passa a nos condicionar. O problema é que, a partir da Revolução Industrial, o progresso começou aos poucos a se automatizar e acelerar, ultrapassando o tempo humano para digerir os produtos ofertados pela indústria em larga escala. Conforme as máquinas passaram a devorar natureza e produzir bens e conteúdos ininterruptamente, com a finalidade de produzir sempre mais, um excedente cultural começou a exigir que a humanidade consumisse em velocidade crescente, descartando produtos culturais, que logo se tornavam “obsoletos”, ainda que não tivessem sido plenamente metabolizados. De tal modo, entre o Reino da Natureza e o Reino da Cultura, começou a se expandir o “Reino do Lixo”: um passado da cultura (material e ideal) mal digerido, com formas gastas, mas não totalmente para se reintegrar ao Reino da Natureza em um processo cíclico (Flusser, 1972). Então o filósofo tcheco chega à conclusão de que esse passado mal digerido começa a nos condicionar ainda mais do que a própria natureza ou mesmo do que a cultura:

Somos muito mais condicionados por carcaças de automóveis jogados fora, por radioatividade atmosférica de energias gastas, por comportamentos tribais há muito recalçados, por nacionalismos e ideologias recentemente consumidos, que por geladeiras, aparelhos de refrigeração, universidades e nações unidas (Flusser, 1972, p. 39).

De tal modo, desde a Revolução Industrial, conforme o ser humano foi se condicionando cada vez mais aos fluxos das máquinas (que ditam o tempo do trabalho, da folga, do consumo) e perdendo contato com os fluxos da natureza, conforme o Reino do Lixo foi inundando o nosso entorno, começamos a nos deparar com um mundo que se revelava cada vez mais feio e absurdo (Flusser, 2017a). O progresso, cujas rédeas perdemos a mão para uma automatização crescente, em vez de nos libertar, passou a desvelar sua face estúpida e destruidora ao nos encaminhar, aceleradamente, para o Reino do Lixo: “De maneira que podemos dizer que o engajamento em nossa cultura está se revelando atualmente como paulatina busca da morte, um suicídio que está se consumando (e consumindo) rápida e inevitavelmente” (Flusser, 1972, p. 46)

Nossa relação com a Terra mudou tanto desde então que muitos geógrafos consideram que a Revolução Industrial marcou o fim do Holoceno e a entrada no Antropoceno. Esse termo foi cunhado pelo biólogo Eugene Stoemer em 1980, e disseminado pelo químico Paul Crutzen no início dos anos 2000, pois ambos entenderam que as marcas humanas sobre o planeta já haviam se tornado profundas demais com o uso generalizado de combustíveis fósseis e a produção de mercadoria em larga escala.

Como Flusser (1972, 2017b) repara, nos dois últimos séculos tornou-se cada vez mais difícil discernir entre natureza, cultura e lixo. Se antes éramos jogados em um mundo natural

dado, que nos condicionava e nos espantava, e criávamos cultura para nos protegermos, nos libertarmos e vencermos a morte, hoje somos jogados em um mundo de máquinas e excrementos culturais absurdos, que nos condicionam, nos assombram e nos dirigem para a morte coletiva. A sexta extinção em massa já foi anunciada. Enquanto as extinções em massa anteriores foram desencadeadas por eventos naturais incontroláveis, a sexta extinção em massa foi desencadeada por ações antrópicas, pelo progresso que recebemos não poder mais controlar.

1.2. Imagens do “fim do mundo” e a arqueologia do lixo

Hoje pairam sobre o globo cenas, fotos, notícias, reportagens, relatórios, estudos, gráficos que nos indicam que o *nosso mundo*⁵ como o conhecemos está colapsando. Estão aí, dados, permeando as pesquisas científicas, os conteúdos midiáticos, as obras de arte, os debates políticos, as salas de aula e as conversas cotidianas. A maioria das pessoas que foram entrevistadas no presente estudo não chegou a indicar uma imagem ou um evento excepcional que a despertou para a crise de sustentabilidade. No entanto, ao longo das conversas, com recorrência surgiam descrições de imagens marcantes que evidenciavam o estado crítico da catástrofe ambiental que vivemos. Às vezes eram imagens que vinham dos grandes veículos midiáticos, por vezes da percepção imediata do próprio entorno, ou então de livros, conversas, de alguma vivência, aula ou curso. Eram imagens que iam se retroalimentando.

Imagem aqui é entendida não apenas como uma visualidade registrada em uma superfície externa. Mas como as diversas sensorialidades que captamos do mundo externo, em um trânsito constante com nosso mundo interno, como defende Norval Baitello (2014, p. 22):

Ao contrário do que postula a palavra em seu senso comum, uma imagem não se esgota apenas no sentido da visão: há imagens olfativas, auditivas, táteis, gustativas e proprioceptivas. Tampouco são as imagens apenas registros sobre suportes externos, pois o intenso e complexo trânsito entre registros no mundo exterior ao corpo humano e seu intrincado processamento interior é que merece ser observado (Hans Belting denomina-as imagens exógenas e imagens endógenas).

É esse complexo trânsito de imagens que nos interessa. Este trabalho não pretende tratar das imagens que predominam no ciberespaço e nas mídias eletrônicas. Mas das imagens mencionadas pelos entrevistados, que nos ajudam a captar um pouco do seu olhar para a crise de sustentabilidade. Hans Belting (2014) entende que é por meio da imagem que deciframos, compreendemos e nos orientamos no mundo, ao ordená-lo e ao lhe dar uma forma coesa:

⁵ O termo “nosso mundo” é muito utilizado por Mircea Eliade (2018, p.33), que entende que toda ideia de *mundo* é construída conforme fixamos os limites de um ambiente habitado, que passa a se tornar conhecido, significativo e no qual podemos nos orientar. Trata-se de um *Cosmos* ordenado, em contraposição ao *Caos* externo desconhecido, desordenado, sem limites e sem sentido.

Uma “imagem” é mais do que um produto da percepção. Surge como o resultado de uma simbolização pessoal ou coletiva. Tudo o que comparece ao olhar ou perante o olho interior pode deste modo aclarar-se através da imagem ou transformando-se numa imagem. Por isso o conceito de imagem, quando se toma a sério, só pode ser, em última análise, um conceito antropológico. Vivemos com imagens, compreendemos o mundo através de imagens. Esta referência viva à imagem prolonga-se e persiste, por assim dizer, na produção imaginal física, que organizamos no espaço social; semelhante produção relaciona-se com as imagens mentais, à maneira da pergunta e da resposta, para utilizarmos uma fórmula habitual (Belting, 2014, p. 21-2).

Portanto, é importante ter em mente que as imagens pelas quais uma pessoa decifra e entende o mundo não se restringem apenas ao que lhe chega pelos grandes aparatos midiáticos. Afinal, sua percepção de mundo é também construída pelas suas experiências diárias, pelas suas vivências anteriores, pelos diálogos que estabelece com o seu entorno e com aqueles com quem interage cotidianamente. Harry Pross (1980, 1989) foi um dos primeiros que propôs um modo ecológico para compreendermos a comunicação, ao defender um estudo sobre as redes de vínculos tecidas desde a primeira infância, sobre as experiências primárias a partir do próprio corpo em relação com o espaço-tempo, que afetam o modo como organizamos e significamos o *nosso mundo*, como ordenamos o caos que nos cerca, em outras palavras, como o imaginamos.

De tal modo, para estudar ecologicamente as imagens que povoam os ambientes familiares de ativistas, não basta olhar para as imagens superficiais que predominam nas telas de forma coercitiva. É preciso investigar como cada pessoa processa essas imagens, como as relaciona com as imagens do seu entorno imediato, com suas experiências primárias e cotidianas e também com as imagens arcaicas que permeiam nossa cultura. Afinal, como Pross (1980, p. 63) enfatiza, até os símbolos mais egocêntricos são, de algum modo, históricos, já que o ser humano é um ser comunicativo e se funda na mediação com seus outros.

Assim, uma ecologia da comunicação e da cultura pede por uma arqueologia das imagens. Ao entender o lixo como passado da cultura que foi descartado e desprezado (sem ser totalmente digerido), Flusser (1972) defende que recorramos a ciências arqueológicas para lidarmos com esse passado recalçado, a fim de libertarmos-nos dos “determinismos” impostos pelo lixo, tanto material quanto ideal. Nesse sentido, não só a arqueologia em si é uma ciência arqueológica, mas também a própria ecologia, assim como a psicologia e a mitologia, que lidam com imagens e experiências arcaicas, que, mesmo soterradas em camadas profundas, se fazem presentes no modo como olhamos, significamos, imaginamos, valorizamos e nos vinculamos com o entorno. Por isso que a psicologia arquetípica de James Hillman, em consonância com os estudos mitológicos de Juno de Souza Brandão (entre outros), oferece suporte para compreendermos um pouco sobre as imagens que povoam o *oikos* (interno e externo) daqueles que concederam entrevista para a presente pesquisa.

A mitologia grega ainda merece ser revisitada. Tanto por sua riqueza imagética, ao incorporar mitos e divindades indo-europeias, asiáticas, cretenses, mantendo-se aberta a múltiplas variantes ao longo de milhares de anos em que foi sendo transmitida oralmente. Mas também por estar na base fundante de muitas visões de mundo que surgiram após o período clássico e se alastraram pelo globo. Ela ainda se manifesta (explicitamente ou disfarçadamente) em nossos sistemas de valores, narrativas, comportamento, organização social, ciência, jogos, obras de artes, enfim, na nossa cosmovisão. Carl Jung nos lembra que os deuses não morreram:

Congratulamo-nos por haver atingido um tal grau de clareza, deixando para trás todos esses deuses fantasmagóricos. Abandonamos, no entanto, apenas os espectros verbais, *não os fatos psíquicos responsáveis pelo nascimento dos deuses*. Ainda estamos tão possuídos pelos conteúdos psíquicos autônomos, como se estes fossem deuses. Atualmente eles são chamados: fobias, obsessões, e assim por diante; numa palavra, sintomas neuróticos. Os deuses tornaram-se doenças (Jung, 2021, p. 55).

Nas palavras de Hillman (1993, p. 68): “(...) embora tenhamos esquecido os Deuses, eles não nos ignoram. Ainda estamos sujeitos à sua possessão arquetípica”. E Luigi Zoja (2000, p. 13) completa: “Numa época, eram experimentados como entidades externas; hoje, psicologicamente, como impulsos interiores mais fortes que a intenção consciente”. Para dar uma vazão mais saudável a tais “impulsos” e “possessões arquetípicas” é importante tentar tomar consciência da existência dos deuses e de seus mitos reprimidos (mas ainda vivos) tanto no nosso interior quanto no exterior. Afinal, como Hillman insiste em suas obras: deuses, ninfas, anjos e demônios não são meras criações subjetivas projetadas por nossa mente sobre um mundo objetivo e apático, mas são o modo como o próprio mundo se manifesta (como uma epifania), e nós o percebemos instintivamente (num intercâmbio constante entre o dentro e o fora, como qualquer imagem):

Por acaso poderíamos retroceder no tempo e nos afastar das pretensões de um ego temeroso que desejaria colocar cada átomo da natureza sob seu controle? Nesse caso, nos daríamos conta, mais uma vez, de que não somos a fonte dos deuses personificados. Nós não os inventamos mais do que não inventamos os sons que ouvimos nos bosques, nem as pegadas na areia, nem a pressão pesando em nosso peito (Hillman, 2015, p. 40).

Quando um olhar extremamente objetivo, abstrato e conceitual parece ter nos afastado do mundo vivo, da *phýsis* grega, que desmorona ao nosso redor, recorrer a imagens e mitos (a linguagem natural da psique) pode ser uma via salutar na busca de conciliar nossa alma com o entorno. Portanto, no presente estudo, os mitos podem ajudar a captar algumas camadas mais profundas e coletivas das imagens da crise ecológica que provocam as famílias participantes desta pesquisa.

1.3. O “macro” ambiente entre 2019 e 2023

Antes de embarcarmos nas imagens compartilhadas pelos entrevistados desse estudo, é fundamental dar atenção ao período histórico em que essas entrevistas ocorreram, pois os acontecimentos políticos, econômicos, sociais e ambientais, em escala nacional e global, evidentemente interferiram no ânimo e nas percepções compartilhadas por cada participante (afinal, nosso ambiente afeta o nosso olhar para o mundo). Uma entrevistada ressaltou como até o clima da semana a afetava, pois disse que costumava sentir-se mais positiva quando estava mais fresco, e mais aflita durante o calor (o que a remetia ao aquecimento global).

Para captar o espírito da época em que essas entrevistas aconteceram, podemos mencionar alguns eventos globais e nacionais que pareceram impactar as impressões compartilhadas. O primeiro que vale citar são as greves escolares pelo clima, que começaram no final de 2018, quando a jovem ativista Greta Thunberg (com 15 anos na época) decidiu faltar nas aulas para ficar em frente ao parlamento de Estocolmo, exigindo ações mais efetivas no combate às mudanças climáticas até as eleições gerais da Suécia, que aconteceriam em setembro daquele ano. Após as eleições, ela manteve o ritual toda sexta-feira, chamando a atenção de vários jovens e adultos, que começaram a se inspirar e aderir ao movimento. Em 2019 já havia surgido vários novos grupos de ativismo ambiental espalhados pelo globo, sendo um dos principais o *Fridays For Future*, desencadeado pelas greves escolares de Greta. O *Famílias pelo Clima*, inclusive, é um grupo brasileiro que surgiu como braço do *Parents For Future*, movimento global formado por mães e pais que queriam dar suporte ao ativismo dos jovens do *Fridays For Future*.

Ainda em 2019, Greta Thunberg impactou o mundo quando viajou em um barco à vela movido à energia solar até Nova York para discursar nas Nações Unidas, tendo a fala repercutida por diversos cantos do planeta. Em setembro desse mesmo ano, aconteceram greves climáticas em mais de 150 países. No Brasil uma multidão tomou as ruas em várias capitais, em protesto contra os incêndios florestais da Amazônia e contra a política ambiental do governo Jair Bolsonaro (eleito no final de 2018). Portanto, no início de 2020 parecia existir uma euforia e grandes expectativas em torno do movimento ambiental. Nas três entrevistas que aconteceram nesse período, foi possível captar um ânimo maior na fala dos participantes, ainda que houvesse muita decepção em relação ao governo da época.

Contudo, ainda em 2020, a covid-19 (cujos primeiros surtos ocorreram na China, em dezembro do ano anterior) já havia se espalhado por todo o globo (em uma velocidade maior que o movimento climático), sendo que em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde declarou a pandemia de coronavírus. O isolamento social (como uma medida para evitar a

expansão acelerada do vírus) ainda não parecia ter arrasado com o ânimo daqueles que foram entrevistados naqueles primeiros meses de pandemia. Porém, depois de dois anos (que arrefeceram o movimento e as greves climáticas), era perceptível como o vírus, o isolamento social e as discussões políticas, que se desdobraram a partir dali, foram fortes fatores de desgaste. Muitos entrevistados atrelaram o estresse e o pessimismo diante da crise de sustentabilidade ao modo como a pandemia foi vivenciada e ao governo de direita, que havia desestruturado diversos órgãos de fiscalização ambiental. Uma adolescente de 13 anos, entrevistada em junho de 2022, chegou a declarar: “Nossa, em 2019 eu estava no pico da positividade. Eu, na minha cabeça, né, eu era positiva. Tipo, eu estava tentando ser positiva. Tinha várias ideias... Agora hoje em dia, sabe...”.

Um último evento que é importante citar foram as disputas presidenciais acirradas em 2022. A maioria das entrevistas se concentrou justamente nos meses de setembro e outubro, quando o clima das eleições estava bastante intenso. Antes do primeiro turno, parecia haver grandes expectativas de mudança. Entre o primeiro e o segundo turno, era possível captar tanto uma frustração em relação aos primeiros resultados, quanto uma “tensão no ar” a respeito do que aconteceria nas próximas semanas. Já nas entrevistas após o segundo turno, alguma esperança parecia ter sido recobrada.

Em meio a tantas conturbações, muitos entrevistados pareciam já ter encontrado uma forma de dar vazão ao seu sofrimento, às suas preocupações e às suas angústias agindo. São pessoas que descobriram possíveis caminhos para se posicionar na batalha contra a insustentabilidade planetária, ainda que tantas vezes esses caminhos parecessem não levar a lugar algum. Outros ainda pareciam perdidos, tateando, buscando algum modo pelo qual pudessem se inserir mais ativamente na luta, investigando dentro de si e ao redor um jeito próprio para contribuir na construção de um mundo um pouco mais ecológico. Um ou outro admitia estar em uma fase de desânimo, sem expectativas. Mas todos trouxeram imagens muito vivas para descrever a crise ecológica que os atormentava.

Nos próximos capítulos serão apresentadas algumas dessas imagens. Ao associá-las a certas imagens coletivas arcaicas (que revelam o modo como sentimos instintivamente o mundo a nossa volta), perceberemos como as divindades que se manifestam na *phýsis* (dando-lhe uma forma imagética, coesa e pessoal) também parecem agoniar e ruir. Nesse percurso, nos depararemos, então, com o problema da abstração e com o titanismo, com a nossa crescente incapacidade para imaginar e conter em uma forma coesa e anímica o mundo que nos abriga.

2. IMAGENS DO MUNDO FÍSICO EM COLAPSO (*A morsa sem chão*)

Uma população gigantesca de morsas se aglomera em um trecho do litoral norte da Rússia. Elas se espremem para caber naquela praia, que parece não suportar mais um único corpo. Algumas morsas já ocupam as encostas de elevados rochedos do local. Em dado momento um dos rochedos parece incapaz de sustentar por mais tempo o peso de uma das morsas que lá procurava se aninhar. Finalmente a rocha se desprende do penhasco, o chão desaba sob o corpo da morsa, e ela cai rumo à morte.

Nas entrevistas realizadas para o presente estudo, duas irmãs parecem se referir a essa cena do *Nosso Planeta* (2019) como uma das imagens que mais chocou a mais nova (11 anos) quando assistiu a essa série documental junto com a família aos 8 anos de idade. Na primeira entrevista (2020), a mãe das meninas lembra que quando assistiu ao documentário a filha ficou muito impressionada e abalada ao ponto de chorar: “Foi tipo: nossa tem uma coisa muito grave acontecendo”. Segundo mãe e filha, foi quando a garota começou a “se conectar”.

Na segunda entrevista (2022), agora só com as meninas, as irmãs recordam do documentário, e em dado momento a mais nova comenta: “Teve vezes que eu já não quis mais assistir a um documentário de clima por conta do choque que você tem, né?”. Logo em seguida, a mais velha (13 anos) explica:

Mas é porque esse que ela tá falando é um documentário que era bem pesado, sabe? Porque a realidade é pesada. Então... Mas quando mostra isso num documentário, é muito difícil de ver. E eu lembro que teve isso. A [minha irmã] nem quis assistir direito, porque ela começou a ver e ficou muito assustada.

2.1. Degelo e queda (*Expulsos do paraíso*)

O derretimento acelerado do gelo marinho no Ártico (cuja forma se dissolve no caos amorfo das profundas águas primordiais) é um fenômeno que tem assustado bastante nos últimos anos. O professor da Universidade Estadual do Ceará Alexandre Costa, em um curso de extensão online⁶, explica que esse é um dos ecossistemas mais próximos do ponto de não retorno⁷ devido à crise climática. Somos cada vez mais impactados por imagens de geleiras que desmoronam no oceano ou de ursos polares ilhados em um pedaço de gelo flutuando à deriva

⁶ Curso de Extensão - Emergência Climática, 2022. Curso oferecido pelo canal *O Que Você Faria se Soubesse o Que Eu Sei?* (2022), com apoio e certificados emitidos pela Universidade Estadual do Ceará. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL4ddnkqDVj5MdCdiXQY-WTfCfU3DxBdx0>. Acesso em: 10 mai. 2023.

⁷ Quando uma situação chega a um determinado limite em que não é mais possível revertê-la, voltar ao seu estado anterior. Por vezes chamado de *tipping point*, ponto de virada, de inflexão, em que a “queda” é irreversível.

no mar. As irmãs também chegaram a se referir a esse tipo de cena: “Os ursos polares, aquelas imagens chocantes! (...) Até dos ursos polares presos nas geleiras longe das calotas polares”.

Um menino de 11 anos também se referiu às imagens do derretimento das calotas polares como um evento associado às mudanças climáticas: “Do nada racha o negócio assim (...) porque rachou o continente inteiro. Então é um negócio bem complicado.” Ao ser indagado se isso o assustava, ele explicou que sentia medo pelos animais que viviam naquela região. A mãe, que estava junto do menino, aproveitou o momento para esclarecer sobre a corrente de efeitos que seria desencadeada com o degelo do Ártico. O menino, então, se surpreende:

Caramba, só de um pedacinho cair já cai a torre toda! Parece que as calotas polares é tipo aquele jogo de negócio que você tem que ir tirando. Parece que ela tá mais ou menos aqui (*faz o gesto com a mão demonstrando a altura da torre, e com a outra mão indica o lugar em que estariam as calotas polares, mais perto da base da torre. E faz o gesto de tirar uma peça*) E que você tira e crrrr (*som de desmoronamento*).

Compreendendo a interconexão dos nossos ecossistemas, o menino recorre à imagem do Jenga, um objeto concreto e lúdico, comum no repertório de tantas crianças, uma imagem que se revela bastante didática. O objetivo desse jogo é aumentar cada vez mais a altura da torre do Jenga. De tal modo, ele nos remete à “conquista da vertical” que almejamos desde os nossos primeiros anos de vida. Harry Pross (1989) repara como buscamos nos erguer verticalmente desde a primeira infância, quando tentamos nos equilibrar sobre duas pernas para ampliar o horizonte, nosso o campo de visão e ação, e poder dominar tudo que está abaixo. Não à toa os andares superiores de um prédio ou os terrenos mais elevados de uma cidade costumam ser os mais valorizados. Mas buscamos conquistar a vertical não apenas fisicamente. Essa relação com o espaço também se manifesta simbolicamente na “sociedade de classes”, nos ambientes acadêmicos e profissionais, que nos ensinam a estar sempre “subindo novos degraus” para conquistar espaços mais altos e privilegiados. Essa busca pela vertical também se manifesta em diversas mitologias arcaicas, que colocam a morada dos deuses no céu e ensinam que devemos subir por uma escadaria alta e estreita, como fez Jacó no Gênesis, para não sucumbir ao mundo telúrico, ao dragão ao pé da escadaria, o mal, que deve ser derrotado⁸.

Quando decodificamos o mundo de tal modo e nos organizamos verticalmente, os seres humanos passam a se opor uns aos outros. “Abaixo está o mal, acima, o bom. Quem ascendeu a escadaria do sucesso não pode voltar para baixo e ser seu próprio dragão. Pra isso dispõe de outros que cuidam fisicamente para que o pé da escada permaneça inacessível” (Pross, 1989,

⁸ Apolo também vence o dragão Píton em Delfos, monstro nascido da Terra que remete às trevas e às forças ctônicas. “Seja como for, o dragão, que simboliza a *autoctonia* e ‘a soberania primordial das potências telúricas’ e que, por isso mesmo, protegia o Oráculo de *Geia*, a Terra Primordial, foi morto por Apolo, um deus patrilíneo, solar, que levou de vencida uma potência matrilinear, telúrica, ligada às trevas” (Brandão, 2015, v.2, p. 96-7)

p. 25, *tradução da autora*). Isso implica segregação social e sobreposição de uns sobre os outros, em vez de solidariedade, coexistência e ajuda mútua. Entendemos que devemos estar “acima” de outras pessoas, de outras espécies e da própria Terra, que deve ser subjugada para “elevarmos” nossa civilização, para “progredirmos” e “ascendermos ao céu” (simbolicamente e literalmente, como ocorre nas viagens espaciais).

Mas a imagem do Jenga pode ser mais elucidativa ao nos ensinar sobre os riscos dessa ascensão desenfreada. Para que a torre do Jenga possa crescer, é preciso retirar peças de lugares aleatórios dos andares de baixo para construir os andares superiores (do mesmo modo como precisamos extrair recursos das profundezas da Terra para construir e abastecer nossos prédios, fábricas, hidrelétricas, aviões e naves que nos levem para o “céu”). No entanto, chega um momento do jogo em que a torre inevitavelmente não pode mais se sustentar e ela desaba. Assim, o jogo nos recorda do que pode ocorrer quando tentamos crescer ininterruptamente, sem qualquer limite.

Essa torre que desaba lembra os morros de gelo que desmoronam no Ártico, a morsa que despenca do rochedo, ou mesmo os barrancos que desabam quando chove torrencialmente, uma imagem que vem se tornando mais comum nos noticiários latino-americanos. A torre que desaba também nos permite recordar da nossa própria “queda”, quando fomos expulsos do “paraíso”, da primeira casa que nos sustentava (após rompermos o limite divino)⁹. Percebe-se que os espaços que nos abrigavam estão “derretendo” e perdendo sua forma, sua solidez acolhedora. Como resultado, nos encontramos em uma nova “queda”, um novo tipo de “expulsão do paraíso”, após tentarmos elevar demasiadamente a nossa “torre” rumo às alturas titânicas do “progresso”. A insustentabilidade do nosso *oikos* se manifesta no chão que se abre debaixo dos nossos pés¹⁰.

⁹ A “queda” também é uma imagem forte que aparece na mitologia yanomami. Davi Kopenawa explica que o céu já caiu sobre os antigos há muito tempo, “arremessando-os para o subterrâneo” (Kopenawa e Albert, 2015, p. 195). *Omama* projetou, então, um céu mais sólido, que não desmanchasse tão facilmente. Mas esse céu às vezes treme e Kopenawa avisa que, quando não houver mais xamãs que enviem seus *xapiri* para reforçar os alicerces que sustentam o céu, ele despencará sobre nós.

¹⁰ O antropólogo e anatomista Ashley Montagu (1988) fala sobre a importância da tatilidade e do contato com coisas concretas para termos segurança em uma realidade externa, que nos ampara, como é o colo materno nos primeiros anos de vida. Montagu, inclusive, repara como os bebês símios costumam ficar agarrados ao corpo da mãe nos primeiros meses de vida, em quem sempre se penduram em momentos de perigo - algo já verificado pelos experimentos do casal Harlow (1971) com macacos *rhesus*, em que perceberam a importância de um colo acolhedor e aconchegante na vinculação afetiva de um filhote com sua mãe, principalmente quando está assustado. O mesmo ocorre com um bebê humano, que gosta de ficar agarrado à mãe e corre para abraçá-la para se sentir seguro. Buscamos uma “mão amiga” até na fase adulta, quando estamos com medo ou ansiosos. A tatilidade oferece segurança e tranquilidade. Montagu (1988, p. 264) ainda coloca: “Para os que não tiveram colo suficientemente amoroso e seguro em seus primeiros anos de vida, o medo de cair não é uma decorrência inesperada em épocas posteriores da vida”. É comum sentirem ansiedade a respeito de perderem controle do próprio corpo e de suas sensações, como estivessem “afundando”.

Contudo, essa “expulsão” nem sempre ocorre no formato de uma “queda”. Em alguns depoimentos houve referências a outros tipos de expulsão. As irmãs, por exemplo, se lembraram do desamparo de tantos animais durante as queimadas do Pantanal. Outra garota, de 9 anos, comentou inconformada sobre os indígenas que estão sendo expulsos de seus territórios:

Eu acho isso muito triste, porque muitas pessoas querem ocupar essa área onde estão e, tipo, eles estão lá. Eles já estão. Eles estão naquele território. Tem muitos outros territórios que não estão ocupados. E muitas pessoas, ainda assim, querem ocupar os territórios onde os indígenas estão morando. É como se tirassem a sua casa de você. Você já tá ali. Você já tá ali. Você não quer sair. Então é bem triste.

Esses depoimentos escancaram a percepção da perda de lar. Indígenas, animais silvestres, ursos polares, morsas estão perdendo seu chão. Além de vários refugiados, que precisam abandonar suas casas porque o oceano está avançando sobre seu território, porque sua cidade está alagando, ou porque uma tempestade destruiu tudo o que tinham. Nossa casa está ruindo. E isso pode ser percebido não apenas nas telas.

2.2. Tempestades e a casa fragilizada (*Héstia sob ameaça*)

A insustentabilidade do nosso *oikos* não se manifesta somente nas imagens de ecossistemas distantes rachando e desabando, que nos chegam pelos aparatos midiáticos. Algumas pessoas sentem que seu próprio *oikos*, o chão que as sustenta, está sob ameaça. O depoimento mais claro e direto sobre a vulnerabilidade da sua casa concreta foi de uma jovem de 18 anos, a única entrevistada negra, moradora da periferia da zona leste de São Paulo (SP). Ela cresceu em um bairro conhecido como “Pantanal”, assim batizado porque sempre alagava quando chovia. Ela se acostumou com o cenário de enchentes invadindo sua casa. Aquilo era o “normal” para ela durante a infância. Mesmo assim, admite que ainda pequena se questionava:

Por que é que eu tenho que ter medo da chuva? Por que é que eu tenho que perder os meus móveis? Por que é que meu brinquedo está todo sujo de lama depois que choveu, sabe, dentro de casa? Ou por que é que a gente tem que ir pro andar de cima correndo quando chove, sabe, entrar em desespero?

Esse tipo de imagem nos remete ao “dilúvio”, como ocorre no mito de Noé ou de Atlântida, em que a água, com sua informidade caótica, toma nosso mundo concreto e sólido. Mircea Eliade escreve sobre esse simbolismo da água e do “dilúvio”, que em muitas tradições aparece como um cataclisma que põe fim a uma “humanidade”: “A Água ‘mata’ por excelência: dissolve, abole toda forma” (Eliade, 2018, p. 114).

E não só pessoas que moram em área de risco descrevem o horror diante das tempestades que invadem sua casa. Uma mãe que vive em uma pequena cidade do Rio Grande do Sul conta:

“Aqui no verão, no último verão, teve pelo menos três tempestades que foram horríveis. Teve gente que ficou sem telhado. Um monte de gente perdeu a casa e tal”. Ela ainda explica como os filhos costumam ficar assustados durante essas ocasiões:

Da última vez foi até engraçado... (*riso nervoso*) Que nessa última chuva que teve, que derrubou os telhados dos vizinhos aqui... Gente, ficava todo mundo olhando pro meu telhado (*riso nervoso*). O [meu filho] começou a ficar nervoso e começou a falar: “Ah, meu deus do céu! A gente vai morrer, a gente vai morrer!” E eu: “Cala a boca!” Eu falei: “Não vai morrer! Ninguém vai morrer!” (*ri*) Tipo, todo mundo muito nervoso com a situação.

O ser humano aprendeu a construir casa (cultura) para se proteger das intempéries da natureza externa. Ginette Paris nos fala da casa como lugar da intimidade familiar e como abrigo do tumulto exterior, pois Héstia, a deusa do *oikos*, do *nosso* lar, “protege, recebe e dá segurança” (Paris, 1994, p. 218). Trata-se da segurança relacionada “à estabilidade, à tradição e à preservação de bens que nos sustentam em tempos difíceis” (*ibid.*, p. 233). De tal modo Héstia permitiria estabelecer um *centro* seguro, estável e familiar em meio ao *caos* exterior. Por isso essa deusa está relacionada ao “centro do mundo”, do *nosso mundo*. Mircea Eliade (2018) trata desse “centro sagrado” que estabelecemos sempre que fixamos uma morada. Esse centro projeta um ponto fixo no meio da fluidez caótica do “espaço profano”. É a partir desse eixo, que se torna possível a orientação no mundo, criando um cosmos ordenado. Portanto, quando Héstia está sob risco, sentimos abalar os alicerces centrais que nos sustentam, nos protegem e nos dão força para enfrentar e dar sentido aos turbilhões que nos cercam.

2.3. Tempo seco e incêndios florestais (*Ninfas secas e incineradas*)

Esse “centro sagrado” não se limita apenas às nossas moradas particulares¹¹. Toda cidade, vila ou aldeia estabelece um ponto fixo no espaço capaz de nos coordenar, transformando o *caos* em um *cosmos* (Eliade, 2018). Com isso, mesmo quando nossas casas e nossos tetos particulares se mantêm firmes, sentimos nosso eixo se abalar a partir do momento em que os lugares coletivos que vivenciamos desde pequenos, que nos davam acolhimento e familiaridade, começam a passar por transformações que nos “tiram o chão” (Flusser, 2007).

Além das “tempestades absurdas”, nunca antes vistas, outro evento meteorológico extremo que também foi citado como algo bastante impactante foram as secas prolongadas. Assim recorda um pai, que morou a vida toda no Rio de Janeiro (RJ):

¹¹ Hanna Arendt (2019) repara como o domínio da deusa Héstia ou Vesta, assim como a noção de *oikos*, a esfera do lar e da família, se expandiu desde o Império Romano, ao deixar de se limitar apenas ao espaço privado e ao abranger os espaços coletivos, as cidades, não mais se contrastando com a ideia de *pólis*, como espaço público.

Eu tenho assim uma percepção de que uns anos atrás nós tivemos uma seca de uns três anos, sei lá, por aí, que absolutamente não chovia, uma coisa, assim, pra mim... Foi, assim, uma coisa nova na minha memória de cidade. Inclusive riacho, aqui perto de casa, totalmente seco durante meses. Isso foi uma coisa que me chocou. E ali eu vi que realmente existem mudanças que estão ocorrendo, que não sei se são reversíveis ou irreversíveis, mas são muito preocupantes.

Outra mãe, que mora na cidade de São Paulo, mas cujos pais têm uma fazenda no interior do estado, explica como as secas se tornam ainda mais perceptíveis nas áreas rurais:

Meus pais viram muito isso. Na fazenda caiu, diminuiu o índice de chuvas 75% em quatro anos. Dez anos. É muita coisa para agricultura. Eles começaram a sentir na pele. Tipo café, que é uma cultura que tem duas floradas... Às vezes a gente tem cinco floradas. Então, acho que eles começaram a sentir muito na pele esse negócio das mudanças climáticas, que eu acho que é uma coisa que quando você está na cidade você sente muito menos, porque as coisas estão... Você tem menos conexão com o todo da natureza, com os fluxos naturais.

Tanto esse pai quanto essa mãe também falaram das queimadas que presenciaram devido à estiagem prolongada e ao calor. Assim relata o entrevistado do Rio de Janeiro:

E o morro aqui da Lagoa Rodrigo de Freitas inteiro em chamas, que é uma coisa assim que, pra mim, nunca vi nada igual (...) por causa da secura, do calor. E aí algum balão, sei lá o que ocorreu. Mas o morro todo pegando fogo na mata. É um morro enorme que a gente vê aqui do prédio. Nós subimos até o terraço... Eu vou falar que parecia um efeito especial de filme. Sabe, assim? Era um negócio muito chocante! E também nós indo para Vassouras, que é para dentro do estado (...) E essa sensação de andar duas horas e meia, três horas para dentro do estado, enquanto você vê queimar... Mato queimando e parte de floresta queimando pelo caminho todo. E eu nunca vi isso na minha vida, então... Esses foram os eventos que ficaram, assim, gravados na minha memória e de como isso realmente está aí, acontecendo.

Já a entrevistada que frequenta a fazenda de seus pais desde pequena diz temer bastante por pensar que seu refúgio da infância, sua “principal memória afetiva”, possa desaparecer: “Ninguém garante que a Fazenda vai estar do jeito que ela é, com aquele verde”. E descreve a grande aflição que costuma sentir diante dos incêndios florestais próximos à fazenda:

O fogo tem barulho, gente. Fogo tem barulho de morte. Assim. Você está perto de uma queimada grande... Ele arde não só na temperatura. Ele faz barulho, ele cai assim... No ano passado, caía cinza do céu. O céu tinha cara de... O dia parecia morte. Sabe? Era um dia árido. Então, acho que isso influencia muito. E pra mim pelo menos influenciou muito no meu estado de espírito.

O fogo, bem como a água, destrói ao abolir as formas. Os dois elementos podem apresentar dimensões regenerativas e purificantes após dissolver as formas, permitindo a renovação. Contudo, nesses depoimentos revela-se predominantemente o aspecto mortal, infernal e destrutivo do fogo pela falta de chuva em regiões que costumavam ser mais úmidas.

Todos sabem e sentem que a umidade é essencial para a vida. A água irriga e fertiliza a terra. Para os gregos, as ninfas são as divindades ligadas a esses dois elementos: *água e terra*,

que unidas formam uma “força geradora que preside a reprodução e a fecundidade da natureza tanto animal quanto vegetal” (Brandão, 2015, vol. I, p. 224). Sempre jovens, elas coincidem com a perpétua renovação da natureza, que propicia tudo aos seres humanos. Mas quando os riachos e as florestas secam, as ninfas murcham e podem não voltar a se renovar ciclicamente.

Uma mãe que vive em Atibaia, em São Paulo, também mencionou as queimadas recorrentes na região. Ela e sua filha dizem que às vezes percebem quando tem incêndio devido à fuligem que chega eventualmente: “O cheiro fica ruim de respirar”. Mesmo sem presenciar as queimadas, é possível sentir seus efeitos, ainda mais quando os ventos trazem suas cinzas. Vários entrevistados que moram na região metropolitana de São Paulo recordaram do choque que sentiram quando o céu escureceu com as nuvens de fuligem que vieram das queimadas da Amazônia no final de agosto de 2019. Um evento digno do fim dos tempos, quando as trevas avançam obstruindo a luz do dia.

2.4. Perda das estações e do tempo cíclico (*Extinção das Horas*)

Muitos entrevistados também se referiram à perda das estações e às mudanças bruscas de temperatura como sintomas associados às mudanças climáticas. Algumas das crianças falaram das memórias dos pais ou dos professores, que se recordam de quando as estações eram mais bem definidas, e como agora está tudo bagunçado: “No inverno calor, e no verão tipo um frio assim”. Uma mãe admite: “Eu não sei como explicar para os meus filhos o que é o verão e inverno”. E descreve como essa “perda de estações” a perturba:

A vida é feita de incertezas. Mas as mudanças do clima mudam o que a gente antes tinha por certo. Que eram os ritmos e os fluxos da natureza. E eu comecei a perceber isso. Foi uma das coisas que eu demorei pra perceber que estava me causando ansiedade. Que assim, nosso ano passava: juuum! Cara, não é possível que de repente o ano passou tanto! E não é só as férias. Daí acho que na terapia eu fui vendo que parte da minha angústia também tem a ver com o fato de que eu já sinto isso no meu dia a dia quando eu não tenho mais estações. As estações servem para também coordenar os nossos fluxos do ano, né. Como quando o que é quente, quando o que é frio, quando está perto do Natal, quando está perto do fim do ano, quando... O clima é uma forma de mostrar. Então isso foi um dos pontos que também me causou mais angústia.

Como essa mãe repara, as estações marcam a passagem do tempo natural e social. O outono segue o verão secando as folhas. Mas a vida se renova após o inverno, quando a primavera regenera o verde das árvores. Daí surge o tempo cíclico, familiar, que permite nos situarmos no ano. As Horas, para os antigos gregos, são as divindades que personificam essas passagens: as *estações* e o próprio *ano*. São elas: *Eunômia*, a Disciplina; *Dique*, a Justiça, e *Irene*, a Paz. Essas três faces caracterizam as estações, que estabelecem uma ordem coesa para a natureza no ciclo de um ano, garantindo o equilíbrio e a tranquilidade. “No mito, elas se

apresentam sob duplo aspecto: como divindades da natureza, presidem ao ciclo da vegetação, como divindades da ordem, asseguram o equilíbrio da sociedade” (Brandão, 2015, vol.II, p. 34). Portanto, a crise climática ameaça extinguir as Horas, que regem nosso tempo cíclico.

Mircea Eliade destaca a importância desse tempo cíclico, que permite a renovação do cosmos e das energias individuais. Tanto que para muitas culturas a palavra que designa *ano* também designa *mundo*. Um *ano novo* representa um *mundo novo*, o que garante a regeneração (Eliade, 2018, p. 69). Perder o tempo cíclico é perder o tempo cósmico, que dá coesão ao nosso mundo, às nossas vidas e aos nossos fluxos naturais e sociais.

Sem as estações que marcam a passagem do ano, seguimos por um tempo linear, confuso, caótico, que parece vagar em direção à entropia, impossibilitando a regeneração do *nosso mundo*. A partir daí, os ciclos sociais só podem ser coordenados pelo calendário imposto artificialmente e verticalmente pelos grandes canais midiáticos, pelo mercado de trabalho, pela indústria, por interesses financeiros, pela lógica econômica do progresso ininterrupto (que corre sempre em direção ao Reino do Lixo), e não mais pelo tempo da vida subjetiva, pelo tempo cósmico, pelo culto à “natureza” e aos deuses (Pross, 1989).

2.5. Mais lixo do que peixes no mar (*Afrodite esterilizada*)

Enquanto muitos adultos se referiram a percepções das mudanças climáticas, a maioria das crianças parecia se sentir mais à vontade para discorrer sobre o problema do lixo, algo mais concreto e visível. Ao ser indagada sobre o que entendia como “natureza”, uma menina de 5 anos imediatamente começou a falar sobre poluição: “De natureza eu entendo que um monte de pessoa polui. Aí a gente tem que plantar muito mais pra conseguir mais natureza”.

Essa menina mora em Niterói, no Rio de Janeiro, perto de uma praia da Baía de Guanabara. Segundo a mãe, não era possível entrar no mar devido à poluição extrema. A menina contou que o que mais gostava de fazer na praia era justamente “tomar banho no mar”, mas logo explicou indignada: “A praia de Icaraí tá toda poluída!”. Inclusive foi curioso que, ao longo da entrevista, a mãe se surpreendeu ao descobrir que a filha não gostava de ir à praia, ainda mais quando não podia levar brinquedos. A garota explicou que ficava triste por não poder mergulhar, algo que provavelmente tirava o prazer de ir à praia. A própria mãe admitiu: “É muito louco você ir à praia e não se molhar. Como é que é isso?”. Em outro momento também se indignou sobre as experiências das quais ela e a filha estão sendo privadas:

Eu tenho tudo aqui perto, uma praia de baía, então uma praia que eu não preciso me preocupar se ela vai entrar na água, quase uma piscina. E ao mesmo tempo, assim, eu não posso usar, sabe? Eu tenho medo de usar, de ela pegar alguma coisa, de eu pegar alguma coisa. Então é muito triste.

Essa fala confirma o diagnóstico de Vilém Flusser (1972) sobre o Reino Lixo: hoje uma criança é jogada em um mundo poluído, que lhe é dado como condição, o qual ela não deliberou. Constatamos isso também no depoimento de outra garota, de 10 anos, que costuma passar as férias com o seu avô, que mora em Maceió (AL), e reclama sobre a poluição nas praias: “Nossa, todo lugar que eu piso ou tem plástico ou tem vidro ou tem um monte de coisa (...). Nossa, horrível, horrível, horrível! E ainda uns tempos atrás, teve esse surto de petróleo, né, no meio das praias. Petróleo!”. Nesse momento ela faz uma careta dramática a fim de expressar sua indignação. E diz que esse episódio do vazamento de petróleo a desesperou bastante: “Mesmo por causa dos animais, né. Porque imagina o peixe está lá nadando normalzinho e do nada vê um monte de petróleo! Petróleo! As tartarugas com os canudinhos no mar. Nossa! Golfinho com aquelas redes do capeta. Nossa, tenho tanta raiva! Tanta raiva!”.

A mãe dessa menina é formada em biologia marinha e sempre teve carinho pelo oceano e animais marinhos, principalmente pelos golfinhos. Ela ficou um tempo contando sobre os sons de uma espécie de boto cinza que estudou durante o seu trabalho de conclusão de curso. E comenta que compartilhou algumas experiências do seu estudo com os filhos, pequenos na época da sua graduação. Diz que eles ainda têm recordações desse período, e que agora contava aos dois como essa espécie que estudou está desaparecendo:

Devastado no sentido assim: apareciam uns 500 bichos, hoje em dia está aparecendo 20. Tipo, em menos de 20 anos, 16. Não parece. Quer dizer, é uma devastação assim, sem precedentes, né? Então, tipo, talvez só na época em que o dinossauro desapareceu da Terra. Sabe? Nesse sentido. Infelizmente eles estão morrendo, morrendo muito e muito rápido. Eu falo sempre com eles disso. Eu falo que é possível que eles não vejam os golfinhos que eles ouviam. E eles ficam muito tristes. Os dois.

A perda de biodiversidade marinha também foi descrita por uma família que na época da primeira entrevista (2020) vivia em João Pessoa (PB) e costumava levar o filho de 9 anos para visitar um projeto chamado Tartarugas Urbanas. Lá era possível aprender sobre os animais marinhos, se conscientizar sobre o problema do lixo, além de assistir às desovas das tartarugas. O pai do menino comentou como não era raro encontrar tartarugas mortas na praia. E o garoto se recorda de um episódio em particular: “Aí eu fui pela praia, aí eu visitei o museu de tartaruga, aí, quando eu saí do museu, eu passei pela praia e a tartaruga pôs os ovos. Mas ela morreu por causa da quantidade de lixo. Aí ela tá lá. Mas já tiraram. Os bombeiros já tiraram ela”.

As crianças que têm o hábito de ir à praia podem perceber pela experiência direta o que está acontecendo com os oceanos e a vida marinha. Em muitas culturas o oceano está associado à origem da vida, ao útero materno do qual emergiram os primeiros seres vivos da Terra.

Afrodite, a deusa da beleza e da fertilidade, nasceu das espumas brancas e salgadas do mar, que recordam o orgasmo fecundante, como repara Ginette Paris: “Não sentimos, ao entrar no mar, uma sensação de retorno às origens, ao ritmo das ondas e à umidade?” (Paris, 1994, p. 27-8)

Não à toa na passagem do ano tanta gente ainda se dirige às praias para se banhar nas águas marinhas. Nesse ritual sentimos que *nosso mundo* renasce pelo contato com as águas primordiais. Entretanto, com os oceanos tomados pelo lixo, o banho purificante e a regeneração são impedidos. Nosso lixo está esterilizando o grande útero do mundo, a grande deusa da fertilidade. Estudos já alertam: até 2050 haverá mais plástico do que peixes no mar¹².

2.6. Rios obstruídos e contaminados (*Ártemis violada*)

Além das águas marinhas, muitos entrevistados se referiram à poluição das águas fluviais. Isso acarreta dois tipos de problemas que foram mencionados nas entrevistas. O primeiro é a obstrução dos rios. A menina que mora em Atibaia (SP), de 9 anos tem essa percepção: “E também os lixos, eu acho, na minha cabeça pelo menos, acho que são a maioria dos casos de acontecer as enchentes, porque a água não tem como passar por causa do lixo”. Uma mãe também se referiu a esse como um dos principais problemas ambientais que aflige a cidade em que vive, Belo Horizonte (MG), que teve muitos de seus rios tapados:

A cidade ela corta muitos rios e muitos rios foram cobertos. Então nós sofremos aqui, nos fundos de vale, com inundações constantes na época de chuva. (...) Então isso é um problema. E a questão de as pessoas jogarem lixo no bueiro... Então tem... Isso leva a inundações, que é um caso crítico aqui em Belo Horizonte.

Reparamos aqui nas consequências ocasionadas por uma sociedade que se especializou em “tapar buracos”, como já havia diagnosticado Vilém Flusser na década de 70. Em suas análises, o filósofo chega à conclusão de que o Homem produz cultura para “tapar buracos”, pois não tolera “espaços vazios”, os quais deve preencher:

“Encher o vazio” é, portanto, o lema que inspira toda a nossa cultura, e esse lema pode ser lido tanto negativamente como “o horror do vácuo”, quanto positivamente como “a conquista do espaço”. Ao nível neolítico o lema pode ser visualizado como semente lançada no sulco do campo, e ao nível tecnológico como foguete lançado no campo gravitacional de Vênus (Flusser, 1972, p. 42).

¹² Essa foi uma divulgação feita pelo Fórum Econômico Mundial de Davos, em 2016, a partir de um estudo realizado pela fundação Ellen MacArthur com consultoria de McKinsey & Company. “Plásticos podem permanecer no oceano por centenas de anos em sua forma original e por mais tempo ainda em pequenas partículas, o que significa que a quantidade de plástico no oceano se acumula ao longo do tempo. As melhores pesquisas disponíveis atualmente estimam que existem mais de 150 milhões de toneladas de resíduos plásticos no oceano hoje. Sem ação significativa, pode haver mais plástico do que peixes no oceano, em massa, até 2050” (World Economic Forum, 2016, p.14, *tradução da autora*). Relatório disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_The_New_Plastics_Economy.pdf. Acesso em: 8 mai. 2023.

Para Flusser, essa cultura que tem como meta “encher o vazio” segue o ponto de vista masculino, que, com sua “convexidade”, não tolera a “concavidade feminina”, a qual sente necessidade de preencher. Podemos entender que essa “concavidade feminina” coincide com a natureza incompreendida, que não foi dominada e informada, e que, por isso mesmo, pode ser encarada como aquele “Vazio”, aquele “Nada” (ou Tudo) caótico, espantoso e misterioso do qual tudo advém. É dessa concavidade que nasce a vida, que abriga seus filhos e também para onde tudo retorna após a morte, permitindo a regeneração *cíclica*. No entanto, com sua avidez por “tapar buracos”, o Homem vem seguindo por uma lógica *linear*, ao transformar, em velocidade crescente, natureza em cultura, para logo se transformar em lixo (sem retornar à natureza). De tal modo, tapamos os orifícios férteis da terra ou com cimento, concreto e asfalto, ou com o nosso “lixo onipotente e onipresente” (Flusser, 1972). Nesses depoimentos, as entrevistadas notam como esse lixo está impedindo (concretamente) o escoamento das águas dos rios, que são o símbolo “da possibilidade universal e do *escoamento* das formas, da fertilidade, da morte e da renovação” (Brandão, 2015, vol. I, p. 279). Com isso, somos privados do aspecto purificante, regenerador e fertilizante da correnteza das águas fluviais, encarando apenas sua face mortal, ao inundar e destruir cidades e casas (como vimos anteriormente).

Mas além da obstrução dos fluxos do rio, existe também o incomodo com a poluição da água em si. Quando questionada se gostava da cidade em que morava, se a considerava bonita, a menina de 5 anos assim respondeu: “Mais ou menos, porque tem dois rios sujos agora ali e ali”. Então começou a argumentar brava: “Porque antes aqui tinha uma pracinha. E agora, agora a pracinha afundou e estão arrumando. E agora tem um rio sujo, que é em baixo da pracinha, que tem um rio sujo. Nem dá pra mergulhar! Nem dá pra descer pra ir pra lá!”.

As irmãs (de 11 e 13 anos) também lamentaram sobre a poluição dos rios, quando questionadas sobre o que achavam da cidade em que moravam, no caso São Paulo (SP). A mais nova se referiu às marginais como lugares feios. E a mais velha concordou com tristeza: “É, eu queria muito que os rios aqui de São Paulo fossem limpos. Porque me incomoda muito ver essa poluição toda vez que a gente passa, assim, na marginal”.

Enquanto Afrodite está associada às águas salgadas do mar, Ártemis dá preferência aos “claros riachos que brotam nas encostas das montanhas e fazem seu curso por entre a relva, por onde ela mesma gosta de perambular” (Paris, 1994, p. 147). Ártemis aprecia a natureza pura e selvagem, intocada pelo Homem (não compreendida, não informada, não “tapada”). Quando encaramos os rios de São Paulo transformados em esgoto, ou até os rios arrasados pelo rompimento de barragens em Minas Gerais, ou os rios contaminados por mercúrio na Amazônia, testemunhamos um crime cometido contra a deusa virgem. No tom triste e

indignado das meninas que mencionam os rios sujos, constatamos também o crime cometido contra nossas crianças (protegidas por Ártemis), ao roubar delas a beleza dos nossos rios, a experiência de tomar uma água limpa direto da fonte, ou de mergulhar, brincar e se refrescar em suas águas nos dias quentes. Cada vez menos crianças têm acesso a esse tipo de experiência. Como diz brava a menina de 5 anos: “*Nem dá pra mergulhar!*” O lixo tapou todas as frestas.

2.7. Ar seco e poluído (*Psiquê obstruída*)

Além da poluição das águas, a poluição do ar, ainda que menos visível, não passou despercebida. Durante a entrevista, a menina de 5 anos tossia várias vezes. A mãe, então, esclareceu que a filha costumava tossir bastante por causa da qualidade do ar.

Ela tem alergia, a gente descobriu. E o pediatra dela falou que as crianças da faixa etária dela, assim, as que têm a mesma alergia que ela tem, a quantidade é enorme! Que é essa coisa assim: o ar fica um pouco mais seco, a gente mora numa rua grande, que passa ônibus, passa... Então, quando o ar fica seco, ela tosse a noite inteira. É aquele caos!

A mãe explicou que a filha não entendia tão bem o assunto “qualidade do ar”, no entanto, a menina se manifestou brava: “Eu não gosto de ar de carro!”. Nesses breves depoimentos, reparamos que, além de taparmos com nosso lixo os orifícios que permitem a fluidez dos rios, também estamos tapando com o nosso lixo atmosférico os orifícios dos nossos próprios corpos, bloqueando a nossa respiração. Estamos contaminando o *sopro da vida*, que invade nossos pulmões e anima nossos corpos no momento em que chegamos ao mundo. Esse sopro da vida nada mais é do que a própria *psiquê* para os antigos gregos: a alma que anima, que enche de vida o corpo, colocando-o em movimento:

Em termos genéricos, a *psiquê* é, pois, o “sopro, a respiração, o hálito, a força vital, a vida”, sentida como *sopro*, daí “alma do ser vivo, sede de seus pensamentos, emoções e desejos”, donde o próprio ser, a individualidade pessoal, a pessoa, a parte imaterial e imortal do ser (Brandão, 2014, p. 542).

Sem Psiquê, não há personalidade, emoção, pensamento, ânimo, não há vida, não há movimento, já que *psiquê*, ou *anima*, é vida que se move espontaneamente como o princípio da vida animal. E Psiquê está sendo agredida tanto pela poluição do nosso ar, quanto pelo modo como estamos construindo nossas cidades, como veremos adiante.

2.8. Cidades feias e a escassez do progresso (*O retorno dos Titãs*)

Uma menina de 10 anos, que vive em Guarulhos (SP), quando indagada sobre as atividades humanas que prejudicavam o meio ambiente, respondeu com muita revolta: “As indústrias com as chaminés maravilhosas, assim como a poluição do ar, nossa senhora! O uso

de carros, escapamento, né, por conta do combustível”. Em outro momento, explicou como via a cidade em que morava: “Tem partes que são muito bem cuidadas, que são muito bonitas, têm muita vegetação, muita planta. E tem outras que você já fica meio preocupado. Porque tem questão de ter muito lixo, de não ter nenhuma planta, de ter muitos carros”.

As irmãs (11 e 13 anos), que vivem na Vila Madalena, na capital de São Paulo, ponderaram bastante a respeito da percepção que tinham sobre a cidade, trocando impressões entre si, às vezes comparando São Paulo com outros lugares que costumavam visitar com a família. Vale registrar a transcrição de um trecho dessa conversa:

Mais nova – Por exemplo aqui em São Paulo é ainda muito poluído e tal. Então quando eu vou pra praia, por exemplo, Ubatuba, e aí você sente... Nossa, você consegue ver as estrelas à noite, entendeu?

Mais velha – Exato. Eu acho que quando a gente vai pra praia tem muito disso. Que é um lugar em que você vê um céu limpo, a vegetação, você vê natureza. (...) Mas eu acho que tem muito essa questão de ter natureza envolvida. Porque, eu não lembro o nome da cidade, mas tem uma cidade que é muito poluída e que tem várias fábricas, eu acho que é...

Mais nova – Que você vê na estrada?

Mais velha – É, isso. Que tipo sai fogo das fábricas...

Entrevistadora – Esse tipo de imagem perturba vocês?

Mais velha – É, exatamente.

Mais nova – É. É uma cidade pequena, totalmente industrializada, que tem muita pouca gente morando lá. Tem muita, muita fábrica. Eu não sei o nome agora...

Mais velha – (...) É isso. Me desanima muito ver um lugar em que eu não vejo árvore, ou que eu vejo muita poluição. Ou várias vezes quando eu, sei lá... Sei lá, eu estou no carro mesmo e eu começo a reparar na cidade e esse monte de carro e tipo... Eu não me sinto bem, sabe?

Ficou claro que muitas imagens associadas ao “progresso” de São Paulo deixavam as meninas aflitas. A quantidade de carros, as indústrias com chaminés que soltam fumaça e fogo (como as chamas roubadas por Prometeu) pareciam assustar, assim como a quantidade de prédios que começavam a ser erguidos em alta velocidade, alterando até mesmo a paisagem do bairro em que cresceram.

Mais velha – (...) Quando eu vejo construindo um monte de prédio, eu sinto que a Vila Madalena, que é um lugar que eu, a gente (...) morou a vida inteira aqui...

Mais nova – A gente morou na rua de baixo (...) e agora na rua de cima.

Mais velha – É que esses novos prédios acabam meio que destruindo... Sabe? Mas mesmo com esses prédios, eu acho que a Vila Madalena tem árvore, tem muita praça, essas coisas...

Mais nova – Então, na verdade foi bem atual essa coisa dos prédios. Na verdade, os prédios antigos já tem há algum tempo, né? Mas sempre manteve assim. Tipo prédios, alguns prédios, algumas casas, bem dividido. Agora, recentemente tem tido um avanço de construção de prédio, assim, construções num geral. Por exemplo, aqui do lado tinha um prédio gigante, tipo, sei lá quantos andares. Acho que uns 40 andares. Por aí. E a gente não consegue ver, tipo, o outro lado, entendeu? De tão grande! Na nossa frente tem uma casa e no lado já tem três prédios em volta (...).

Mais velha – É. A nossa é uma das únicas casas na rua.

Deparamo-nos, então, com outro tipo de obstrução de uma civilização que insistiu em “tapar buracos”. O verticalismo do progresso (que não para de elevar novos andares na torre do “Jenga”) está sacrificando a contemplação da horizontal por onde poderíamos descobrir brechas para “respirar”. Nosso horizonte está bloqueado por conta dos enormes edifícios erguidos pelo “titanismo” dos nossos tempos.

E esse titanismo está tapando não apenas o horizonte com seus prédios enormes, mas também a vista do céu. As meninas se referiram à impossibilidade de ver estrelas no céu de São Paulo. As estrelas, que sempre puderam nos guiar, que sempre nos encantaram, servindo muitas vezes como conexão do ser humano com o cosmos, são apagadas pela fumaça de nossas fábricas e carros, e pela poluição luminosa das cidades. O antropólogo Tetsuro Watsuji comenta como os povos do deserto, que viviam em um ambiente árido e escasso, ainda podiam contar com o céu estrelado nas noites escuras como fonte de inspiração. “Este céu azulado, animado e em movimento, é ele que na realidade nos salva da morte no deserto” (Watsuji, 2006, p. 73, *tradução da autora*). Por esse viés, os povos semitas que viviam no deserto talvez tivessem um ambiente esteticamente mais rico para apreciar do que a população que vive hoje encarcerada nas grandes metrópoles, no grande “deserto da modernidade” (Hillman, 2010).

Uma mãe que estuda o tema “poluição luminosa” em seu mestrado ainda repara como, além de impedir a visão das estrelas, a iluminação urbana perturba muitos fluxos naturais, como a migração dos pássaros e insetos. Além de extinguir o ciclo do dia, que, como o ano, regenera o tempo a cada volta (quando o Sol morre no ocidente e renasce no oriente), afetando, por sua vez, o ciclo do nosso sono (quando dormimos e despertamos, regenerando, assim, as energias mentais e corpóreas para viver cada dia). Ela também conta como a perda desses ciclos parece estar desencadeando uma série de problemas de saúde mental (depressão, ansiedade) e no sistema reprodutivo (câncer de ovário, câncer de próstata etc.) – reforçando o quanto a “poluição luminosa” pode estar afetando a capacidade regenerativa natural da nossa espécie.

As torres gigantes, a poluição do ar, o lixo abundante, a fumaça e mesmo a intensa iluminação artificial, todos esses dejetos das “civilizações avançadas” estão obstruindo nosso cosmos, seus fluxos e suas múltiplas divindades. Hillman (2010, p. 46) nos lembra de que

“originalmente em grego, *kosmos* era uma ideia estética e politeísta. Referia-se à disposição correta das múltiplas coisas do mundo e a seu arranjo ordenado”. Quando as coisas começam a perder a ordem coesa, quando as divindades começam a padecer, e quando não podemos ver além do progresso que se ergueu rapidamente a nossa volta, sentimos nosso cosmos definhando.

Ainda na discussão sobre a quantidade crescente de prédios em São Paulo, a irmã mais nova fez outro apontamento relevante. Com um tom agoniado, mas com muito discernimento, constatou como era evidente que a cidade não “tinha mais recursos” para abrigar tanta gente:

Por exemplo: Ah, eu vou construir mais prédios aqui pra caber mais gente. Mas a cidade não tem recursos. Você repara nisso! Que não tem recursos suficientes. Por exemplo, muito carro na rua, é uma cidade com muitas pessoas. (...) São Paulo é muito grande, mas tem muita gente a mais do que, na minha opinião, cabe.

Na década de 1980, Flusser já falava de São Paulo como uma “coleção de elementos colados um ao outro”, com um aspecto de “massa inorgânica” caótica (incluindo a vegetação que transparece), composta por “várias ordens que se entredevoram” e a descreve como uma “cidade-fortaleza”: “A cidade se cerca de si própria com muro opaco, feito de suas próprias emanções, a fim que a realidade externa não a penetre”¹³. E esse aspecto paulistano começa a ser percebido em outras cidades. A menina de 9 anos que vive em Atibaia (SP), bem menos populosa que a cidade de São Paulo, reparou na disputa por espaço em uma cidade que desmata para construir mais prédios:

Aqui mesmo eu já vi muitas árvores cortadas em uns terrenos, assim, terreno bem plano, com nenhuma árvore, onde estão construindo prédios e tudo. Eu acho isso muito triste. Porque, assim, entendo que precisa de moradia para as outras pessoas. Mas, assim, a gente também tem que pensar um pouco na natureza, nos animais.

Voltamos aqui à imagem das morsas que se espremem na praia. Não existe espaço! Não existem mais orifícios para os rios fluírem, para respirarmos com dignidade, para enxergarmos além das torres altas que nos aprisionam em uma “cidade-fortaleza”. Uma criança de São Paulo de “classe média alta”, que reconhece o seu lugar de privilégio, consegue notar, pela percepção imediata da cidade em que vive, a escassez de recursos, a escassez de possibilidades.

Nesses cenários de escassez com os quais nos deparamos, vamos deixando de reconhecer aqueles espaços familiares que costumavam nos acolher e nos amparar. As imagens dos ecossistemas que nos encantavam e com os quais ainda podíamos criar algum tipo de vínculo estão desaparecendo. Sentimos o mundo coeso que tínhamos até então se esvaír diante

¹³ “São Paulo, vista de cima”. Ensaio disponível no Arquivo Vilém Flusser São Paulo: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1581. Acesso em: 13 jun. 2023.

dos nossos olhos e dos nossos pés. E a fala de uma mãe de São Paulo consegue traduzir bem o medo e a dor diante dessa constatação:

Eu também tenho medo da minha dor na escassez. Da minha dor em olhar para as coisas e não reconhecer. Da minha dor desse amor que eu tenho e que eu acho as coisas lindas, e olhar e falar... Puta, meu... Outro dia eu vi um vídeo lá dos corais, assim onde... Que merda, os corais!

E a imagem dos corais ilustra com precisão a nossa escassez: ecossistemas exuberantes, coloridos, cheios de vida, berçário de tantas espécies (agraciados pela bela Afrodite), estão desbotando, reduzidos a esqueletos pálidos e descarnados. Junto com o gelo marinho do Ártico, esse é um dos ecossistemas mais próximos do ponto de não retorno.

2.9. A morte da matéria (*Phýsis sem Psiquê*)

Neste capítulo vimos como tantos entrevistados descrevem em imagens o desmoronamento do mundo físico ao seu redor (como um jogo de Jenga que desaba). Nisso percebemos como as múltiplas divindades, que expressam o modo como sentimos e nos vinculamos à *phýsis*, estão sendo agredidas. Mas existe um problema maior que ainda merece ser discutido: quando essa percepção não existe. Quando o entorno físico deixou de existir para os nossos sentidos antes mesmo de desmoronar. Quando não nos damos conta dos sinais do colapso à nossa volta. Quando as crianças deixam de perceber a cidade em que vivem (incluindo sua “feiura”), ao ponto de não conseguirem desenhar os caminhos que percorrem no cotidiano.

Isso foi algo diagnosticado pelo Instituto Alana, que fez uma pesquisa com grupos heterogêneos de crianças de 4 a 12 anos em cinco capitais de diferentes regiões brasileiras. Os pesquisadores propuseram diferentes exercícios, pedindo às crianças para que desenhassem, outras vezes que modelassem com massinhas, ou até narrassem os percursos que faziam no dia a dia. E constataram a dificuldade recorrente de tantas crianças em trazer elementos dos percursos que fazem: “Começamos a perceber que, de cidade em cidade, nos diferentes grupos com os quais trabalhamos, o caminho nunca surgia com nitidez. Sempre se apresentava de modo rarefeito, sem qualquer detalhe, sem algo significativo” (Leite e Piorski, 2019, p. 39).

O relatório traz como exemplo a modelagem de uma menina de São Paulo (SP) que fez alguns *pontilhados* para representar seu trajeto, mas sem nenhuma “sustentação espacial”. Essa redução do mundo vivo a pontos foi tratada com acuidade por Vilém Flusser (2019, p. 10-3), ao constatar como o mundo da vida foi perdendo suas múltiplas dimensões com o “avanço” da nossa civilização. Primeiro, ao ser reduzido à tridimensionalidade dos objetos, que passaram a ser manipulados desconsiderando a dimensão do tempo. Em seguida, ao ser reduzido às

superfícies bidimensionais dos mapas; depois, à linha unidimensional da escrita, até chegar à dimensão dos números, pontos, pixels, à dimensão zero, ou, então, à “nulodimensão”.

Essa “escalada da abstração”¹⁴, diagnosticada por Flusser na década de 1980, pode ser verificada nos desenhos, nas modelagens e nas descrições das crianças que participaram das pesquisas recentes do Instituto Alana: “Os caminhos de modo geral não são expressos com materialidade. Suas linhas são vagas, muitas vezes vazias ou apenas com uma faixa de massinha ligando a casa de onde saem para o lugar aonde gostam de ir” (Leite e Piorski, 2019, p. 39). Em outro momento, os autores desse estudo reparam:

Quando surgem elementos do caminho, estão apenas na oralidade e, ainda assim, de maneira vaga, é dito: “tem árvore no caminho” ou “tem umas lojas”. Houve a fala bem explícita de uma criança descrevendo sua modelagem: “no caminho não tem nada” ou “a rua para ir para lá é muito, muito longe. Vou de carro”, ou ainda dizeres dispersos, “passa por várias coisas até chegar lá”. (Liete e Piorski, 2019, p. 40).

De tal modo, os pesquisadores dizem se deparar com uma “cidade descarnada” nas representações das crianças. Encontram cidades abstratas, sem fluxos que permitem vincular e dar coesão ao entorno. Esse foi um tema muito tratado por James Hillman (1993, 2010), que denunciou o assassinato da *anima mundi* (a alma do mundo), ou seja, Psiquê, o *sopro da vida*, que, com suas qualidades estéticas, anima e dá personalidade a tudo: seres humanos, animais, plantas, montanhas, rios, inclusive casas, prédios, muros, pontes e avenidas. Tudo no mundo físico possui uma dimensão psíquica, que vai sendo negligenciada conforme vamos deixando de experimentar esteticamente os espaços físicos em que vivemos.

E esse olhar que ignora a face das coisas à sua volta está atrelado ao modo como nossas cidades estão sendo construídas e vivenciadas. Da mesma forma como o *politeísmo* é repleto de divindades com rostos e personalidades únicas, toda *pólis* (assim como todo *kosmos*) deveria abranger uma riqueza de faces diferenciadas com múltiplas formas, cores, texturas, odores e sonoridades, que acenam para nós conforme perambulamos por suas ruas com nossas próprias

¹⁴ Dietmar Kamper (2016, p. 40-1), em diálogo com o pensamento de Flusser, nos esclarece o significado de abstração: “*Astrahere*, em latim, significa tirar da vista, desviar o olhar, remover, separar, segregar, desvincular, arrancar, surrupiar e assim por diante. No início, a abstração dos nomes era restrita ao mundo dos nomes, como marca primeira de uma diferença, depois ela se expandiu à totalidade do conhecimento. O que resiste é a cópia. Abstração significa que sempre dois estão em jogo, dúvida, mas também desespero em relação à distância crescente entre o pensamento e seu oposto, o corpo. Com a necessidade, o pensamento abstrato vai reduzindo a abundância, vai esfolando, esfolando, até chegar aos ossos”. Contudo, para Kamper (2016, p. 65-6), o desenhar “não pertence de modo algum à crescente aniquilação visual do mundo tal qual como atualmente acontece através de bombas de longo alcance com seus mapas-alvo e imagens-alvo”. Pois, como ato do acaso, o desenhar não pertence ao domínio da vontade intencional, mas ao reino dos desejos, desde que apontem em direção ao outro. Para Kamper, o desenho (que estabelece limites no ilimitado, fazendo aparecer e desaparecer o mundo) acontece pelo *diálogo entre forma e matéria*, portando seria “prova concreta da realidade”.

pernas. Afinal, etimologicamente a palavra *pólis* está associada à ideia de “aglomeração”, “multidão”, “fluir”, “cheio”, “muitos”, como é o panteão grego (Hillman, 1993, p. 75).

Todavia, quando as cidades deixam de ser construídas de baixo para cima, dos encontros espontâneos entre pessoas que circulam com fluidez por suas ruelas e alamedas, quando as cidades passam a ser resultado de desenhos e números abstratos projetados nos computadores dos arquitetos, construídas de cima para baixo (para render alguns dígitos na conta bancária de empreiteiras e imobiliárias), quando são vistas rapidamente pelas janelas dos automóveis que andam em alta velocidade, ou pelo mapa do GPS na tela do celular, elas vão perdendo suas faces poliformes. A multiplicidade de deuses e deusas vão perdendo espaço para os Titãs, que expressam melhor o gigantismo e os excessos da nossa civilização: torres enormes, estradas sem fim, iluminação de led 24 horas por dia. Em vez de uma multidão de faces, nos deparamos com uma vastidão de “biombos” (Flusser), pois os excessos não podem ser contidos em uma imagem. Como Hillman (1993, p. 146) alerta: “(...) os Titãs não têm limites porque não são imaginados, são abstrações”. Em outro momento argumenta:

Nossos prédios certamente não estão desaparecendo. Na verdade, estão surgindo cada vez mais. Embora estejam lá, como ouro e prata brilhando ao sol, talvez estejam sumindo num outro sentido. Talvez estejam perdendo sua realidade estética, sensorial, tornando-se não-prédios, que ninguém nota, prédios que não servem nem aos olhos nem aos pés, mas que são simplesmente escritórios, depósitos ou enormes espaços - tudo vazio. Números abstratos matematicamente transformados em concreto, metal e vidro, enormes vasos Mason sem emenda (Hillman, 1993, p. 56).

Não é que a matéria está deixando de existir, é que ela está perdendo sua qualidade estética e psíquica, logo, não pode mais ser imaginada. Para James Hillman, o principal atributo de Zeus para vencer os titãs não foi seu raio, sua força descomunal ou sua inteligência astuta, mas sua grande *imaginação*, que se manifesta em seus inúmeros descendentes: “Apolo, Hermes, Dionísio, Hércules, Ártemis, Atenas e outros – ele realmente pode imaginar possibilidades existenciais, esses estilos de consciência” (Hillman, 1993, p. 145-6). É por esse poder de imaginação diferenciada (que Hillman chama de politeísmo) que Zeus exerceria seu ativismo, ao criar um *kosmos* coeso e imaginado.

Mas é importante destacar que essa imaginação está intimamente relacionada à percepção do mundo, pois, na psicologia arquetípica, imagem e corpo não se separam. Por isso que Hillman (2010, p. 94) é crítico às psicologias que nos falam de imagens sem corpos e corpos sem imagens: “(...) uma imaginação subjetiva separada de um mundo amplo de fatos objetivos inanimados”. Esse é um dos principais motivos pelos quais Malena Contrera (2017) entende que a relação que normalmente se estabelece com as imagens veiculadas nos grandes canais midiáticos (que costumam visar lucro) não é a mesma que se estabelecia nos ambientes míticos.

Pois, quando há uma saturação de imagens imateriais que nos invadem incessantemente pelas telas, o corpo tende a ser negligenciado, assim como a dimensão concreta do mundo e sua relação com o sagrado. Como resultado da “escalada da abstração”, muitas dessas imagens são feitas para um consumo rápido e superficial, não passando de simulacros, incapazes de simbolizar e se referir a nada além de si mesmas. Quando isso ocorre, essas imagens também se tornam “biombos” que impedem a imaginação ativa, que decorreria da percepção do mundo vivo (cuja materialidade vai perdendo sua dimensão estética e psíquica). Temos aí um mundo material desprovido de alma e uma inflação de imagens superficiais desprovidas de corpo.

A imaginação à qual a psicologia arquetípica se refere está atrelada à sensação: “(...) para sentir penetrantemente devemos imaginar e, para imaginar com precisão, devemos sentir” (Hillman, 2010, p. 94). Portanto imaginação requer *aisthesis*: “(...) a palavra em grego para percepção ou sensação”, que, em sua origem, significa “‘inspirar’ ou ‘conduzir’ o mundo para dentro, a respiração entrecortada, ‘a-há’, o ‘uhh’ da respiração diante da surpresa, do susto, do espanto, uma reação estética à imagem (*eidolon*) apresentada” (*ibid*, p. 93-4). É pela *aisthesis* que inspiramos o *sopro da vida*, a alma de tudo que nos cerca, trazendo-a para dentro do coração. Este, para os antigos gregos, era o órgão que se associa imediatamente às coisas do mundo pelos sentidos, era o órgão da sensação e também o lugar da imaginação. Por esse viés, a *aisthesis* (que exige um olhar calmo e atento à face de cada coisa que nos cerca) aparece como um antídoto para o titanismo e as abstrações: “A imensidão titânica pode ser abarcada e contida somente por uma capacidade igualmente grande de imaginar” (Hillman, 1993, p. 146).

Quando, no decorrer das entrevistas, crianças, mães e pais são capazes de descrever *imagens*, ainda que terríveis, para falar sobre a crise ecológica, eles mostram que seus corações não estão anestesiados e indiferentes ao mundo físico, o qual permanece vivo para dialogar sobre suas dores e sua enfermidade. Existe imaginação e reação estética à sua face doentia. “Reações estéticas são respostas a essa face, e a responsabilidade moral começa nessas respostas de desgosto, delícia, aversão, atração – o julgamento espontâneo do coração” (Hillman, 2010, p. 59). Nesse sentido, mesmo o feio tem um papel fundamental como guia para o autoconhecimento, já que, como constata Hillman (2010, p. 57): “(...) respostas estéticas ocorrem mais fortemente com relação ao que é feio”. Ao responder instintivamente a uma imagem tenebrosa, nosso coração indica que algo está errado, não nas “fantasias psicodinâmicas” do nosso “eu”, mas no nosso entorno imediato, que clama por atenção.

Esse amplo edifício insensível – a doutrina de um mundo desalmado – agora riscado pela chuva ácida e manchado pelo grafite, já explodiu e virou pó em nossas fantasias. Todavia, esse cataclismo, essa imagem patologizada do mundo destruído, está despertando novamente um reconhecimento da alma no mundo. *A anima mundi* incita

nosso coração a responder: estamos, por fim, *in extremis*, preocupados com o mundo; o amor por ele nascendo, as coisas materiais novamente dignas de amor. Pois onde existe patologia, existe pique, e onde existe pique existe eros. As coisas do mundo voltam a ser preciosas, desejáveis, e até dignas de pena por seu sofrimento milenar proveniente do insulto “hubrístico” da humanidade ocidental pelas coisas materiais (Hillman, 2010, p. 108).

É claro que há incômodo, desgosto, pavor, ansiedade, angústia ao constatar o lixo, a poluição dos oceanos, os incêndios florestais, a fuligem, os riachos secos, ruas e casas alagadas, a fumaça de automóveis, tartarugas mortas, os odores desagradáveis que sobem dos esgotos e dos rios contaminados. Essa é uma resposta estética natural do nosso coração, que reage ao entorno, afinal, como Hillman (1993, p. 66) insiste, “a alma do indivíduo está localizada no espectro mais amplo da *anima mundi*”. O preocupante é quando não há resposta estética, quando não há reação, sobretudo ao que é feio, quando há indiferença, insensibilidade, anestesia. Pois aí não há *anima mundi* para encarar, o que nos condena a viver em um mundo morto e vazio. Então, quando as imagens do entorno são impedidas de fluir livremente por nossos poros, quando já não há reação estética à face do mundo (que não pode mais ser contido em imagens vivas), as divindades morrem e nosso coração coagula em uma solidão apática.

É curioso que mesmo descrevendo o horror da cena paulistana, Vilém Flusser não deixa de declarar amor a São Paulo ao abdicar da “vista de cima” para mergulhar na cidade e descrever os rostos com os quais se depara na multidão. Rostos que buscam, em uma “luta titânica”, se libertar das “determinações esmagadoras” do entorno: “Mas haverá algo mais belo que o espírito em sua luta absurda? Por isto que a cena que estou contemplando não pode ser feia. Com todo horror que causa, não é possível não amá-la” (São Paulo vista de cima, p. 17). Nesse momento, nos parece que, em sua contemplação, Flusser ainda consegue vislumbrar Psiquê. E, como vimos, Eros está onde Psiquê está, ainda que enferma, pedindo por cuidado.

A partir daí, devemos nos questionar se esse olhar que mata, que desanima e deixa de imaginar o mundo físico em que vivemos (olhar característico da física moderna) não nos tirou o chão antes mesmo de nos darmos conta de que ele desabava debaixo dos nossos pés. Então, é interessante nos debruçarmos sobre como é percebida a civilização dos gigantismos e excessos, que nos ensina a lançar um olhar que abstrai as múltiplas dimensões do nosso *Lebenswelt* a pontos, pixels e dígitos (em contas bancárias), que negligencia a dimensão estética e psíquica da *phýsis*, que sufoca as divindades que mediam nossa relação com o entorno, que aniquila a alma do mundo, antes mesmo de ele começar a definhar. O atual capítulo tratou das imagens do colapso do nosso mundo físico. A seguir, a discussão será a respeito das imagens de uma civilização aparece como responsável por nos conduzir à atual crise ecológica.

3. IMAGENS DE UM “SISTEMA” ABSURDO (*Você sai pra comprar verdura e volta com uma boneca*)

“Mude o sistema, não o clima”: essa é uma frase bastante repetida no movimento climático. Muitos dos entrevistados percebem que o “sistema” em que vivemos é o grande responsável pela crise de sustentabilidade pela qual passamos. Com isso chegam à conclusão de que esse próprio “sistema” está em crise, como diz um pai: “Para mim é muito evidente: essa ideia aqui do mundo que a gente tem do crescimento econômico, a ampliação do consumo... Esse mundo acabou! Esse mundo acabou!”. O sistema de produção infinitamente crescente, de consumo acelerado e de descarte em larga escala foi descrito por muitos participantes como algo que soava estúpido, sem sentido ou até mesmo cruel. É sobre as imagens desse sistema em crise que discutiremos agora.

3.1. Um sistema que impede a vida

Um dos sistemas de produção descritos que mais parecia causar horror foi o da “indústria de proteína animal”. Um rapaz de 20 anos do *Jovens pelo Clima* conta que, após ver o céu ficar escuro na cidade de São Paulo, em agosto de 2019, começou a ficar bastante preocupado. Foi quando decidiu assistir a alguns documentários da “indústria animal” e do agronegócio, como *Terráqueos* (2005) e *Cowspiracy: O Segredo da Sustentabilidade* (2014): “E daí eu comecei a pensar em me tornar vegano. Foi a partir daí que eu me tornei vegano. Sou vegano há três anos já”. Um pai, que também defende o veganismo, traz descrições muito fortes dessa indústria:

Hoje é uma indústria, primeiro. Começa por aí. É uma indústria. Tanto se for falar de carne, de leite, se for falar de carne de peixe, se for falar de moda, pele, essas coisas. Então, é uma indústria. Então, você não está falando de um pastor que tem cem ovelhas e vai andando por todo o Oriente Médio, e aí vende uma ovelha, aí mata outra, e essas ovelhas vão andando com ele, procriam... Não é isso. A gente está falando de uma vaca que é estuprada para gerar um filho, que é retirado no primeiro dia da presença dela. E aí botam umas máquinas para chupar as tetas dela até ela morrer. A gente está falando sobre isso. Então, assim... O pior não é matar. É criar um sistema que impeça a vida. A forma de viver natural de uma vaca, a forma de viver natural de um frango, uma galinha, que fica no espaço de uma folha de papel A4, quer dizer, trancada. E comida jogada pela goela para engordar, com luz artificial 24 horas por dia para não dormir e pra ficar sempre comendo. Então, são coisas assim que... Quem sente nojo do holocausto nazista, se parasse pra pensar em todo o processo da indústria, da indústria alimentícia e da indústria de abate animal, da indústria de testes em laboratório, por exemplo, que botam um rato para se afogar, para descobrir quanto tempo o rato se afoga... Coisas desse tipo. Não dá para você dizer: “Ah, isso é abominável, mas o gosto do frango é bom” (*ri*) Sabe? Eu penso dessa forma. Agora eu entendo, eu entendo que existe uma questão cultural, que não vai ser quebrada nem tão cedo.

O pior não é matar. É criar um sistema que impeça a vida. Essa comparação da indústria da carne com os campos de concentração nazista merece atenção. Do mesmo modo como Vilém Flusser (2019) repara que Auschwitz acabou com a fé no ser humano, a partir do momento em que se começou a reificar e manipular o seu outro com tamanha apatia, hoje muitos não conseguem ignorar que o mesmo é feito com outras espécies sencientes, que também são nossos outros (aquilo que não sou). Outra mãe também comenta sobre a frieza de uma indústria que manipula a vida animal a partir de uma imagem que viu em um livro de Yuval Harari:

Eu estava lendo *Sapiens*. E no *Sapiens* tem uma parte que fala sobre o abate dos animais, como isso acontece hoje. E aí tem uma imagem de um bezerrinho longe da mãe. Perto, porém, em uma outra cerquinha, que é para estimular o leite da mãe, pra ela... Que ela é uma vaca leiteira. E eu fiquei... Foi uma coisa que me comoveu muito!

Essas descrições de como funciona a indústria da proteína animal coincidem com o esquema que Flusser (2017b, 2012) nos apresenta ao longo de sua obra para falar sobre o “aparelho”. O filósofo tcheco compreende que estamos inseridos em um “aparelho” que foi se automatizando desde a Revolução Industrial. Este “aparelho” segue o “programa” da “gula”: devora natureza reificada, vista como matéria prima (vaca, galinha), e excreta produtos manufaturados (carne, leite, ovos). Por ter se automatizado, o aparelho não se prende à “inibição humana”, não tem vergonha, nem valores éticos ou estéticos. A eficiência é a única coisa que importa para o aparelho automatizado, que passa a operar independentemente do ser humano. De tal modo, ele pode agir sem qualquer escrúpulo, de forma cretina e até mesmo sanguinária.

As peças que compõem o “aparelho” são seus instrumentos: aquilo que tem caráter finalístico. Para Flusser, os instrumentos são coisas apreendidas, compreendidas e ultrapassadas pelo humano. De tal modo, são vistas como prolongamentos e projeções do nosso próprio “eu”: “As máquinas são nossos braços prolongados, os veículos nossas pernas prolongadas, e o mundo em geral é uma projeção do nosso eu sobre a superfície calma e abismal do nada” (Flusser, 2002, p. 92). Portanto, transformadas em instrumentos, as coisas não mais advêm da “penumbra misteriosa”, daquele Vazio primordial, a “concavidade” da *Tellus Mater*, do qual tudo surge como algo novo e milagroso: “Pelo contrário, estão aqui, diante de nossa mão para servir-nos” (*ibid.*, p. 92).

No “aparelho” os instrumentos têm uma função: fazê-lo funcionar de forma eficiente. Na indústria da proteína animal não só as máquinas que chupam as tetas da vaca são instrumentos. A própria vaca é reduzida a instrumento, assim como o bezerro separado da mãe por uma cerca, que tem como finalidade fazer a mãe produzir mais leite, tornando o processo todo mais eficiente. Assim como o frango, cuja boca é aberta para engolir o máximo que puder

para se transformar em produto manufaturado na maior velocidade possível. E os “seres humanos” que operam esse aparelho também são peças dele, instrumentos aos quais Flusser (2017b) atribui um nome mais específico: “funcionário”. O instrumento mais eficiente é o mais especializado em cumprir sua função, ignorando a função das outras peças. Logo, quanto mais o funcionário se especializa e consegue ignorar a totalidade desse aparelho sanguinário, mais eficiente e menos humano ele se torna. Porque vai abrindo mão de sua inibição, sua vergonha diante do outro, assim como seu senso crítico, ético e estético. A meta do aparelho perfeito seria eliminar qualquer qualidade humana, de modo a tornar-se completamente eficiente.

Em todo esse esquema que nos apresenta, Flusser é ainda mais perspicaz ao reparar que o ser humano não é reduzido a funcionário (ou seja, instrumento) apenas quando trabalha para o aparelho de forma remunerada. Mas também quando exerce a função de consumir todos os produtos “cuspidos” pelo aparelho. Assim como o frango, devemos abrir bem a boca para engolir a vastidão de produtos que jorram do “aparelho”, para que ele funcione com eficiência.

E o consumidor mais eficiente de todos é justamente o especialista, aquele que apenas exerce sua função de consumir e ignora a totalidade do aparelho. É ao ignorar todo o processo que muitos conseguem consumir de forma exemplar sem qualquer inibição, vergonha ou culpa. Algo que para alguns entrevistados é difícil de entender a partir do momento em que tomam consciência do processo produtivo da indústria da carne, como argumenta outro pai:

Não dá, a gente... Quando você trava contato com a realidade da indústria da carne... Não apenas os impactos ambientais, climáticos etc. Mas o lance do sofrimento animal. É difícil! Puxa! Como é que as pessoas...? Em geral muita gente diz: “Não, eu não quero ver!”. Não quer ver porque sabe que isso vai trazer a reflexão que, em última instância, vai impor o abandono desse hábito de consumo. E a pessoa já se resguarda do que sabe que vai ser a consequência final.

3.2. Condicionados à gula

Além da indústria de abate animal, houve descrição de outros tipos de produção que pareciam terríveis. As irmãs (de 11 e 13 anos), por exemplo, criticaram a *fast fashion*, que produz “muita roupa e muito rápido”, gerando muitos resíduos, além de submeter seus funcionários a jornadas de trabalho excessivamente longas e com baixos salários.

Uma entrevistada de 10 anos também comentou sobre o “universo da beleza”, pelo qual se interessa bastante. Ele segue muitas blogueiras que tratam desse assunto e percebe um apelo para um consumo irresponsável: “Tem blogueira e tudo mais que tem mais de mil produtos em uma penteadeira, mas só usa três normalmente (...), compra um monte de coisa e não usa, aí deixa vencer e depois joga no lixo tudo!”. Em outro momento, comenta indignada sobre a lógica do mercado dos cosméticos:

Pra mim esse mundo da beleza é muito difícil. 15 mil produtos para 15 mil coisas. Nossa Senhora! Tem que comprar um monte de coisa! “Ai, não, a minha pele é oleosa, tem que comprar a melhor coisa pra pele oleosa!” Legal. Beleza! “Ah, não, a minha pele é mista, seca, não sei o quê, não sei o que lá... Nanananana”. Nossa senhora! Que raiva! *Pra quê tanta coisa?!*

Essa menina diz que segue muitas pessoas no TikTok. Um dos canais é de um grupo de três irmãs que tratam do impacto do nosso consumo. Uma dessas irmãs tem dois filhos e chegou a ser entrevistada na presente pesquisa. Ela relata como foi aos poucos desmitificando vários “mercados” a partir do momento em que engravidou da primeira filha:

Quando você fala que você vai ser mãe é que nem quando você fala que vai casar. Tipo, de repente surge um mercado paralelo de coisas que você precisa muito e de coisas que, se você não tiver, seu filho não vai estar bem. Sabe assim? (...) Não sei se você tem filho, mas, quando você tem filho, te mandam... Suas amigas começam a te mandar o “Excel” da lista das coisas que você precisa, que já sabe... Fulana passou para ciclano... E eu falava: Gente, mas não é possível, assim, que não dá para simplificar! Será que eu preciso de tudo isso?!

Essa mãe fala da angústia que sentiu quando foi pesquisar sobre as fraldas descartáveis e, ao fazer as contas, percebeu que acabaria jogando fora em torno de 4 mil fraldas, que jamais poderiam ser recicladas. Foi quando começou a testar as fraldas de pano e foi desvendando uma série de produtos supostamente “necessários” que seriam totalmente dispensáveis:

E aí, com isso eu percebi que, porque eu usava a fralda de pano, a criança precisava ficar seca, porque você troca mais tempo. Então, você não precisava do creme de assadura. Aí porque você não precisava do creme de assaduras, você também não usava o *baby wipes*. Aí comecei a puxar um novelo. Fui descobrindo tudo o que eu não precisava. Aí descobri que você pode tratar assadura perfeitamente com qualquer óleo vegetal. Até o azeite da sua casa é melhor do que esses cremes que eles indicam. Aí tipo você vai indo... A criança seca não assa. Aí você vai indo, indo, indo... Aí você começa a tirar, em vez de pôr, assim. Você começa a simplificar incrivelmente a vida. E esse contexto e o consumo... Então, você começa a mudar completamente a lógica do que te impõe o mercado. Porque o mercado de crianças é igual ao mercado de cosméticos. Você precisa de um creme diferente para todas as partes de seu corpo e você precisa de um tipo de xampu que é diferente do outro. Enfim, você descobre que tudo isso é besteira, uma besteira grande, muito grande.

A partir de tais experiências, que vão sendo compartilhadas pelas redes sociais, ainda que em escala bem menor que outros conteúdos¹⁵, as entrevistadas vão desvendando a estupidez do mercado ao qual somos submetidos. No início da década de 1980, Vilém Flusser (2019, p. 135) já alertava: “Nosso ambiente é de *estupidez* jamais vista. Objetos tolos nos cercam: canetas plásticas, escova de dentes elétrica, revistas ilustradas, propaganda em cartazes”. Talvez um

¹⁵ A menina de 10 anos que diz seguir várias páginas, principalmente no TikTok, reconhece que a maioria não fala sobre redução do consumo: “Só que tem algumas, ainda assim, que normalmente são as menores, assim, não são tão ‘meu deus do céu, tem 11 milhão de seguidores!’, não, tipo, no máximo tem umas 500 mil pessoas ali seguindo não sei o quê, que falam sobre esse tipo de coisa”.

dos produtos mais tolos que evidencie bem a estupidez desse “aparelho” foi um “brinquedo” citado por uma menina de 10 anos de Belo Horizonte (MG) e sua mãe, o Pop It:

Mãe – Uma porcaria. Um negócio de silicone... Plástico bolha Nutella! É isso! (...) Aí eles inventaram um negocio de silicone pra criança ficar apertando, pra desestressar! E virou febre!

Filha – (*rindo*) Na verdade virou febre só porque ocorreu um vídeo de um macaco apertando isso. Aí boom, todo mundo quis comprar!

As duas contam como a garota foi “rechaçada” na sala de aula quando foi criticar o “consumismo” dos colegas. “Eu acho absurdo comprar Pop It, porque não serve pra nada, é puro consumismo!”, lembra a mãe rindo de como a filha reagiu.

Seja por documentários, pelas páginas que seguem na web, ou mesmo pelas experiências com o entorno imediato, os entrevistados vão percebendo a insustentabilidade e a perversidade do “aparelho” no qual se inserem. No entanto, muitos desses entrevistados também se davam conta de como eles próprios não conseguiam escapar desse sistema. Vários admitiram dificuldade em parar de consumir proteína animal, por exemplo, mesmo sabendo dos terríveis impactos dessa indústria, fosse por questões nutricionais, sociais ou pelo desafio de abdicar de um hábito alimentar enraizado desde a infância.

As irmãs de 11 e 13 anos também perceberam como era difícil abrir mão do automóvel, algo visto como “essencial” em suas rotinas por levá-las aos lugares que frequentam. A mais nova ponderou sobre a alternativa do carro elétrico, mas entendia que era algo inacessível para a sua família e a maioria das pessoas, por ser muito caro. Já a mais velha apontou o transporte público como uma opção mais “sustentável”. Nesse momento se dava conta de como as pessoas com “renda mais baixa” (não condicionadas ao carro) acabavam sendo mais “sustentáveis”. Uma mãe também explicou que buscava evitar o carro, que só usava álcool para abastecê-lo e que o filho ia de vã para a escola. Contudo, não parecia fácil abrir mão do veículo automotor.

Outra mãe reconhecia o enorme impacto da indústria da aviação e comentou sobre como lhe doía o fato de o marido querer viajar para Nova York (EUA). Mas admitiu sobre seu sonho em levar os filhos para a Disney e como acabou cedendo a esse desejo, ainda que fosse “uma viagem única” e fizesse a “compensação” (uma alternativa que nem todos têm acesso)¹⁶.

Já algumas mães falaram sobre a rotina tão corrida, que precisavam recorrer a certos produtos para facilitar a vida, como o lanche pronto e embalado vendido no supermercado, para

¹⁶ A “compensação de carbono” costuma acontecer pela compra de créditos de carbono, ou pelo investimento em plantio de árvores e restauração de florestas (para capturar carbono). Muitas companhias aéreas oferecem a alternativa para o cliente pagar para a empresa fazer essa compensação, devido à grande emissão de gás de efeito estufa emitida na atmosfera por cada passageiro em uma viagem de avião.

a filha poder levar para a escola. A mãe que falou sobre o empenho em usar só fraldas de pano quando nasceu a primeira filha admitiu que com o segundo filho às vezes acabou se “perdoando” e recorrendo à fralda descartável quando estava demasiadamente cansada.

Nessas falas os entrevistados percebem como se tornou difícil viver sem carro, sem avião, sem fralda descartável ou sem lanchinho pronto para o filho levar para a escola, sendo que antes vivíamos bem sem tudo isso. O entorno, as instituições que frequentamos, as longas jornadas de trabalho, mais tantas tarefas que se tornaram “obrigatórias” já partem do princípio de que todos devem recorrer a tais produtos. De tal modo, em vez de saciarem nossas necessidades, essas “regalias” criaram novas necessidades. Fomos jogados nesse mundo de instrumentos desde o dia em que nascemos. Fomos condicionados a todos esses aparatos, ao ponto de não conseguir abrir mão deles, mesmo quando temos consciência de seus impactos. Por esses depoimentos confirmamos o quanto os produtos da cultura, que a princípio tinha por objetivo nos libertar das condições impostas pela natureza, passaram a nos condicionar ainda mais. Simplesmente substituímos um condicionamento por outro (Flusser, 2019, p. 137).

Mas Vilém Flusser também percebe que os produtos culturais feitos por humanos, apesar de nos condicionarem, no princípio ainda tinham por finalidade nos emancipar de alguma situação. Porém, quando os produtos deixam de ser feitos por mãos humanas e passam a ser produtos de um aparelho automatizado, cuja finalidade é apenas engolir matéria-prima e excretar produtos da forma mais eficaz possível (sem senso ético, estético ou crítico), ele começa a nos lançar coisas extremamente aleatórias (como o Pop It): “O que deciframos, por detrás do *gadget*, é a estupidez do aparelho. A qual produz os *gadgets* ao acaso, se estiverem incluídos no seu programa. Não há ‘intencionalidade’ nos *gadgets*, há o jogo do acaso e da necessidade” (Flusser, 2019, p. 138).

Com isso, além do carro, do avião, da fralda descartável (que ainda parecem ter alguma utilidade), existe um mundo de quinquilharias e engenhocas aleatórias ainda mais toscas, que vão sendo simplesmente engolidas conforme vão sendo empurradas, mesmo quando não há intenção prévia de consumi-las. E isso é algo que vários entrevistados percebem a partir das próprias experiências.

As irmãs de 11 e 13 anos, por exemplo, que pareciam bem preocupadas com o consumo, admitiram como elas próprias às vezes acabam sendo atraídas por essas “coisas aleatórias”, de que não precisam, ao entrar em uma loja com as amigas da escola. Em uma entrevista separada, a mãe das meninas também fala sobre como as filhas, apesar de conscientes, às vezes chegam com alguns “pedidos estapafúrdios” e acabam sendo tentadas por futilidades quando estão na

companhia das amigas: “De comprar coisa besta, de desperdício, assim... Quinquilharias, que vai na lojinha japonesa e compra um monte de coisas por comprar e tal”.

Essa mãe entende como isso piora pelo fato de serem adolescentes. Porém, até alguns adultos reconhecem como mesmo eles perdem o controle em ambientes muito apelativos, como relata essa mãe: “Às vezes a gente foi na rua, sei lá, pegar um negócio, comprar um remédio, mas aí você passou na loja, na papelaria, na lojinha de não sei quê, você viu um negocinho que lembra a sua amiga, que não sei o quê, quando você vê, você chega em casa com dez sacolas”.

Um casal de pais que na época da entrevista (2020) estava vivendo em Callisburg, uma cidade metropolitana no sul dos Estados Unidos, depõe sobre como o país para o qual se mudaram era tão apelativo para o consumo: “A gente acha que no Brasil tem muito consumo. Quando eu cheguei aqui eu falei: ‘Nossa, isso aqui é uma coisa que eu nunca tinha visto na minha vida!’ Foi chocante! A quantidade de carros, a quantidade de coisas que as pessoas compram e elas guardam nas casas delas!”. Então o casal conta sobre a própria dificuldade em resistir a partir do momento em que os bens de consumo são tão acessíveis:

Mãe – Tudo! No restaurante tem brinquedo, na farmácia... É assédio até pra gente. A gente entra num lugar (...): “Eu quero tudo” (*ri*)! Então é difícil você consumir de forma consciente, mas, é isso...

Pai – Eles vivem disso, de consumo.

Mãe – Aquelas bonequinhas de plástico (...). No Brasil custa 100, mais de 100 reais. Aqui custa 5 dólares. Então, assim, é muito mais barato! (...)

Pai – (...) Você sai pra comprar verdura e você volta com uma boneca.

Você sai pra comprar verdura e você volta com uma boneca. Nessa frase esse pai resume a vitória do aparelho sobre a vontade humana: ao nos coagir por todos os lados, vamos perdendo o senso crítico, nossa capacidade de decidir, nossa autodeterminação. A irmã mais nova, de 11 anos, percebe que, a partir do momento em que a “classe média alta” tem dinheiro, ela se sente no direito de comprar o que bem entender, ignorando o outro que pode estar passando por necessidades: “Quando você tem o dinheiro pra gastar em tudo, você vai querer gastar naquilo”.

É preciso esforço para olhar para o outro (que desapareceu do nosso campo de visão e imaginação) e resistir. E mesmo quando conseguimos dizer “não”, existe um entorno incontrollável, que vai trazendo e forçando todos as parafernalias que recusamos a descerem pela nossa goela ou pela goela de nossas crianças, como repara essa mãe: “Eu não consigo

controlar os avós. Os avós acabam dando mais coisas”. Outra mãe também explica: “Eles têm padrinhos, eles têm a vó, eles têm o universo mandando brinquedo de plástico a rodo assim”.

Por tais descrições, percebe-se como, ao serem reduzidas a consumidoras, as pessoas vão perdendo sua autonomia e sua liberdade e, o pior de tudo, para um aparelho que produz coisas estúpidas e disfuncionais, como observamos na fala dessa mãe: “Eles fazem, por exemplo, Toddyinho agora com aquele canudinho de papel. Mas é uma coisa muito de marketing. Um canudinho é uma porcaria! Ele vem embalado num plástico, então acaba que não funciona muito”. Outra entrevistada ressalta como as coisas são produzidas sem pensar a longo prazo, desde um liquidificador (que não é projetado pensando na limpeza de cantos difíceis de acessar) até o carro elétrico, que parece surgir como uma solução milagrosa para o combustível fóssil, apesar de ignorar uma série de outras questões:

De onde vai vir a eletricidade? Porque a eletricidade também vai gerar algum tipo de sobrecarga. E do que vão ser feitas as baterias? Quanto tempo de vida útil tem? De que modo vai ser descartado depois? Isso não é pensado. (...) Só vai ser pensado na hora que gerar outro problema. Daqui a 10, 20 anos, se tiver um monte de bateria lá.

Tudo isso nos leva a concordar com o diagnóstico de Flusser (2019, p. 136): “A sociedade está em processo de cretinização progressiva, *dementia praecox*”. E prossegue:

Tal *dementia* é constatável sobretudo nas ditas “elites”. Jamais tamanha quantidade de inteligência, disciplina, imaginação e recursos foi mobilizada para a invenção de objetos tolos. Jamais a economia foi planejada e dirigida com maior estupidez que atualmente. Jamais as decisões políticas e sociais estiveram em mãos de pessoas tão estúpidas como atualmente (*ibid.*, p. 136).

3.3. Programadores estúpidos e cretinos

A estupidez e a cretinice de quem ainda parece reger nossa sociedade foi constatada em várias entrevistas. “Você acha que os grandes tomadores de decisão não sabem a situação que está o planeta? Eles sabem!”, comentou indignada uma mãe.

Havia uma percepção muito negativa em relação ao governo em exercício na época das entrevistas. Todos os adultos admitiram angústia e medo ao ver “a boiada passando” (para usar as palavras de uma entrevistada). E mesmo a maioria dos adolescentes e crianças se referia ao então presidente em exercício com frases do tipo: “É... bom... Eu fico sem palavras né...” (entrevistada de 9 anos). Ou: “É porque ele realmente é um idiota, um pamonha, meu deus! Tão burro!” (entrevistada de 10 anos). Um adolescente de 17 anos argumentou: “Mas você está vendo o presidente acabando com a Mata Atlântica, entregando a Amazônia (...) É até triste se pensar que um governo que deveria zelar pelos direitos cidadãos e que está acabando com esses direitos”. Já uma menina de 11 anos declarou: “É, tipo, eu odeio o Bolsonaro e eu acho que ele

não está reagindo bem porque ele realmente não está se importando com o aquecimento global, ele tem várias falas horríveis, e eu não gosto dele”.

A maioria dos entrevistados contou sobre o choque que teve com as eleições de 2018 e se mostrava bastante ansiosa com o resultado das eleições de 2022. Nas entrevistas realizadas um pouco depois do primeiro turno de 2022, muitos adultos deixaram clara a sensação de derrota que tiveram quando viram o senado que havia sido eleito, como notamos na fala dessa mãe: “Já está uma bancada da morte no senado! E eles que fazem as leis. Esse é o povo. Eles estão com a caneta na mão, eles fazem a lei”.

Mas a imagem negativa não era só do governo. Uma entrevistada discorreu revoltada sobre invenções que pareciam inteligentes, sustentáveis e baratas (desde maquiagem natural até biocombustível gerado pela compostagem de lixo), mas que não recebiam apoio financeiro suficiente, pois podiam colocar em risco o lucro de um mercado milionário já existente. Ficou evidente a impressão péssima que muitos adultos tinham da elite financeira, como vemos também na fala dessa mãe:

Eu estava vendo que a BlackRock, que é uma das maiores *assets* do mundo, tem maior quantidade de ativos sob a administração deles, eles adotaram uma postura de desinvestir em combustíveis uns dois anos atrás, né. Aí essa semana eu estava lendo uma notícia que um grupo de investidores do Texas estão processando, reclamando lá com a BlackRock, porque está prejudicando os negócios deles e eles estão atrapalhando os ganhos com os investimentos deles com essas conversas que são “puramente políticas” (*ri*). Por uma agenda “puramente política”, que não tem nada a ver (*ri*).

Outra mãe menciona as práticas de empresas como a Exxon¹⁷, que permanecem até hoje: “A gente continua a ter uma galera que está careca de saber o que isso significa e simplesmente taca um fogo assim!”. Um pai cita o livro *Merchants of doubt* (de Naomi Oreskes e Erik Conway), que ilustraria bem a tática que a “indústria petroquímica, através da Exxon e do Instituto Americano de Petróleo, desenvolveu nos Estados Unidos nos anos 90”. Esse pai vê tal estratégia chegar ao Brasil a partir do momento em que “cientistas negacionistas” defendem teses absurdas, tendo a voz repercutida na grande mídia, como se lembra do que aconteceu quando dois desses cientistas foram entrevistados no programa do Jô Soares, em 2012:

E poxa vida, tanta coisa linda que o Jô fez na vida dele... Pisou muito feio na bola nesse caso aí. Eu até percebi que ele tentou ironizar o sujeito, mas esses caras são... Essas figuras são caras de pau. Eles têm *media training* desde sempre. Então, o que

¹⁷ Empresas de petróleo, como a Exxon, na década de 1980, chegaram a financiar pesquisas científicas sobre o aquecimento global, que projetaram cenários climáticos catastróficos se continuássemos a queimar combustível fóssil. No entanto, os grandes líderes dessas empresas preferiram manter essas projeções em sigilo, enquanto, em pronunciamentos públicos, lançavam dúvidas sobre o aquecimento global ocasionado por atividades antrópicas. É possível ler mais na reportagem de Phoebe Keane para a BBC News, de 24 set. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54284565>. Acesso em 11 mai. 2023.

ficou foi o vídeo da entrevista com trechos absurdos. Dizer que a Amazônia se pode derrubar toda, que daqui a 20 anos cresce de novo. De que a camada de ozônio não existe. Uma coisa muito louca. É um troço tão... É do nível de dizer que a Terra é plana aquela entrevista ali.

De tal modo, esse pai percebe como existe uma parcela da “classe intelectual”, ainda que seja a minoria, disposta a disseminar dúvidas para defender interesses de uma elite que rege nosso sistema de forma cretina. Além desses cientistas, esse pai também criticou economistas que defendem a lógica de continuar produzindo cada vez mais:

Tinha economista lá, e veja só como isso não é necessariamente critério, veio mais tarde ganhar Prêmio Nobel de Economia: o William Nordhaus. Na época, ele dizia que ele tinha um modelo econômico que continha tudo, inclusive o clima. (*ri*) E que os resultados do modelo dele indicavam que a melhor coisa a fazer num primeiro momento era... nada. Porque a ideia dele era maximizar o PIB para com mais riqueza você ter, em tese, mais possibilidade de atender... Mas, enfim, justamente uma lógica muito liberal. E só fraude. Eu só posso classificar desse jeito esse tipo de produção.¹⁸

Uma grande crítica desse tipo de produção “intelectual” é a socióloga Marijane Vieira Lisboa, que percebe como a ciência por vezes se submete a um desenvolvimento tecnológico manipulador a serviço de interesses políticos e econômicos restritos: “Muitas vezes o próprio cientista, ingênuo, sequer percebe o quanto ele é o mero instrumento daquele grupo. Outras vezes, tem plena consciência e vê aí justamente a oportunidade de alavancar a sua carreira pessoal” (Lisboa, 2021 p. 34). Um pouco adiante argumenta:

Antes a técnica servia à ciência como instrumento de investigação, agora a ciência serve à técnica, e ela se torna fundamentalmente *manipuladora*. As duas não se separam mais, e se tornam por isso *tecnociência*. Há portanto, uma articulação inaudita entre *investigação* e *poder* e muitas vezes os cientistas se tornam meros atores políticos, mesmo sem o sabê-lo. Por outro lado, a organização burocrática e a superespecialização geram uma espécie de irresponsabilidade generalizada, em que cada um é responsável por pequeno compartimento de saber e enquanto o resultado geral fica a cargo de ninguém (Lisboa, 2021, p. 35).

Essa análise coincide com a de Vilém Flusser, que considera tais cientistas e economistas como funcionários (instrumentos) que exprimem a “vontade” do aparelho a partir do momento em que criam “explicações” para sustentá-lo. Nesse sentido, a ciência e a filosofia

¹⁸ No livro “Há mundo por vir” (2017), Déborah Danowski e Viveiros de Castro criticam uma série de correntes filosóficas que apoiam esse tipo de ideia, como a do Breakthrough Institute, fundado por Nordhaus e Shellenberger, que argumenta que “ao invés de diminuir, devemos aumentar ainda mais, produzir, inovar, crescer e prosperar, para finalmente incluir nessa abundância os que agora são privados dela” (Danowski e Viveiros de Castro, 2017, p. 72). Ou os Singularitanos, que acreditam que o ser humano conseguiria “transcender” a corporeidade humana graças à tecnologia cibernética, ao “transmigrar sua alma” por uma codificação de sua consciência em “aplicativos realizáveis em um número indefinido de plataformas materiais” (Danowski e Viveiros de Castro, 2017, p. 69). Notamos como essas correntes filosóficas estão sustentando nada mais do que a própria vitória do “aparelho” sobre o humano, que seria reduzido apenas à sua função “consciente” (ignorando corpo e os seus impulsos vitais inconscientes), completamente dependente da máquina (como se tal máquina não fosse depender de “matéria-prima” extraída de algum lugar concreto para existir).

deixariam de ser “articulação de existências preocupadas”, para se tornarem “repartição cultural do aparelho”, (Flusser, 2017, p. 310). A função de tal repartição é fornecer “explicações” que programem aqueles que estão no “aparelho”, conforme pautem suas “conversas fiadas”: informações que são empurradas de “pseudointelecto” para “pseudointelecto” (como “bolas de bilhar”) sem jamais serem compreendidas e digeridas (Flusser, 2021, p. 182).

Nesse esquema, a mídia de massa é outra repartição importante do “aparelho”, cuja função é excretar todas essas “explicações”, como aconteceu no episódio da entrevista do Jô Soares (que até podia não querer exercer tal função, mas não conseguiu evitar). E percebe-se como a mídia trabalha em função da programação desse “aparelho”, não só ao disseminar “explicações pseudointelectuais” que o justifiquem. Um casal de pais, por exemplo, descreve os efeitos dos vídeos de *unboxing* aos quais os filhos costumavam assistir no YouTube: “Eles querem ter os brinquedos das crianças que aparecem no vídeo têm”. Assim, esses conteúdos vão servindo para o próprio aparelho ir se reprogramando à medida que programam seus “funcionários” desde a infância.

3.4. “Sociedade do lixo”

Como foi tratado anteriormente, o lixo material é um problema fácil de ser captado pelas crianças. Todavia, nem sempre é fácil compreender como nós fazemos parte dessa cadeia de lixo. A menina de 5 anos, a entrevistada mais nova, por exemplo, falou com muita raiva sobre o lixo nos rios e na praia perto de sua casa. Mas, quando foi indagada sobre como aquele lixo todo ia parar lá, ela respondeu, de forma um pouco confusa: “É porque, como que vai? E não acontece nada? Como que surgiu? Se ninguém joga? Não acontece nada. (...) Como que pode? Vem do ar. Aí o ar bota, (...) bota em algum lugar e aí voa pro mar da praia”.

Sua mãe explicou não saber até que ponto a filha conseguia entender que as coisas que compram acabam gerando lixo. Mesmo assim tentava mostrar para ela aos poucos, como quando iam ao mercado e a menina insistia em comprar um biscoito que vinha em muitas embalagens, por exemplo. Esse tipo de produto a mãe disse que evitava comprar. Mas às vezes acabava cedendo à filha, que não entendia o motivo da recusa, e tentava ajudá-la a perceber: “Quando eu chego em casa, eu mostro: ‘Ó, aqui tá dentro esse saco, que tá dentro desse saco, dentro... Olha quanto lixo que você gerou’. Ela... Algumas coisas passam direto, outras coisas ela vai entendendo”.

Outros pais também tentavam ajudar os filhos a desvendar a cadeia por trás de tanto lixo. O casal que estava morando em Callisburg em 2020, por exemplo, constata como aquele local tão apelativo para o consumo era muito sujo, o que deixava toda a família, incluindo as

crianças, indignada. Então, os pais aproveitavam para tentar esclarecer o sistema em torno do consumo para os filhos:

(...) eu explico, falo assim: “Ó, isso aqui, gente, vocês têm que entender como é produzido. Isso aqui vem de Hong Kong. É produzido em Hong Kong. É produzido lá na China, em condições horríveis de trabalho e aí é muito lixo...”. Assim eu explico tudo, toda a cadeia (...) “Isso aqui não é uma coisa especial, isso aqui é produzido em série”. Aí, por exemplo, eles gostam de assistir YouTube (...) *unboxing* e tal. Eu não proíbo. (...) Aí eles querem comprar. Aí eu falo: “Você já reparou que toda vez que você assiste a esse vídeo você quer mais coisas? Por quê?” (...) Aí eu falo pra eles: “Mas essas crianças não estão brincando. Essas crianças estão trabalhando. Eles estão ganhando dinheiro pra fazer isso! Isso aqui é o trabalho delas! O papai e a mamãe deles ganham dinheiro com eles fazendo isso. Eu não vou fazer isso com vocês! Entendeu? Eu não vou!”.

Os vídeos de *unboxing*, como vários youtubers e blogueiras, podem muitas vezes se apresentar para o público infantojuvenil como “amigos” numa relação horizontal. E os pais que dizem “não” aparecem como a autoridade vertical que tolhem a liberdade dos filhos. Mas no diálogo (horizontal) que busca estabelecer com suas crianças, essa mãe tenta ajudá-las a perceber como tais produtores de conteúdo na realidade ocupam uma posição bastante elevada e coercitiva, na qual conseguem disseminar desejos para um amplo público em pouco tempo – graças a mídias eletrônicas, como já constatava Harry Pross (1980, p.123). Então, em vez de simplesmente proibir que os filhos assistam aos vídeos de *unboxing*, a mãe buscava dialogar para ajudá-los a metabolizarem o processo por trás do lixo material e também do “lixo midiático”. Porém, tanto essa mãe quanto seu marido explicam que, quando é preciso, dizem “não”, exercendo a autoridade e o dever paterno (ao voltar a estabelecer o *limite*, que a cultura dos excessos e do consumo em larga escala tende a dissolver): “Eles já ouviram tanto ‘não’, tanto ‘não’, que eu acho que eles já se acostumaram”.

Conscientes de toda essa cadeia coercitiva, muitos entrevistados, incluindo crianças, tentavam evitar produzir lixo. No entanto, se davam conta de como isso era difícil. Uma menina de 10 anos repara: “Eu até tento. Mas tudo o que a gente vê por aí agora tem plástico. (...) Então, já não tem muito como fugir assim”. O plástico foi apontado pelos entrevistados como um dos principais materiais que buscam evitar, meta que se revela bastante difícil, já que grande parte dos produtos que compram, incluindo suas embalagens, é feita de plástico.

Do ponto de vista do “aparelho”, o plástico é um instrumento bastante eficiente: barato, maleável, fácil de manipular, leve, com longa duração, de modo a conservar relativamente bem produtos perecíveis a um custo baixo. Mas, por ser barato, é manufaturado para logo ser descartado. E, por ser tão durável, sua forma nunca é suficientemente gasta para se reintegrar à natureza. De tal modo, ele evidencia de maneira exemplar nossa “incapacidade para consumir”,

ou seja, fazer *sumir*, todos os produtos que “engolimos”. Foi a partir dessa constatação que Flusser (1972) considerou mais adequado designar nossa sociedade como “sociedade do lixo” em vez de “sociedade do consumo”, já que não conseguimos *consumir* tudo que é lançado para nós em velocidade crescente. Não só produtos materiais, mas também ideais, como os vídeos de *unboxing* ou a teoria de Nordhaus. Engolimos, todavia não digerimos. Excretamos, sem metabolizar, para logo abrir a boca para devorar mais. E daí vamos ampliando o grande Reino do Lixo, que, como vimos, começa a obstruir nossos fluxos e nossa visão de mundo:

O lixo que está inundando a cultura na forma de produtos mal digeridos e vomitados, (produtos materiais e ideais), não apenas perturba os passos dos homens que perambulam no labirinto, corta as plantas dos seus pés com seus cacôs, infecta com as bactérias seus pulmões e suas mentes, mas ainda atrai os homens com sua moleza informe de lodo (Flusser, 1972, p. 36).

A opção mais óbvia, então, seria a reciclagem. A menina de 5 anos defendia bravamente a reciclagem como uma solução para o lixo. Mas essa saída já soava como um paliativo ingênuo para muitos adultos. Uma mãe comenta: “Mas é uma situação que me deixa pensativa, porque a gente, mesmo ‘reciclando’ (*faz aspas com a mão*), não é tudo que vai, tudo que pode... E aí fica muito lixo”. Já a mãe que estava morando nos Estados Unidos (2020) falou indignada sobre a escola dos filhos ainda abordar a reciclagem como parte da educação ambiental:

Aqui, assim, na escola, o trabalho de educação ambiental ainda é muito pobre. Assim, eles falam de reciclagem. Não estão nem no evitar a compra, sabe? É comprar muito e reciclar. (...) Eu falei: “Eu não vou fazer o trabalho da reciclagem com vocês! Eu me nego” (*ri*). (...) É besteira! O mais importante é não comprar. E isso é muito difícil pra gente aqui.

3.5. Repartição escolar: ambiente repartido ao meio

Ainda que vários entrevistados confirmassem que “meio ambiente” era tratado em sala de aula, muitos pareciam decepcionados pelo modo como o tema era abordado. Por exemplo, uma mãe, que é professora de biologia há 16 anos, declara:

Mas uma educação ambiental básica no ensino ela não existe. Eu te falo com propriedade. (...) É abarcado, tá lá na apostila. Mas para você ver com calma, com propriedade, cada um dos temas é mentira, não tem. (...) É meio que para inglês ver. Aparece ali, eles fazem uma provinha, mas não é de verdade. Entende o que eu estou falando?

Essa percepção também apareceu na fala de algumas crianças e adolescentes. Um exemplo está no depoimento de um rapaz de 17 anos, de São Paulo, que antes estudava em uma escola estadual e depois passou a estudar em um instituto federal:

É, tem os dias lá do meio ambiente, coisa assim. Aí parece que o meio ambiente se torna a coisa mais importante do mundo. Mas aí depois, no resto do ano, é tipo... É só um dia do ano. Tipo o dia do indígena. Que praticamente é isso que eles fazem. É como se o indígena fosse a coisa mais importante do mundo. Depois o que fazem? Vão acabando com a vida deles. É isso. Tem, mas não tem.

O garoto ainda enfatiza que não vê o assunto ser tratado com a relevância devida: “É como se fosse um assunto qualquer. Entendeu? Visto a importância pro futuro, e atual também, gigante. E muitas pessoas nem ligam também”. Já as irmãs de 11 e 13 anos, que estudam em uma escola particular na cidade de São Paulo, percebem como o discurso da escola sobre “meio ambiente” está distante da prática:

Mas em questão de sustentabilidade e clima, né, temperatura da Terra e essas coisas de emissão, eles dão um pouco de conteúdo em aula, geralmente nos textos do 5º ano, mais ou menos. Mas eles não dão recursos sustentáveis na escola. Então, eles trabalham o tema, mas realmente eles não usam o tema que estão dando pros alunos. Então: “Ah, estou falando de poluição”. Eles deixam o assunto poluição só pras aulas. Pro dia a dia da escola, pros materiais utilizados, é meio tipo: “Ah, não precisamos ligar para poluição”.

As meninas trazem alguns exemplos mais claros sobre o modo como a escola deixa “sustentabilidade” só como assunto de sala de aula, sem integrá-lo em suas ações:

A gente tirou uma foto no começo do ano. E distribuíram essas fotos, que a gente podia comprar uma foto nossa. Tipo pagar pra escola e eles dão a foto, que vai ser nossa. Só que eles fizeram tipo, sei lá, a impressão pra todos os alunos de várias coisas diferentes. Aí eu cheguei pro coordenador e perguntei: “Ah, mas pra onde que vai? Quem não comprou pra onde que vai?” Ele falou: “Ah, sei lá”. Ele não sabia! Ele falou tipo: “Não sei, descarta”.

Já vislumbramos aí o especialista, que ignora a totalidade do “aparelho” ao qual serve, que apenas cumpre a função de empurrar fotos para os alunos. As irmãs ainda falaram sobre como o coordenador escolar não sabia responder por que acabaram com a separação do lixo reciclável, e criticaram a administração do colégio por ignorar as práticas de reciclagem e sustentabilidade adotadas pelas empresas que contratavam. Um exemplo bem evidente para elas era a cantina, que usava plástico para embalar talheres e alimentos e não oferecia opções saudáveis para uma alimentação mais baseada em vegetais.

E minha mãe acho que uma vez falou até isso. E eles falaram: “É, a gente tem que dar o que as crianças gostam. E a maioria das crianças não gosta de legumes”. E aí minha mãe ficou em choque. Então, vai, se uma criança gosta de hambúrguer, eu vou dar hambúrguer todo dia pra ela? É isso?! Meio nada a ver.

Pelos depoimentos das irmãs, fica clara a falta de coerência da escola, ao agir como uma “repartição” do “aparelho”: cada funcionário, cada repartição da escola cumpre sua função ignorando a totalidade do colégio e do mundo, muitas vezes não assumindo responsabilidade

pelas suas escolhas, nem ao menos se preocupando se estão alimentando adequadamente suas crianças. Empurram o que o “consumidor” supostamente quer, como faz o mercado.

Estudante aqui é consumidor. Já “meio ambiente” e “sustentabilidade” aparecem apenas como bens de consumo, produtos a serem engolidos pelos alunos durante a aula sem precisar metabolizá-los e integrá-los à realidade escolar, ou à própria vida. A mãe que é professora de biologia percebe essa falta de metabolização na educação ambiental: “Não fala sobre as coisas mais profundas. Que é repensar o consumo. Olhar criticamente o que são os 5 Rs. Então, eles decoravam os 5 Rs pra prova, mas não entendiam o que significava”.

Vemos aqui como o “ensino bancário”, tão criticado por Paulo Freire (2012), persiste quando a escola apenas “deposita” conhecimentos na cabeça dos alunos como depositamos dinheiro (números abstratos) no banco, sem estabelecer relação com o universo imediato do educando¹⁹ (o que exigiria muito diálogo). Em seu ensaio “Da crise na educação”, Flusser percebe como esse ensino fragmentado, que apenas transmite dados do professor ao aluno, tem o intuito de formar “especialistas”, ou seja, funcionários, que apenas obedecem, alienando o programa e o projeto do aparelho ao qual servem, incapazes de intervir em seu rumo. Essa crítica coincide com a do seu contemporâneo Paulo Freire (2019), que condena a educação que ensina seus educandos a constatarem a realidade apenas para se adaptar, não para interferir:

Há perguntas a serem feitas insistentemente por todos nós que nos fazem ver a impossibilidade de estudar por estudar. De estudar descomprometidamente como se misteriosamente, de repente, nada tivéssemos a ver com o mundo, um lá fora e distante mundo, alheado de nós e nós dele (Freire, 2019, p. 75).

O que percebemos no depoimento dos entrevistados é que eles estudam “meio ambiente” e “sustentabilidade” apenas por estudar. Porque é a semana do “meio ambiente” ou porque está no currículo acadêmico (ou seja, está no “programa” do “aparelho”), mas sem o propósito de modificar a realidade imediata da própria escola.

Deparamo-nos aí com um ensino apartado da ética, já que não se pede para alunos e funcionários se preocuparem com seu comportamento, suas atitudes, sua alimentação ou com os resíduos que estão gerando. “Meio ambiente” e “sustentabilidade” aparecem como assuntos fragmentados a serem engolidos, entre tantos outros, sem conexão com as vivências e com as atividades concretas das crianças na escola (ou seja, com o próprio mundo da vida). Nesse sentido defrontamo-nos com um ensino também apartado da estética, que seria um modo de

¹⁹ O rapaz de 17 anos de São Paulo até chegou a dizer que na escola estadual em que estudava anteriormente costumava se sentir apenas “um número”, cuja opinião não importava.

captar o mundo pelos sentidos (pela *aisthesis*), pelas vivências imediatas (Flusser, *Modelos mudam*). Contudo, a educadora, pesquisadora e artista-plástica Lúcia Leão observa:

Para muitas pessoas, a mudança climática é vista como algo abstrato e distante – alguma coisa que ouviram falar, ou tiveram acesso através de alguma notícia. Em termos de gerais, para essas pessoas, a crise ambiental é entendida como algo que não participa de cotidiano, não afeta seus corpos ou suas decisões. (Leão, 2019, p. 168)

Nesse sentido, Leão entende a necessidade de situações que potencializem experiências estéticas, capazes de provocar novas percepções e contribuir na formação de visões de mundo conscientes da realidade da mudança climática. Para Dietmar Kamper (2016, p. 159), se há algo que escapa ao desastre atual é justamente o sentir, a percepção corporal: “*Estética é percepção enquanto paixão pelo outro*”. No entanto, pelas diversas falas coletadas, notamos como grande parte das escolas parece ensinar sem essa dimensão estética, sem convidar os alunos a perceberem o lixo que eles próprios produzem no dia a dia. Ensina sem convidar as crianças a apreciarem a bela vegetação que está presente no próprio ambiente escolar, algo levantado por uma garota de 10 anos, estudante de uma escola particular de Guarulhos (SP):

Às vezes eles falam muito sobre isso, mas eles não falam de um jeito que tipo... Eles falam de um jeito como se fosse só a aula mesmo. (...) Não é, tipo, vamos lá no gramado e a gente faz uma atividade superlegal com não sei o quê, não sei o que lá. Sabe? Mais de aproximar? Eles não fazem muito isso. Eles falam: “Não, fazem esse desenho, faz um desenho falando sobre isso, não sei o quê, que está bom”.

Ao pedir que as crianças apenas façam desenhos de algo que permanece distante, ou que leiam em suas apostilas ou façam uma “provinha”, “meio ambiente” vai perdendo as suas múltiplas dimensões para se tornar apenas um objeto abstrato. Vítima da “escalada da abstração” (Flusser), “meio ambiente” vai deixando de ser percebido como nosso *Lebenswelt*, o próprio mundo vivo em que estamos imersos, para se tornar um objeto lançado à criança como um “problema”:

Objeto significa “algo que foi lançado contra mim”, *ob-icere*, de *iacere*. Eu caí, a pedra foi jogada. Em grego se diz *ob-iectum*, πρόβλημα (pró-blema). A pedra é um problema. Isso pode ser traduzido para o alemão de duas formas. A pedra é entendida como um ob-jeto (*Gegen-stand*) ou como um obs-táculo (*Wider-stand*). (...) Em resumo, retirei um objeto do mundo da vida. Agora estou rodeado de muitos objetos. Esse mundo objetivo me obstrui o caminho para o mundo da vida. Estou cercado por um mundo objetivo. Estou sub-metido a esse mundo objetivo. Só há coisas, esses objetos, só condições. Sou um submisso. Em latim, isso se chama sub-ject. Sou subjetivo aí, em um mundo objetivo, e estou alienado do mundo da vida. Isso não pode mais ser chamado de vida. (Flusser, 2014a, p. 115-6).

Quando “meio ambiente” é apenas objeto distante, “problema” ao qual eu, como sujeito, me oponho, é difícil desenvolver um vínculo de carinho, preocupação e responsabilidade. Flusser (2007, 2014b) percebia a dificuldade de nos engajarmos quando observamos o mundo

em uma posição elevada, distante e transcendente, ou seja, “sem chão”. Não à toa a menina de dez anos de Guarulhos percebe que, enquanto sua professora traz informações e dicas sobre preservação ambiental, seus colegas ficam entediados. Porque “meio ambiente” se tornou mais um assunto “repartido” cuspidado pelo “aparelho” para pautar a “conversa fiada” da sala de aula, como algo repetitivo, chato e difícil de digerir. Não é mais mundo vivo cheio de divindades com múltiplas faces e vozes, que manifestam seu sorriso e também suas dores e com as quais podemos dialogar²⁰.

Os conceitos sobre “meio ambiente” e “ecologia” que criamos para cuidar melhor do nosso *oikos* parecem estar obstruindo a percepção do nosso próprio *oikos*. Os mapas que criamos para nos orientarmos no mundo vivo passaram a obstruir a própria percepção do mundo vivo (Flusser, Kamper). Fomos cercados pelos instrumentos, pelas imagens bidimensionais (imagens sem corpo), pelos números e pixels que criamos para compreender o mundo e dele nos afastamos, ao criar grossas camadas de lixo que nos impedem de ver e inspirar o sopro da vida, a pisque que anima o mundo vivo, a *anima mundi*. Fomos engolidos pelos nossos mapas, pelos nossos conceitos abstratos, pelas “conversas fiadas”, pelos instrumentos e pelo lixo. Fomos engolidos pelo “aparelho”, que, enfim, revela a face titânica e saturniana ao devorar os próprios filhos.

Contudo, neste capítulo constatamos como, apesar das dificuldades, muitos entrevistados, com certa sensibilidade e esforço crítico, conseguem, aos poucos, ir perfurando as camadas superficiais do lixo ao qual foram condicionados e captar algumas imagens pelas quais desvendam o funcionamento absurdo do “aparelho” no qual se inserem. Ao tentarem captar de forma mais ampla a cena da qual participam, vão tomando consciência do seu *estar-no-mundo*: um primeiro passo para não serem somente “peças do jogo”, mas também “jogadores” (para usarmos uma expressão comum na filosofia de Vilém Flusser). Veremos agora como esses mesmos entrevistados enxergam a humanidade, que parece ter sido engolida por esse sistema (isso inclui familiares, amigos e às vezes até eles próprios).

²⁰ Houve apenas duas exceções nas entrevistas, em que as mães buscaram por uma escola (particular) com um método diferenciado para os filhos estudarem. Essas mães contaram como, nesses métodos, a educação ambiental aparecia como algo transversal, ao estar presente na arquitetura, na construção da instituição, nos espaços com muita vegetação, nos recursos oferecidos em sala de aula, na alimentação, ou nos vários tipos de experiência proporcionados às crianças. A filha de 9 anos de uma dessas entrevistadas estudava em uma escola de pedagogia Waldorf e falou com muita empolgação e carinho sobre o colégio e as atividades das quais participava naquele ambiente: passeios escolares, brincadeiras ao ar livre, plantação de trigo, produção de pão etc.

4. IMAGENS DA INSANIDADE HUMANA (*Se você tirar o ser humano da equação mundo, o mundo fica perfeito*)

Ao constatar a estupidez e a cretinice de todo esse “aparelho”, os entrevistados acabavam percebendo o estado insano em que a própria humanidade se encontra. “E você vê assim que é uma loucura o mundo em que a gente está vivendo. Então... E tem muita gente que não acredita na ciência. Tem muita gente que... Meu, as pessoas não acreditam na vacina! Não quiseram tomar vacina! Muita gente que não se vacinou!”, dizia uma mãe com um riso nervoso.

Um pai se mostrava excepcionalmente decepcionado com a humanidade. Ele chegou a conceder duas entrevistas. Na primeira, em meados de 2020, ele parecia empolgado ao falar de suas ações como ativista. Fazia parte de vários grupos, como o *Famílias pelo Clima*, o *Bike Anjos* e a *Sociedade Vegetariana de João Pessoa*. Já na segunda, em setembro de 2022, seu ânimo estava muito diferente. Ele agora já tinha experimentado longos meses de uma pandemia, que não ocasionou apenas isolamento social, mas muitas decepções em relação aos outros.

Pra mim foi um choque, foi um choque essa questão da pandemia de, assim, eu tentar convencer, tentar conversar com as pessoas de que a gente precisa... cuidar do meio ambiente. E de repente eu percebo que as pessoas não estão cuidando nem uns dos outros, né. Questão... A galera altamente egoísta, de pensar só no próprio umbigo e na própria ideologia, assim... Isso foi um choque brutal pra mim. Tipo: como é que eu vou conseguir convencer uma pessoa de que o mundo tá em um processo de aquecimento global por culpa nossa, se o povo não acredita que nem tomar vacina é importante pra sociedade? Não pra si próprio, sabe? Isso meio que me chocou um pouco.

As decepções e as frustrações foram tantas, que esse pai decidiu sair dos grupos de ativismo que, segundo ele, tinham um viés “mais político”, no sentido de tentar dialogar, convencer e mobilizar mais pessoas, o que parecia ter perdido o sentido. Essa desistência do diálogo não se deu apenas pelo comportamento dos outros em relação à pandemia, mas também em relação a outras questões que lhe pareciam fundamentais:

Pai – Eu não vejo, como eu te disse no começo, eu não vejo a galera se preocupando com isso. A galera... Como eu disse, é difícil convencer uma pessoa de que o mundo tá nesse processo de extinção e que isso vai impactar a nossa vida. A nossa vida vai impactar um pouquinho, a vida dos nossos filhos um bocado, a dos nossos netos a gente não sabe nem como vai ser, né. É difícil convencer uma pessoa disso quando a gente tá discutindo sobre coisas que já deveriam ser ponto... Tipo: É bom a ditadura ou não é? (*riso nervoso*) Sabe? São coisas assim... Volta a ditadura?! Como é que eu consigo convencer uma pessoa de que... Não tem, eu não consigo! Eu parei de discutir. (*rindo ainda*) Não dá!

Entrevistadora – Foi muito desgastante isso tudo? Emocionalmente?

Pai – É. E, assim, pessoas... O pior são pessoas que você não imaginava que iam ter pensamentos assim. Tipo, uma tia super amorosa que de repente diz pra mim que a gente tem que andar armado (*riso nervoso*). Coisa desse tipo, assim... É meio surreal, sabe?! (*riso nervoso*).

Entrevistadora – É, eu entendo, isso abala a fé no outro, né?

Pai – Total!

Entrevistadora – Então você não anda pondo muita fé na humanidade no geral?

Pai – (*rindo*) Não, não dá pra confiar!

Entrevistadora – Você já chegou a ter mais fé na humanidade, mas agora que...?

Pai – (*rindo*) Já, já fui mais inocente!

Partindo do ensinamento judaico-cristão “ama teu outro como a ti mesmo”, Vilém Flusser (1982) observa que é no encontro e no diálogo com o outro, aquilo que não sou, que acessamos o sagrado. O teólogo Rudolf Otto (2021) já percebia o sagrado²¹ no “totalmente outro”, que carrega um *mysterium*, algo que não foi compreendido e concebido. Ou seja, parece reter um “Vazio” misterioso e espantoso (que eu não domino). Portanto, para Flusser, enquanto fosse possível crer e amar o outro, ainda seria possível crer e amar o divino. Ainda existia uma fé para nos sustentar. O divino está no *diálogo* com o outro, que me move; está em Eros, que se fascina pela *psiqué* do outro, que sempre guarda um mistério. Está na alteridade. Mas, como repara Flusser (2019), desde Auschwitz a fé no outro vem se tornando algo insustentável, a partir do momento em que se tornou loucura amar o outro. Quando um ser humano reifica seu outro, o manipula como um objeto *inanimado* de forma fria e sem escrúpulo, o outro perde sua *anima*, sua profundidade psíquica, o *mysterium* sagrado que nos separa, e deus morre.

Para Flusser, desde o século passado a posição do ser humano como “imagem de deus” vem definhando, não apenas porque temos dúvida quanto à sua “dignidade ontológica”, se ele é ou não a “imagem de deus”, mas porque estamos cada vez mais certos de que “homem é objeto manipulável” (Flusser, 2019, p. 23). “Pois a fé pode perfeitamente viver com a dúvida, e, com efeito, pode ser sustentado que não pode viver sem ela. Mas a certeza mata a fé, porque certeza é desespero.” (*ibid.*, p. 23). Esse desespero e a nossa certeza em relação ao humano é que estariam acabando com todas as formas de confiança, segundo Flusser. E essa falta de confiança, junto com o desespero (ainda que contido), foi perceptível na fala daquele pai (ao tomar certo distanciamento da cena para captar sua totalidade e desvendar o ser humano como “problema” do mundo):

²¹ Cujá categoria apresenta um elemento ou momento que foge à apreensão conceitual, como algo inefável.

Olha, eu vou ser bem sincero. *Eu acho que o problema do mundo todinho é o ser humano. (riso nervoso) Se você tirar o ser humano da equação mundo, o mundo fica perfeito (riso nervoso).* Então, não é querendo ser pessimista. Mas, assim, sendo realista: ou a humanidade muda de atitude, ou a gente vai iniciar um processo de extinção... Já existe. Assim, pela... Eu não sou expert no assunto, mas o que eu leio é: a gente tá vivendo um processo de extinção forçado. Já há várias... várias espécies já estão extintas. E, assim, em outras eras isso ocorreu por causa de mudança climática, mudança natural, não foi nenhuma espécie que provocou... Sei lá, era glacial, essas coisas acontecem. Então muda muito o... As espécies entram em extinção, depois começam a se recuperar, começam a surgir novas espécies e tal. No caso da gente é uma extinção forçada. Porque a gente que tá provocando o aquecimento global, né? Então, ou a gente muda, ou eu entendo que a gente vai passar por uma situação muito ruim. Não só as outras espécies. A espécie humana também.

4.1. A arrogância humana (*O pecado da hýbris*)

Além desse pai, outros entrevistados expressaram falta de fé na humanidade. Uma mãe repara como a ação humana sobre a Terra tem se tornado tão grande ao ponto de romper com vários limites planetários. Ela é geógrafa e na época da entrevista estava terminando um curso online do Prof. Alexandre Costa²². E menciona dados trazidos pelo professor:

E ele está falando muito dos limites planetários. São nove. E ele fala: cinco a gente já extrapolou. Um deles é o clima. *Cinco* limites a gente já extrapolou! Então ele fala muito, quando ele começa a falar das soluções, de mudar a matriz energética, fazer uma coisa, fazer outra... Não fecha a conta, Ana!

Podemos entender que, ao extrapolarmos 5 de 9 limites planetários, cometemos o mais terrível pecado para os antigos gregos: o pecado da *hýbris*. Esse é o pecado dos excessos, do descomedimento, da *désmeasure*, que ocorre quando o ser humano ultrapassa o *métron*, que é a “justa medida” para todas as coisas, o limite imposto pelos deuses: “(...) *hýbris* é uma *violência*, uma *insolência*, uma *ultrapassagem do métron* (na medida que o homem quer competir com o divino), daí o sentido translado de ‘orgulho, arrebatamento, exaltação de si mesmo’”. (Brandão, 2014, p. 328). A mãe que fala dos limites planetários deixa claro que não acredita que a humanidade sozinha, *sem intervenção divina*, consiga entrar em acordo para reverter a situação: “Porque o homem é muito ganancioso”.

Muitas histórias da mitologia grega nos alertam sobre o perigo da *hýbris*. Todo herói que ultrapassa o *métron* acaba se tornando vítima do próprio descomedimento. Uma das histórias mais clássicas dessa tragédia é a de Ícaro, que nos traz mais um modelo da “queda” após voar alto demais e chegar demasiadamente perto do Sol, indo “além de si mesmo”. Ou

²² *Limites Planetários, Colapso Ecológico e Antropoceno!* Curso de extensão oferecido pelo canal *O Que Você Faria se Soubesse o Que Eu Sei?* (2022), com apoio e certificados emitidos pela UECE. Disponível no YouTube em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL4ddnkqDVj5MGiWUtwqu3QM8zTJkII0X2>. Acesso em: 12 mai. 2023.

então o mito de Faetonte, que pede ao pai, o deus Hélios, que o deixe conduzir por um dia a carruagem pela qual o sol percorre a abóbada celeste, a fim de mostrar a todos a sua origem divina. Tendo seu pedido atendido, Faetonte não só perde o controle da carruagem, inflamando as nuvens (ao voar alto demais), queimando florestas e secando rios (ao voar baixo demais), como cai morto ao ser atingido pelo raio de Zeus, que decide pôr fim à catástrofe. A própria “queda do paraíso” também é uma história da ultrapassagem do *métron*, quando o limite divino é desrespeitado. Nossa “queda” se apresenta como resultado da nossa própria *désmesure*. Ao ultrapassarmos os limites planetários, além de secar rios e queimar florestas, estamos colocando em risco nossa própria espécie, estamos destruindo a nós mesmos. Isso foi algo que vários entrevistados fizeram questão de enfatizar, como podemos observar, por exemplo, no depoimento dessa mãe:

(...) Não é que o mundo vai acabar, que a natureza vai acabar. Não é. É a gente que vai acabar. Essa ideia é muito antropocêntrica, essa ideia de que a crise e tal, o planeta vai destruir. Não. O planeta vai assumir outra forma. E a natureza vai seguir existindo, porque tem uma força poderosa de reinvenção, de regeneração. Talvez quem não resista sejamos nós. Mas o fato da gente não se tocar disso é que é bem chocante.

Ou, então, na fala desse pai, que é físico e doutor em ciências atmosféricas: “A gente tem que desistir disso: de declarar guerra a Gaia. Até porque é uma burrice, é uma tontice sem tamanho. Porque é uma guerra que nunca poderia ser vencida. Gaia pode sair toda estropiada até, só com as bactérias, ela ganha no final”.

Nesses depoimentos notamos como os entrevistados vão recuperando o respeito à Nêmesis, a deusa da justiça responsável por punir todos os excessos, à qual os gregos antigos tinham grande devoção. Luigi Zoja (2000) repara como a justiça atribuída a Nêmesis não é exatamente a justiça elaborada por um código humano, mas um sentimento de justiça primordial, percebida como um componente da natureza, existente na origem dos acontecimentos. Tanto que ela é uma das primeiras deusas que aparece na cosmogonia de Hesíodo: filha de Nix, a Noite (elemento informe e escuro), que, por sua vez, foi concebida pelo próprio Caos. Portanto, Nêmesis é uma justiça ligada a uma emoção muito mais profunda e passional, uma “justa ira”:

A mentalidade moderna espera que um princípio de justiça esteja ligado a uma função valorativa, o mais possível consciente e racional. Para o grego, a justiça responde, em vez disso, a um moto inconsciente (agudo como o sonho) e se manifesta como uma paixão que sobe das vísceras e não se discute. Nêmesis é essa emoção. Como sentimento é uma ira justa e, como divindade, receberá o atributo de “irada”. De resto, se o simples julgamento ético é para nós, em condições ideais, um fato consciente e racional, buscando a genealogia da necessidade de justiça encontramos um impulso passional original (Zoja, 2000, p. 49-50).

Ainda é interessante notar, como faz Zoja, que Nêmesis é uma deusa feminina, o que soa “sensato” em uma sociedade na qual parecia caber às mulheres corrigir os excessos dos empreendimentos masculinos: “A *hybris*, pela qual o grego prevê a punição e plasma a figura da *nêmesis*, é o pecado de uma sociedade cujos excessos trazem a marca do homem; e o primeiro desses pecados foi exatamente a submissão da mulher” (Zoja, 2000, p. 50). Pela perspectiva da filosofia flusseriana, poderíamos dizer que *nêmesis* é o princípio feminino que reage à tentativa do Homem de encher todos os “vazios” com seu “lixo”, de submeter e transformar a “concaividade feminina” em “lata de lixo” do Homem. Zoja ainda coloca: “A *nêmesis* era concebida como o retorno a um estado mais natural: era, ao mesmo tempo, retorno a um mundo onde masculino e feminino mostravam-se mais equilibrados” (*ibid*, p. 50). Em consonância, Brandão (2014, p. 444) esclarece que a função essencial de Nêmesis seria reestabelecer o equilíbrio quando a justiça deixa de ser equânime em consequência da *hybris*, afinal: “(...) todo descomedimento põe em perigo a estabilidade do cosmo, a ordem do mundo”.

Esse sentimento ligado a *nêmesis* apareceu em vários depoimentos quando os entrevistados manifestavam ira, indignação, ultraje diante de tantas injustiças, da arrogância, da ganância e dos excessos de uma parcela da humanidade. Ao resgatarem *nêmesis*, esses entrevistados entendiam a importância de reestabelecer a linha do *métron*, que nos impede de tentar preencher todas as “concavidades” de natureza incompreendida e subir em “voos” absurdamente elevados. Inclusive, no decorrer de algumas entrevistas, quando surgia o assunto “viagem para o espaço”, “fuga para Marte” ou “viagem de Jeff Bezos”, todos acabavam debochando ou se revoltando com tamanha estupidez: “Eu acho o fim da picada. Eu acho que é um sintoma de sociedade doente, desesperada! Porque, assim, se realmente o cara tá pensando que precisa colonizar Marte e que isso é mais razoável do que fazer uma transição energética na Terra... É muito doido, né! É muito doido!”.

4.2. Humano autocentrado (*A paixão de Narciso*)

Existe uma decepção com a humanidade ao reconhecer os rastros de destruição da nossa espécie sobre o planeta, a nossa *Tellus Mater*. Mas a decepção é ainda maior quando nos damos conta de que nem as pessoas à nossa volta estão preocupadas, como constataram muitos entrevistados. “Ninguém tem noção do que está acontecendo, entendeu? Tipo, zero preocupação” observou uma mãe. Outra confessou desânimo ao perceber que até pessoas próximas, que têm um pensamento político mais alinhado com os dela, não dão a devida importância para o assunto:

Essa coisa de “ah, não tem nada que ser feito e tal” e a pessoa tem um descompromisso total com as coisas mínimas, o mínimo, né, do dia a dia e tal. Me dá um pouco de preguiça, assim, me dá um desânimo. Porque você fala: Nossa, nem pessoas que eu gosto, que, sabe, supostamente têm valores próximos e tal... Você fala (*em tom exausto*): é uma batalha enorme, né, cansativa... de *imaginar*, sabe?!

As irmãs de 11 e 13 anos também percebem um entorno descomprometido e comentam como ficam agoniadas quando veem o descaso dos colegas com o resto do planeta. A mais nova menciona dois episódios para exemplificar:

Eu viajei um dia desses com uma amiga minha pra praia. E aí eu fui recolher, né, o lixo, porque tinha muito lixo na areia e aí eu fui recolher. Aí minha amiga falou: “Não, (...) deixa aí!” Eu fiquei tipo: “Não, porque agora eu posso pegar, se eu não pudesse, eu não pegava. Mas agora que eu posso, eu pego”. Ela falou: “Não, não tem problema, vão recolher depois”. Aí, tipo, eu: “Ah, eu não vou querer nada”, tem água na casa dela, né. Tinha água na casa dela. “Ah, eu não vou querer comprar uma garrafinha plástica por isso”. E ela: “Não, (...) compra!” Eu falei: “Não. A gente já está indo embora! Lá na sua casa eu vou poder beber água”. Ela continuou: “Não, você vai ficar com sede”. Daí parece meio que as pessoas elas querem... Elas são um pouco autocentradas. Tipo: “Eu ligo pras minhas necessidades, mas com as necessidades do planeta, da natureza etc., eu estou meio assim: ah, se está suprimindo as minhas necessidades, eu não preciso ligar pra mais nada”.

No decorrer da entrevista, as irmãs foram descrevendo outras formas de descaso que viam no entorno, que reforçavam a sensação de como o ser humano é autocentrado, sem se importar com outros seres humanos e mesmo com outras espécies que sofrem. Um entrevistado, inclusive, reparou como estamos tão centrados na própria espécie (somos tão antropocêntricos) que até a justiça climática costuma ser debatida levando em conta apenas a espécie humana, ignorando outras formas de vida:

É interessante, né, que a gente entrou tanto no Antropoceno que até a pauta climática virou parte do Antropoceno. Então, quando a gente migra para o debate sobre a justiça climática e querendo colocar os direitos humanos conectados à questão climática, ela, de alguma forma, se distancia bastante da questão da preservação das outras espécies ou de fazer isso pela natureza em si.

Nessa postura autocentrada, em que só minha existência importa, vislumbramos a perda de alteridade, com o orgulho e a “exaltação de si mesmo” (sintomas da *hybris*). Revisitamos, nesse momento, o mito de Narciso, que despreza friamente Eco, seu outro: “Narciso e Eco estão em relação dialética de opostos complementares, não só de masculino e feminino, mas sobretudo de sujeito e objeto, de algo que permanece em si mesmo e de algo que permanece no outro” (Byington *apud* Brandão, 2015, vol. II, p. 186-7).

É bom lembrar que Eco é uma ninfa, e as ninfas podem ser vistas como hipóstases da Mãe-Terra: “(...) as ninfas são a própria Geia em suas múltiplas facetas, enquanto matriz de todos os seres e coisas, enquanto *grande deusa*, cujas energias nunca se esgotam. Por tudo isso

só podiam ser divindades femininas da eterna juventude” (Brandão, 2014, p. 450). Tratam-se de personalidades leves, sutis, alegres, dançantes, que *animam a phýsis*. James Hillman (2015) ainda nos fala da forte relação das ninfas com Pã. Enquanto o deus-bode está ligado à natureza corporal, física, guiado pelo falo e pelos instintos, as ninfas (que o acompanham e as quais ele tanto deseja) aparecem como a natureza casta, ainda vigem, que incitam a imaginação e a fantasia. De tal modo, o vínculo de Pã com as ninfas permite uma consciência reflexiva da própria natureza, como faz Eco, “que proporciona a receptividade feminina do ouvido e da recordação” (Hillman, 2015, p. 92). Como nos lembra Hillman (2015, p. 96): “Não há acesso à mente da natureza sem conexão com a mente natural da ninfa. Mas quando ela é convertida em bruxa, e a natureza em um campo objetivo morto, o que nos resta é uma ciência natural desprovida de uma mente natural”.

Quando Narciso rejeita Eco, recusa-se essa mente natural da ninfa, cuja voz quer reverberar dentro de nós. Em vez de amar a ninfa dos bosques e das fontes, e deixá-la *ecoar* em seu coração, Narciso se encanta com o próprio reflexo na água. Ele não busca escutar a “voz” da água, um dos principais elementos da ninfa desprezada. Vê apenas a própria imagem refletida na *superfície*. Mas o mito ensina que essa imagem superficial é impalpável. Narciso nunca consegue tocar e agarrar a própria imagem, pois trata-se de um *eidôlon*, uma manifestação da *psiqué* apartada do corpo: a alma de um corpo morto, que desce ao Hades. Narciso, portanto, se apaixona pela própria morte ao se apaixonar pelo próprio *eidôlon*, que só pode ser encontrado no reino dos mortos, um *regresso* às profundas águas primevas.

Junito de Souza Brandão nos ajuda a entender que *reflexão* tem a ver justamente com o ato de *regredir*: “*Reflectere*, de *re-*, ‘novamente’ e *flectere*, ‘curvar-se’, significa etimologicamente, ‘voltar-se para trás’, donde *reflexus*, ‘reflexo’, retorno, e *reflexus*, *-onis*, ‘inclinação para trás’” (Brandão, 2015, vol. II, p. 192). Quando comedida pela prudência e pela liberdade humana, toda reflexão pode ser vista como um “deter-se” saudável, que permite a tomada de consciência de si. Mas, no mito, o amor de Narciso pelo reflexo se torna *hýbrístico*:

O perigo que oferece o aprofundar-se em demasia na linha narcísica da alma e amor-reflexão está não somente na autocontenção, no solipsismo, no incesto intrapsíquico, mas também no suicídio. De modo explícito, ao recusar comer, Narciso se suicidou. Esse suicídio anoréxico foi motivado pela desilusão: a imagem querida e amada, que surge no reflexo, não possui equivalência no mundo real e objetivo (*ibid.*, p.193).

Esse é o risco que o ser humano corre ao se tornar descomedidamente autocentrado (tanto na própria “reflexão”, quanto na própria espécie). O entorno, o seu *oikos* desaparece, assim como seus *ecos*, a voz do outro, que deseja penetrar nosso coração. Alheios a Eco e ao *oikos*, podemos afundar nas profundezas do *Self*, cometendo um suicídio coletivo e anoréxico.

4.3. Inviabilidade do diálogo (*Narciso sem Eco*)

O mito de Narciso e Eco (que reverbera como voz) expressa a nossa dificuldade em dialogar com o outro. Isso ficou explícito em um breve relato de um pai, que na época da sua primeira entrevista (2020) vivia em João Pessoa (PB). Em dado momento, ele contou que, quando saía para correr, não era difícil encontrar tartarugas mortas na praia, algo que parecia não sensibilizar quem por lá passava: “As pessoas estão muito acostumadas a ver a morte. A galera vai, tira foto, e continua a caminhada, sabe? É uma coisa meio que, assim, meio que uma atração. Não vejo nenhum princípio de indignação, nem nada desse tipo, não. Infelizmente”.

Ele observa aí como a morte do outro já não comove. Pois, em vez da morte do *outro* (que remete ao espanto diante do Vazio), enxerga-se apenas uma atração, um *eidōlon*, que deve ser registrado nos *smartphones* (uma imagem bidimensional, reduzida a pixels, dominados e possuídos pelo meu “aparato” pessoal). Em vez de sermos antropofágicos, como defendia Oswald de Andrade (1978), nos tornamos *iconofágicos*, como bem repara Baitello (2014). Não nos alimentamos mais (do *eco*) do outro, apenas de imagens superficiais (abstrações apartadas de um corpo objetificado), que só mostram a si mesmas, *obstruindo* a voz e a alma do outro. Enquanto nos curvamos às imagens dos nossos *smartphones* (pequenos aparelhos de *selfies*), o outro define do outro lado da tela. Tal relação patológica com as imagens, apartadas da dimensão corporal e concreta do mundo, levou Dietmar Kamper (2016, p. 91) a reconhecer a perfeita perda de alteridade: “Eis a face sombria do corpo que se tornou completamente imagem. O homem agora é só um Narciso sem Eco”.

O pai que relatou o caso da tartaruga é o mesmo que na segunda entrevista, em 2022, dizia ter desistido de discutir com os outros. Entretanto, ele não é o único que desistiu do diálogo. Algumas crianças deixaram claro que nem discutem assuntos relacionados à crise ambiental com os amigos, porque percebem que eles não se importam, como explica uma menina de 10 anos: “Assim, os meus amigos estão meio nem aí, não ligam para nada. (...) Se tá com aquecimento global, tudo bem. Se não tá, tudo bem também. Se está derretendo o planeta, beleza. Eles estão tipo nem aí!”. Essa menina diz que já tentou conversar com os amigos, mas que eles não ouvem e por isso desistiu.

As irmãs (11 e 13 anos) também contam sobre a agonia que sentem quando seus colegas ignoram suas preocupações ecológicas, até o ponto de desistirem de expressá-las. A mais nova, por exemplo, fala de um debate que teve com uma amiga sobre se era melhor usar papel ou plástico para embrulhar os talheres da cantina da escola, até se sentir desconfortável entre as amigas por defender ardentemente o que acreditava: “Aí eu comecei quase a ter uma discussão, mas aí eu acabei meio que ‘tá bom’. Porque todas as minhas outras amigas que estavam lá, tipo,

me encaravam, com uma cara: ‘Que é que ela tá falando?!’ Sabe? Tipo...’. No entanto, Flusser (1982) percebe que é justamente nessas discussões ardentes com o nosso outro, aquilo que não sou, que podemos amá-lo. Pois nessas horas reconhecemos o outro ao ouvir o que ele diz. E isso me inflama para me posicionar e dizer o que penso, me diferenciando do meu outro, ao mesmo tempo em que me alimento dele (de sua voz, que reverbera em mim). Daí seria possível a alteridade, a antropofagia oswaldiana e o “ama teu outro como a ti mesmo”.

Porém, quando um ignora, ou até chega a humilhar e reduzir seu outro, obstruindo sua voz, impossibilitando o diálogo, o amor é impedido. A irmã mais velha (13 anos) comenta sobre o deboche de alguns meninos da escola quando ela tentou se tornar vegetariana. Insistiam em chamá-la de “vegana”, como se fosse algo ofensivo: “É, eu não sofro bullying por isso. Mas eu acho que existe essa questão de virar uma piada às vezes. É uma coisa muito idiota na verdade”.

Por essas experiências descritas, percebe-se crescente a dificuldade de amar Eco, o outro desprezado, ou, então, a natureza reflexiva. Ao ser condenada a apenas repetir nossas derradeiras palavras, a voz da ninfa é ignorada, não pode mais reverberar em nosso coração. Então ela seca e perde a umidade da vida. Não há respostas. Não nos reconhecemos mais no outro, que foi reificado, objetificado, *petrificado*, ou então, “cancelado”.

Quando vivemos em um cemitério de objetos inanimados, ou então de “instrumentos”, vistos como uma “extensão do meu eu” (que obstrui a visão do Nada, o Vazio do qual tudo advém), a única religiosidade da qual somos capazes passa a ser, de fato, a autoadoração narcisista (Flusser, 2002, p. 94-5). Em outros termos, James Hillman (2010, p. 105) coloca:

Claro que permaneço numa desesperada necessidade narcisista, não porque tenho negligenciado ou ainda negligencie minha subjetividade mais íntima, mas porque o mundo sem alma nunca pode oferecer intimidade, nunca retribui meu olhar, nunca me olha com interesse ou gratidão nem alivia o isolamento absoluto de minha subjetividade.

4.4. Conflito entre gerações (*Onde estão os velhos sábios?*)

Em alguns casos, a dificuldade de diálogo acontecia na própria família. Um jovem de 20 anos revelou que não teve preparo político em casa e percebe certo conformismo e falta de senso crítico nos pais: “Eles são bem assim de boas. Eles aceitam as coisas que eu falo, mas não questionam. Nada”. Ao vermos nosso interlocutor apenas engolir o que dizemos sem metabolização e debate, a antropofagia (o diálogo com o *outro*) também parece comprometida. Quando indagado se carregava algum valor importante que vinha dos pais, esse rapaz negou e explicou: “Porque eles são bem controladores. Eles não deixavam eu sair de casa. Eles estão deixando eu sair, ter uma independência só agora, pra você ter uma ideia”.

Uma garota de 18 anos, cujos pais são separados, manifestou dificuldade em dialogar especificamente com o pai: “Meu pai é capitalista, então ele não entende”. Ela explica que não mora com o pai e que ele não se importa com o seu ativismo, nem tenta interferir muito na sua vida. Quando se veem, tentam falar de assuntos amenos. Todavia, admitiu que ainda tenta buscar o diálogo: “Olha, eu tento. Mas aí ele começa a elogiar o governo atual, aí eu já fico sem paciência. E aí ele começa a falar o quanto o dinheiro é importante e aí eu fico ‘Tá bom, pai’”.

Outra menina, de 10 anos, cujos pais são divorciados, narra conflitos parecidos:

Meu pai não liga é pra nada! Ele fica assim: “Ah, tá, não, esse negócio de vegetarianismo, veganismo não tem nada a ver...”; “Mimimi e não sei o quê”; “Ah, mas esses negócios de aquecimento global e não sei quê, não sei o quê lá é tudo brincadeira. É tudo mentira! (...)” Ai, me dá tanta raiva!

Ela conta que desejava parar de comer carne, mas que não recebia apoio do pai, que achava vegetarianismo “mimimi”. A dificuldade era ainda maior porque ele fazia churrasco com frequência: “E se eu chegar lá e falar: ‘Não, eu não quero comer’. Ele fala: (*em tom de briga*): ‘Como assim, não sei o quê (...), sua mãe, que eu vou falar com ela!’”. A garota deixou claro que não concordava com o posicionamento político do pai e que não adiantava argumentar com ele: “Eu até tento falar com ele, às vezes. Mas é claro que ele não me ouve! Ele é cabeça dura e tudo o que ele acha que é, ele fala: ‘Não, é isso que é. É isso e pronto! Não tem outra história. É isso!’”. Então, pra facilitar, ela e o irmão mais velho aprenderam apenas a concordar (muitas vezes com ironia) para não discutir, desistindo do diálogo.

Na maioria das entrevistas com crianças e adolescentes, mesmo nos casos de quem tinha um bom relacionamento com o pai, era possível notar uma proximidade maior com os pensamentos da mãe, que, na maior parte das vezes, foi apontada como a principal responsável por incentivar a preocupação com o planeta e por introduzir atitudes mais ecológicas na rotina da casa. Alguns adolescentes, inclusive, indicaram a mãe, as tias e a avó como fonte de inspiração, como grandes guerreiras²³, falando delas com amor e orgulho, enquanto houve rara menção ao pai. Uma menina até chegou a mencionar o avô, mas não o pai.

O distanciamento entre pai e filho foi um tema estudado com profundidade por Luigi Zoja (2005). Ele repara na crescente dificuldade de tantos pais em dialogar com os filhos, mesmo quando estão presentes (algo cada vez mais raro com o crescente número de famílias monoparentais). Contudo, em sua obra, Zoja percebe como a paternidade define não só quando os pais se afastam da casa e de seus filhos. Isso ocorre também quando lideranças e instituições

²³ Fosse pelos ideais que defendem, por serem ativistas, por serem professoras politizadas, que batalhavam pelo futuro das próximas gerações, pelos ensinamentos que transmitem, ou pela sua própria história de vida.

que deveriam exercer uma função paterna vão perdendo a credibilidade e deixando de zelar pelo cuidado e pelo desenvolvimento dos filhos e da comunidade. Já vimos como muitos entrevistados estão perdendo a confiança em diversas instâncias de autoridade: o governo, a escola, a mídia, a elite intelectual e, sobretudo, a elite financeira. Não se vê nessas lideranças paternidades autênticas.

Ao estar em uma posição verticalmente superior ao filho, ensinando as leis, o limite e a ordem, o propósito de um pai verdadeiro seria ajudar o filho a sair da fase infantil, incapaz de decidir e falar por si mesmo²⁴: “O pai ideal deveria favorecer o crescimento, a diferenciação e a autonomia dos filhos” (Zoja, 2005, p. 266). Zoja explica que o pai é aquele que ensina o discernimento e o pensamento histórico, a partir do qual uma pessoa pode projetar suas ações a longo prazo. É quem ajuda os filhos a ultrapassarem a primeira infância, a etapa egocêntrica (autocentrada), em que só existem as necessidades e os desejos do “eu” no “eterno presente”, para introduzi-los em uma vida em que existe o “outro”, que tem desejos e necessidades diferentes e com quem devemos aprender a dialogar em uma relação de alteridade. Afinal, é pela descoberta do “outro” que aprendemos o limite (o *métron*): “Quando um bebê experimenta uma emoção, ele a exprime com todas as suas forças, sem negociar com seu ambiente. Só quando compreende que todo real é uma coerção e que é necessário levar em conta o mundo dos outros, é que a criança renuncia ser onipotente” (Cyrułnik, 2005, p. 103).

Portanto, ao ensinar a alteridade, o pai estaria incentivando a geração futura a assumir *responsabilidade* (a resposta que devemos dar aos outros) e o compromisso com uma sociedade maior, com um *oikos*²⁵. Quando um pai, a fim de não perder seu poder supremo²⁶, ou mesmo por ausência ou extrema condescendência²⁷, impede que os filhos desenvolvam autonomia, alteridade, responsabilidade e capacidade de discernimento, ele os condena a permanecerem em uma infantilidade cega e egocêntrica (o consumidor ideal, que deve engolir sem olhar para os lados, sem pensar na origem e no destino de todas as coisas).

Muitos entrevistados percebiam cegueira, egoísmo e infantilização no entorno: pessoas descomprometidas, autocentradas, alheias a qualquer *métron*. As irmãs chegaram a reparar como os adultos não pareciam agir como adultos, ao não se preocuparem com o futuro das

²⁴ A palavra “infância” tem origem no latim *infantia*. O *fan* refere-se a “falante” e o *in* constitui negação, logo, o *infans* seria justamente aquele que não fala.

²⁵ É evidente como muitas mães podem assumir essas qualidades paternas, mas Zoja (2005, p. 272) ressalta como, nesses casos, é importante que os filhos e o entorno não tenham preconceitos.

²⁶ Como fez o rei de Tebas, Laio, que decide se desfazer do próprio filho, ao saber (por uma profecia) que ele viria a matá-lo e tomar o seu lugar. Foi justamente por ter sido abandonado e não saber quem é, por desconhecer a própria origem, que esse filho, Édipo, toma cegamente várias decisões que o levam a cumprir a profecia de maneira trágica (o que o leva a castigar os próprios olhos no final da tragédia).

²⁷ Como fez o deus Hélios, ao atender ao pedido prepotente do filho, que desejava conduzir a carruagem do Sol.

próximas gerações. Um rapaz de 17 anos via como “birrinha” infantil a atitude de várias pessoas que se recusavam a tomar vacina. E uma menina de 10 anos chegou a comentar que era por causa do “egoísmo” dos pais que seus colegas não se importavam com nada:

E sabe por que eu acho que meus amigos nem ligam para isso? Porque os pais em casa estão lá: ah, são os “ricão” lá, não sei o quê, a mansão deles, não sei o quê, não ligando pra nada disso, ligando só para o próprio rabo e pro próprio dinheiro! É só isso que os pais dos meus amigos ligam! Eu acho. Aí fica: “É só isso, é isso e é isso. Mais nada!” Aí você vai ver, os filhos estão lá, assim, no meio dessas coisas ambientais e tudo o mais (*representa os filhos, olhando de um lado para outro com expressão confusa*). E os pais estão assim olhando pro dinheiro, pras famas e pra não sei o quê (*representa os pais olhando apressada de um lado para outro*). E eles estão lá assim, ó: “Eu olho pra lá? Ou será que eu olho pra cá? Será que eu olho pros meus pais ou será que eu olho pro resto do mundo?” (*representa os filhos olhando de um lado para outro lentamente, em dívida*). “Eu vou olhar pros meus pais, né, meus pais!” (*diz num tom como se fosse uma escolha mais fácil*).

Uma adolescente de 13 anos também percebia que sem o apoio dos pais era difícil que a juventude assumisse compromisso com alguma causa maior:

Tipo, assim, eu tento falar com meus amigos e tal. Tipo, eu tento falar: “*Get up!* Vamos acordar aí pra vida, meu filho!” Mas tipo, sabe... Nem sempre os pais apoiam. Então é muito difícil você chegar lá e simplesmente falar “Vamos lá!”, sem os pais estarem de acordo. Porque, afinal, querendo ou não, os filhos são um espelho dos pais. Normalmente, né.

Nessas falas, essas meninas percebem a importância dos pais para ajudar a discernir caminhos em meio ao caos à nossa volta. O jovem herói normalmente conta com um “velho sábio” que o ajuda a se orientar na jornada rumo aos perigos do mundo, o “lá fora” caótico e desconhecido. Nessa dupla encontramos os modelos arcaicos do *puer et senex*. A juventude cheia de energia e a velhice repleta de experiência. O espírito ousado, louco, que voa em direção à novidade e ao desconhecido, e o antigo que oferece a sabedoria ancestral. Jovem eterno e Pai tempo. Eternidade e temporalidade. São duas metades de um mesmo arquétipo contínuo, que está por trás da mobilidade da vida, de todo desenvolvimento individual e social, de toda história pessoal e coletiva: “(...) *puer* e *senex* são a história e como sequência e transição, como um processo através do tempo do começo até o fim”, explica James Hillman (2008, p. 20).

Mas quando essa dupla se divide numa polaridade inconciliável, nos deparamos com o problema da imobilidade: o velho rei petrificado, cheio de si e de certezas, que não se abre à dúvida e à novidade, coagulado, paralisado no tempo, preocupado apenas em permanecer no poder ou, então, conformado com a situação vigente; e uma juventude voraz, que esbraveja revoltada, mas sem propósitos, sem conseguir canalizar sua energia em um projeto de elevação espiritual, que voa cega e descomprometidamente além de si mesma até se destruir. “Então

temos um padrão demasiado conhecido: a ação sem conhecimento e o conhecimento sem ação, o fanático versus o cínico, comumente formulados como o jovem e o velho” (*ibid*, p. 45).

4.5. A relação com a tecnologia (*O erro de Ícaro*)

Foi possível notar uma carência por paternidades (figuras que ajudam a discernir caminhos e se orientar em um momento de crise) não só por parte de crianças e adolescentes, mas principalmente por alguns adultos, que há pouco entenderam que precisam fazer alguma coisa para mudar o rumo catastrófico para o qual o planeta segue. Mas o que fazer? Cinco mães que foram entrevistadas disseram ter feito o curso *Climate Reality*, um treinamento do Al Gore, para formar lideranças climáticas. Mesmo assim duas delas ainda pareciam confusas em como podiam se engajar e contribuir de modo mais efetivo. Outra mãe admitiu se sentir perdida até nas suas escolhas individuais, como ao decidir se realizava ou não o seu sonho de levar os filhos para a Disney e voar de avião:

Qual é o tom? Eu sinto falta de ter *métrica*, sabe? Se tivesse, sei lá, um orçamento de carbono, por exemplo, que eu pudesse usar, ou coisa... Seria mais fácil eu fazer as minhas escolhas. Mas a ausência de um orçamento... É difícil, né? Porque você vai indo, fala: “Não, tudo bem, só uma vez”. Mas você não sabe, na verdade, o que vai acontecer daqui a dez anos. Vai ter uma outra viagem, o que a gente vai fazer...

O que essa mãe anseia nada mais é do que um *métron* (um limite paterno definido pelos deuses), capaz de nos acalmar ao nos dizer até onde podemos “voar” com segurança. A grande dificuldade é não saber reconhecer a “justa medida” dos nossos voos. Junito de Souza Brandão nos lembra de que o erro de Ícaro não foi querer voar, como, de fato, deve agir o *puer*, que visa à ação e à liberdade. Seu erro foi tentar fazê-lo sem passar por um processo de iniciação, que costuma ser conduzido por uma figura mais experiente: “(...) é preciso ter em mente que *asas* não se colocam apenas, mas se adquirem ao preço de longa e não raro perigosa educação iniciática e catártica. O erro grave de Ícaro foi a ultrapassagem, sem o necessário *gnôsthi s' autón*, o indispensável ‘conheça-te a ti mesmo’” (Brandão, 2015, vol. I, p. 68).

Considerações parecidas são feitas por Luigi Zoja, ao reparar como faltou a Ícaro, em seu voo, a supervisão do pai, quem lhe deu as asas. Portanto, o real pecado teria sido cometido por Dédalo, ao não observar o *limite*. Ainda que tenha recomendado ao filho que não voasse nem alto nem baixo demais, faltou um processo iniciático. Zoja ainda constata que o excesso de Ícaro reside no uso exageradamente confiante da técnica adquirida (as asas), servindo como referência não apenas à psicologia individual, mas também a “uma civilização tentada a direcionar seu curso com base na tecnologia” (Zoja, 2000, p. 127). Tanto o voo como a técnica podem ser vistos como habilidades louváveis, desde que não se excedam pelo uso abusivo e

megalomaniaco. “Parece que quando o homem consegue manipular radicalmente a natureza, a exigência mítica de um castigo torna-se irrefreável, em seu intento de restaurar a ordem perturbada” (*ibid.*, p.127). Em outras palavras: o problema não é criar cultura para se libertar das condições da natureza, mas é fazê-lo indiscriminadamente sem conhecimento de si e do entorno, sem uma iniciação adequada, que costuma acontecer pelo diálogo entre *puer* e *senex*.

No entanto, Marijane Vieira Lisboa e Geraldo Alves Teixeira Júnior (2018) percebem que as novas tecnologias estão sendo introduzidas no planeta em um ritmo muito mais acelerado do que a ciências tem para avaliar seus impactos. Já houve vários casos de tecnologias que foram desenvolvidas e aplicadas para só posteriormente se descobrirem seus riscos reais (como foram os casos da energia nuclear, dos agrotóxicos, dos transgênicos, de alguns medicamentos etc.). De tal modo, seria necessário um princípio da precaução na introdução de novas tecnologias (ou seja, uma prudência que costuma partir do nosso princípio *senex*, sem o qual o jovem Ícaro pode se incendiar). Contudo, será que o “progresso” pode esperar por um estudo paciente e cauteloso?

Quase todos os entrevistados não viam com maus olhos o uso de tecnologia em si e até reconheciam sua importância para encontramos maneiras mais ecológicas para produzir alimento, capturar carbono, limpar rios e oceanos, entre diversas outras coisas. Todavia, muitos não deixavam de perceber o perigo ao depositarmos excessiva fé em “tecnologias milagrosas” (como é o caso da geoengenharia, que exigiria um uso bastante comedido). Uma mãe expôs bem essa questão:

Tem uma arrogância humana de achar que, no final das contas, é como se fosse dar um jeitinho e resolver, sem resolver. Mas, ao mesmo tempo, também tem a engenhosidade humana de procurar soluções e tal. Então, assim, quando eu vejo isso, me acalma, eu acho bom. Que bom que tem alguém pensando em fazer... uma fazenda de alga que faz não sei o quê, sabe? (*ri*) Acho bom. Embora não ache que sejam soluções mágicas, milagrosas, assim. Mas daí pra colonizar Marte, realmente passa... Pra mim passa do razoável. Não consigo me conectar! Até porque é tão elitista (...).

Um alerta semelhante sobre o uso abusivo da tecnologia está presente no mito de Faetonte, que ambicionou, por orgulho e sem qualquer iniciação, manipular uma técnica que estava além de suas capacidades, no caso, a carruagem divina que conduz o próprio Sol. Zoja também percebe nessa situação o erro do pai, que havia prometido em nome de Estige (o rio pelo qual os deuses faziam seus juramentos solenes) atender ao pedido que o filho fizesse, antes mesmo de saber qual seria o seu pedido. De tal modo, Hélio agiu com extrema irresponsabilidade e excessiva indulgência (talvez por querer compensar sua ausência durante toda a vida do filho). Ao não impor com antecedência qualquer limite ao pedido que Faetonte faria, o pai é obrigado a cumprir a promessa. Como consequência, o jovem incendeia cidades,

colheitas e florestas, resseca rios e ainda acaba morto por um segundo “pai”, que precisou ser mais severo. Esse mito nos traz uma imagem forte das fatalidades ocasionadas quando o jovem não passa por uma iniciação adequada, acompanhada por figuras mais experientes, envolvendo o uso indiscriminado e abusivo da tecnologia.

Quando, no lugar de “velhos mentores” que auxiliam os mais novos em seu processo de iniciação, temos apenas um “aparelho” sem escrúpulos que programa suas crianças desde cedo a querer sempre mais, sem qualquer comedimento, nos deparamos com uma humanidade infantilizada. Uma sociedade guiada apenas pela loucura e pela voracidade juvenil, que pode apressar perigosamente o rumo do progresso, incendiando seu *oikos* e suas próprias asas.

4.6. Um animal estúpido e barulhento (*O regresso ao Caos*)

Edgar Morin (1973) se refere à nossa espécie como *Homo Sapiens Sapiens Demens*, pois entende que o ser humano comporta em si tanto a sapiência (razão, discernimento, lógica, controle, comedimento, certeza, ordem, consciência) quanto a demência (loucura, ilusão, paixão, *hybris*, arrebatamento, violência, magia, confusão, incerteza entre realidade e imaginação, erro, desordem). E chega à conclusão de que a “genialidade” humana, capaz de se adaptar a diversas situações, superar momentos de crise, fazer descobertas e invenções, ocorre na intercomunicação entre esses dois lados²⁸. Contudo, sem seu lado *sapiens* (que está se reduzindo a especialista do “aparelho”), parece que somos regidos apenas pelo *homo demens*.

Como vimos nesse capítulo, tal “demência” apareceu na descrição que alguns entrevistados fizeram da humanidade. Quando indagada sobre o que considerava mais sagrado no mundo, uma menina de 10 anos respondeu sem titubear: “A flora e a fauna e tudo certo”. Então, ao ser questionada se consideraria o ser humano como parte da fauna, ela ponderou por um instante e respondeu:

Acho que faz, porque é um bando de animal, então, né?! Até faz parte, só que assim: não é um animal bom. Porque animal bom é aquele que está lá de boa, só na paz comendo capim no mato. Está de boa. Já o ser humano é o animal que causa o caos! Que causa tudo! Que invade tudo! Que acha que tudo é propriedade dele!

De “imagem de deus” o ser humano começa a ser visto como o pior de todos os animais. A menina reforçou várias vezes a raiva que tinha da nossa espécie: “O ser humano é um desgraçado! Nossa senhora, deixa os animais em paz! Deixa todo mundo em paz! Meu deus,

²⁸ Pelo viés da psicologia arquetípica, podemos associar essa sapiência, essa razão comedida ao princípio *senex*, e essa “demência”, essa “loucura arrebatadora” ao princípio *puer*, que, interconectados, estão por trás da mobilidade e dos períodos de transição tanto individuais quanto coletivos.

aquieta esse rabo!”. Durante a entrevista ficou claro como muitas vezes ela preferia a companhia de outras espécies do que a do ser humano, que, além de estúpido, costumava ser bastante barulhento. Ela reclamou várias vezes, em momentos muito distintos, sobre o grande incômodo que sentia ao estar em lugares “tumultuados”, cheio de “gente gritando”. E depois explicou que tinha uma pequena sensibilidade auditiva e que costumava ir com frequência ao médico por causa do ouvido: “Então, barulho alto não dá!”.

Michel Serres (2011) entende que do mesmo modo como um animal marca território ao deixar excrementos do próprio corpo, ampliando seu “eu”, o ser humano também deixa rastros particulares para se apropriar de um espaço. Nessa mesma lógica, percebe que o lixo que o ser humano excreta pelas suas chaminés, escapamentos e encanamentos também serve para ele se expandir e se apropriar de um espaço: “Os que assim deixam traços e marcas horripilantes se apropriam do lugar não por habitá-los, mas por excluir qualquer outra pessoa dali”. (Serres, 2011, p. 60-1). E nos expandimos não só com lixo material, mas também com lixos mais sutis, como *outdoors*, narrativas, *slogans*, *selfies*, correntes de WhatsApp e alto-falantes:

Cada um se expande no espaço. Mijam na piscina. Até mesmo o fumante, até mesmo o adolescente que gosta da barulheira que faz sua motoneta... todos gritam a mesma autoafirmação no volume assim invadido por volutas e por sons: *ego, ego* é o que pipoca a moto do adolescente revoltado-obediente, já que servilmente imita os donos de seu espaço e de seu tempo, a televisão, a propaganda e o rádio (...). Mergulhado na publicidade, quem, ensurdecido, não percebe um ânus no alto-falante de uma caixa-acústica? (Serres, 2011, p. 60).

Esses excrementos humanos parecem estar causando incômodo em uma parte das gerações mais novas, que começa a se sentir entorpecida em meio a tanta gritaria. Um rapaz de 20 anos, membro do *Juventudes pelo Clima*, também declarou desconforto em companhia humana (não-indígena), sentindo-se mais à vontade e acolhido ao lado de outras espécies. Ele explicou que era autista e que acabava sentindo-se esgotado em ambientes com muita informação, como na época em que os pais costumavam levá-lo para a igreja:

Eu sou autista. Então, eu tenho sensibilidade auditiva, sensorial. Então o barulho me incomodava muito. Eu dormia literalmente, chegava na igreja e dormia porque eu me sentia esgotado, me dava um... Se chama *shutdown* esse esgotamento sensorial. Aí eu dormia e nunca me senti parte de nada.

O rapaz contou que devido a esse “esgotamento sensorial”, ele costuma “recuar” em ambientes muito estimulantes, para não acabar tendo “um colapso”. Quanto maior a quantidade de informações (lixo), maior o “caos”, maior o “nada” à nossa volta.

É curioso que a ativista Greta Thunberg, diagnosticada com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e síndrome de Asperger, também revelou que normalmente

não se sentia à vontade entre seres humanos, não conseguia interagir com os colegas da escola, por um longo tempo deixou de frequentar as aulas e não falava fora do círculo familiar. Ela conta, inclusive, que decidiu ficar sozinha na frente do parlamento de Estocolmo em “greve escolar”, porque na época não era sociável para integrar um grupo de ativismo. “Porque, se eu fosse ‘normal’ e social, eu teria me afiliado a uma organização ou começado uma sozinha. Como não sou tão boa em socializar, fiz isso” (Ernman e Thunberg, 2019, p. 333).

Sua irmã Beata também foi diagnosticada com TDAH e sofria com muita sensibilidade auditiva. “O menor barulho pode desencadear um surto”, explica a mãe das meninas, Malena Ernman (2019, p. 62), ao contar sobre as crises vivenciadas pela família em torno dos transtornos das filhas e da crise de sustentabilidade global. No relato da família Thunberg e Ernman, fica clara a relação entre esses dois fenômenos, afinal, Greta passou a se isolar, parou de comer e não mais falava, quando começou a tomar consciência da enorme degradação ambiental que afligia o planeta. A família ainda repara como vem aumentando a quantidade de pessoas com transtornos mentais na Suécia e no mundo: “A incidência de doenças mentais em crianças de 10 a 17 anos aumentou mais de 100 por cento em dez anos”; “O número de diagnósticos de TDAH e autismo mais do que dobrou nos últimos cinco anos” (Ernman e Thunberg, 2019, p. 87). A família, então, constata: “(...) nessas estatísticas incompletas, podemos identificar os contornos de um desastre”.

Esses podem ser indícios de uma sociedade que está se esgotando, que não aguenta mais tanto lixo auditivo e visual produzido para tapar os orifícios dos nossos olhos e ouvidos, assim como o planeta não aguenta mais todo o lixo material que obstrui seus poros e córregos férteis. É curioso, inclusive, que uma das primeiras imagens que chocou Greta e a levou a se “fechar em si mesma”, deixando de se alimentar (como fez Eco e Narciso), foi de uma ilha de plástico flutuando no Pacífico Sul, uma ilha maior que o México.

Percebemos as consequências do titanismo, dos excessos, que não contam mais com qualquer limite para contê-los. Sem contornos definidos, sem a sapiência que comede nossa *hýbris*, sentimos regredir (ou progredir?) a um estado cosmogônico anterior aos Titãs. Como manifestou a menina de 10 anos: “*O ser humano é o animal que causa o caos*”.

5. ESGOTAMENTO

(Às vezes é melhor você ficar em Nárnia)

Após constatarmos a loucura que parece rondar a humanidade que nos cerca, veremos agora o estado psíquico pelo qual tantos entrevistados admitiram passar. Diante de imagens tão críticas, é fácil ficar apavorado, “sem chão” e sem esperança no futuro. Isso se traduziu na fala da mãe que havia se mudado para os Estados Unidos:

Depois que a gente veio pra cá foi quando eu comecei a cair na realidade. Eu comecei a ver como é os Estados Unidos, como as coisas funcionam aqui. E eu comecei a ver... Meu, a gente não vai conseguir resolver esse problema! Vai ser muito difícil! Essas pessoas aqui, esse país não vai mudar, né, não vai acontecer nada. A gente vai se ferrar.

Essa mãe conta ter passado por um período de ansiedade e insônia pensando no futuro dos filhos: “Eu fiz uma tragédia na minha cabeça. Lendo... Qualquer pessoa que lê sobre o assunto se apavora, né?!”. Um pai que é professor, físico e trabalha diretamente com “mudanças climáticas” conta sobre um episódio quando foi dar uma palestra em um congresso em 2014, uma época em que politicamente parecia que “ninguém estava dando bola” para o assunto:

Eu sei que terminei... terminou a palestra, abriu para as perguntas. Uma senhora: “Como é que você consegue lidar com isso? Como é que você dorme? Como é que você deita a cabeça e dorme? Como é que você consegue seguir adiante?” E a única maneira que eu tinha para responder foi sacando as caixas de antidepressivos da mochila e... “Ó, o único jeito é jogando dopado”.

Ele admite: “Ansiedade eu acho que é virtualmente inevitável ter, assim, porque eu praticamente penso nisso o tempo todo. Eu trabalho com isso. Então, não tem para onde escapar”. Algumas mães disseram que ainda tentavam ser positivas para não perder as esperanças no futuro (se esforçando para manter o idealismo do *puer vivo*). Mas duas admitiram que, quando pensavam “friamente” ou “racionalmente” (seguindo o princípio *senex*), acabavam sendo mais negativas. Assim se expressou uma delas:

Se eu for pensar racionalmente, já era, cara! Porque eu não... Realmente, se a gente for pensar em como está estruturado o mundo baseado nesse capitalismo, que é predatório, baseado em um capitalismo que isola pessoas em vez de congregar pessoas numa cooperação, que estimula a competição e que nos coloca em caixinhas individuais, em vez de nos juntar em grupos... Já era, né? A gente está escolhendo o caminho da dor.

Já a segunda mãe fez a seguinte análise:

Vou te trazer um exemplo muito real do que acontece comigo. Eu olho meu armário e falo: “Nossa, nada disso cai em mim”, assim. Eu queria comprar mais roupa, queria comprar mais não sei o quê... Eu falo: “Gente, não! Dá para viver com o que eu tenho,

assim! Não é possível que eu não consiga me sentir bem com o que eu tenho”. (...) Meus filhos, eles vivem falando: “Ah, mas eu quero comprar figurinha do Pokémon. Eu quero não sei o que lá, não sei o quê...”. Acho que nesse ponto eu também vejo meio negativo, assim. E é aí que: quem está fazendo pra de fato mudar a forma como a gente lida com o mundo? Quando eu fui para a Semana do Clima em Nova York, cara, tem gente falando em tirar petróleo do Ártico! “Só porque eu acho que está derretendo...” Então, acho que tem, eu tenho... visões antagônicas, assim. *Eu acho que se eu for pensar friamente, eu seria uma pessoa muito negativa.*

5.1. Pequeno demais para fazer a diferença (*Lutar contra forças titânicas*)

Se nas tragédias gregas os heróis percebiam que não podiam lutar contra o destino traçado pelos deuses, que impunham limites divinos, que deviam ser respeitados, hoje parece impossível lutar contra forças titânicas, que nos conduzem a um progresso *sem limites*. Ao perceberem como o problema é sistêmico, quase todos compreendiam que não são suas ações individuais, seu voto isolado, sua tentativa de evitar comprar determinado produto ou fazer a separação do seu lixo que resolveria o problema. “E eu pensei assim... Tudo bem, eu voto, posso escolher o meu voto, mas não está dando conta”, argumentou uma mãe. Outra explicou: “Mas eu não acredito que esse impacto individual seja tão, tão expressivo como é o impacto de escolher ter termelétrica em um país, sabe?”. Essas impressões reforçam como somos pequenos demais diante de um aparelho que se revela titânico.

“Fechar a torneira ao escovar os dentes”, “tomar banho mais rápido”, “não jogar lixo no chão”, “reciclar” eram medidas apontadas por algumas crianças que pareciam acreditar na efetividade dessas ações. Entretanto, a maior parte dos adultos entendia o quanto isso é insuficiente (ainda que não deixem de defender essas ações). Isso foi perceptível na entrevista com a menina de 5 anos e sua mãe. Em dado momento a mãe colocou: “Eu acho que a gente não vai resolver o problema da poluição mundial catando nosso lixo da praia”. No mesmo instante, a menina interferiu: “Mas vai resolver bastante coisa já”. Era evidente que ela buscava uma resposta da mãe que confirmasse que, sim, sua ação tem um impacto positivo no mundo. A mãe não desiludiu a filha. Mas um pouco adiante deixou claro como enxergava a situação:

Aqui, quando tem mutirão de limpeza na praia, enche, as pessoas vão. Porque é fácil você mostrar para as pessoas que a praia está suja, que tem que limpar. Mas tem coisas que você... Que ficam mais complicadas. O consumo, o consumo ainda é um status. Então, as pessoas ainda veem o consumo como uma questão de status. Então, quem tem mais grana não está muito preocupado em se vai consumir mais, se vai consumir menos... Enfim... *Eu nem sei por onde começar*, assim, porque eu estou uma pessoa meio pessimista em relação a isso.

Nem sabemos por onde começar, nos sentimos insuficientes. A menina de 5 anos talvez não se desse conta disso. Mas as irmãs de 11 e 13 anos, que se esforçavam para ter uma “rotina sustentável”, já começavam a ter a percepção de que isso não bastava. Elas entendiam que, por

mais que existam pessoas que optem pela bicicleta ao invés de carro, que recolhem lixo, que fazem a separação de resíduos, a porcentagem ainda é muito baixa. Outra garota, de 10 anos, fez constatações parecidas: “Não dá pra mudar o mundo inteiro só com você dentro da sua casa. Não está... Não está no nosso nível, não está, assim, no nosso alcance”. Uma mãe também argumentou: “Por mais que eu faça qualquer coisa, cara, não depende de mim. Eu posso ir lá e ser ativista e posso dizer o que for. Não depende de mim. Essa sensação de impotência é uma das coisas que eu mais trabalho”.

O sentimento de impotência foi recorrente em vários depoimentos. Uma psicóloga que chegou a trabalhar com os jovens do movimento *Fridays For Future* reconheceu como essa era a principal sensação que atormentava a maior parte dos membros do grupo, ainda que tivessem êxito em várias ações. Esse sentimento apareceu de forma explícita na fala do rapaz autista, de 20 anos. Como não se sentia tão à vontade entre pessoas, ele decidiu se posicionar em suas redes sociais, com textos, fotos e artes que ele mesmo produzia. Contudo, ainda que tivesse conquistado um bom número de seguidores, sentia-se incapaz em dialogar com quem precisava: “Me senti impotente, porque acho que a gente não faz ativismo sentado no sofá. (...) Mesmo que eu possa mudar a visão de algumas pessoas, não é algo muito ativo, muito efetivo”. Ele reconhece que se sentiu melhor ao começar a participar das ações coletivas do *Jovens pelo Clima*. Ainda assim, o sentimento de impotência parecia persistir: “É uma impotência que eu sinto de não conseguir fazer grandes coisas, até porque, tipo, no ativismo, eu não consigo ficar muito tempo nos eventos. Eu não consigo ficar muito tempo nas greves, porque isso vai me dando ansiedade”.

Além da impotência, a sensação de fracasso também apareceu na fala de alguns pais. Um exemplo está no depoimento daquele pai que é físico e doutor em ciências atmosféricas:

Veio o quarto relatório do IPCC. Eu estava, então, na chefia do Departamento de Meteorologia da Fundação de Meteorologia e Recursos Hídricos aqui do estado, que é um órgão realmente importante. E a partir dali eu fui incitado pela realidade a me posicionar publicamente. Eu era a figura de referência, a pessoa que era procurada localmente no Ceará para dar entrevistas, falar, explicar o que era tudo ali e tudo mais. E, ao mesmo tempo, eu me deparava com coisas do tipo... era pedido um parecer meu sobre uma termelétrica a carvão que vinha se instalar no Ceará. (...) Eu falei para o então presidente, para o então diretor técnico, que eram meus superiores... Falei: “Olha, eu óbvio que vou fazer um parecer contrário. E se houver alguma discordância de alguma instituição pode jogar em cima de mim”. Provavelmente isso nos colocou num dilema ético (*riso nervoso*). Mas... Bom, não veio retaliação. Porque aquela história: basta você não ouvir o cientista. (*riso nervoso*). Muito simples: basta ignorar.

Esse tipo de situação parecia desanimá-lo, afinal, mesmo ocupando um espaço de decisão dentro do “aparelho”, muitas vezes era ignorado. Outro exemplo de “fracasso” podemos verificar em um relato daquele pai que já tinha desistido de participar de movimentos

mais “políticos”. Ele conta sobre uma ação que participou para tentar salvar uma reserva ambiental em Campina Grande (PB):

Então, uma das últimas ações da gente foi ir com o prefeito e algumas pessoas aliadas do prefeito pro Parque do Poeta pra mostrar a situação e pedir suporte. Mas acabou dando errado (*riso nervoso*), o prefeito detonou a área. (...) O prefeito não, só pra deixar claro, já que está gravando. É uma área que... era uma área de preservação. Foi decretada como área de preservação. Mas ficou só no papel. Aí... Era de preservação estadual, era um parque estadual. Aí o governo estadual simplesmente resolveu tirar essa resolução e tirou o caráter de parque, né, de preservação. Aí a gente tentou ver com o prefeito se a gente conseguia, né, continuar a preservação. Até fez um... decretou que se tornaria um parque municipal. Mas aí liberou pro governo estadual pra fazer um bocado de coisa lá... Aí tá detonado o lugar já.

O entrevistado contou que esse era um parque no qual já tinha ido passear com a família: “Um lugar bonito, sabe? Tem umas pedras lá... Tinha né... Ainda tem algumas (*riso nervoso*). Mas um bocado já foi embora. Virou... Virou... Bem, foi detonado lá o lugar. Literalmente. Com explosivos”. Nesse breve relato vislumbramos a reação do coração diante da violência cometida contra a *anima mundi*. É doloroso quando nosso Eros se relaciona com Psiquê, com a alma do mundo, a traz para dentro do coração e de repente a vê ser detonada friamente por um aparelho sem escrúpulo, que reduz tudo a instrumento a serviço da produtividade. Como manter acesa a chama do coração pueril nessas ocasiões? Um adolescente de 17 anos, ao falar sobre o cenário político desolador com o qual se deparava em meados de 2022, reconheceu como parecia cada vez mais difícil para as pessoas manterem a esperança: “Por que eu vou querer me posicionar se eu sei que ninguém vai escutar?”

5.2. A percepção do fim (*Nada após o Apocalipse*)

Realmente, se pensarmos friamente e racionalmente, já era! Nosso futuro está condenado. Chega-se a essa conclusão apenas ao se atrever a olhar à nossa volta e verificar como nossos ecossistemas estão colapsando, ao perceber a cretinice e a estupidez do “aparelho” em que estamos inseridos e ao constatar a nossa incapacidade de interferir no programa ao qual fomos condicionados desde cedo. “A transformação total daquilo que ainda é natureza e sociedade em aparelho, e a transformação do que ainda é humanidade em funcionário é questão de tempo”, alertava Vilém Flusser (2002, p. 88).

Mesmo os tomadores de decisão com “boas intenções” parecem incapazes de reverter o rumo catastrófico para o qual seguimos. O progresso pode até se tornar um pouco “mais verde”, mas não parece que pode mudar de rumo. Pelo menos não por nossas mãos. Sentimos que perdemos suas rédeas para um programa automático, aleatório, estúpido e sem escrúpulo. É a

partir daí que Flusser (2019, p. 138) formulou um dos nossos grandes receios: que “situações não pretendidas por ninguém se realizem ao acaso”.

Ninguém pretendeu ter problemas de rinite, sinusite e outros tantos problemas que obstruem suas vias respiratórias devido à péssima qualidade do ar. Ninguém pretendeu que nossos córregos, rios e oceanos fossem obstruídos por nossos excrementos culturais. Ninguém pretendeu alterar o clima e sofrer com eventos meteorológicos extremos, que matam e destroem casas, cidades e plantações. No entanto, essas “situações não pretendidas por ninguém” já estão aí, se realizando ao nosso redor, como reparam muitos entrevistados. “Tá tendo as chuvas lá, inundando tudo. O aquecimento derrete. Nossa, como que eu vou viver? Como que a próxima geração vai conseguir viver com o mundo desse jeito? Não tem condição!”, dizia uma menina de 10 anos. Outra, de 11, argumentava:

A gente já acaba vendo um pouco das consequências atualmente. Tipo, além do tempo, queimadas constantes, a desinformação das pessoas... Aí você pensa, por exemplo: se o tempo está assim hoje, num nível alto do aquecimento global, mas não é tipo super, super, mega, hiper alto. (...) Mas quando for mega, super, super, hiper alto o aquecimento global, como é que vai estar o tempo, como é que vai estar? Então meio que... é meio *inimaginável!*

Como bem repara essa criança, é difícil de *imaginar* o futuro. Afinal, estamos acabando com as divindades que dão forma coesa e distinta ao mundo. Estamos cercados por enormidades titânicas, que ultrapassam o limite da vida e da imaginação. Por isso mesmo são abstrações, como bem colocou Hillman (1993). Não é possível contê-los. Regredindo (ou progredindo) um pouco mais, sentimos estar muito próximos ao Caos, que em diversas cosmogonias aparece como aquele “Nada” primordial, aquela massa informe confusa, que precede todo começo, toda criação e ao qual tudo retornará no fim dos tempos (Brandão, 2015, vol. I, p. 194).

Notamos como essa sensação de caos permeou o discurso de vários entrevistados ao descreverem as imagens absurdas que nos cercam. Foi o termo que um rapaz de 20 anos usou para responder quais eram as suas expectativas para o futuro: “Caos! Caos global! Acho que nem só no Brasil. Caos global realmente. Não tem muita expectativa”.

A explosão demográfica, a poluição, o esgotamento das matérias-primas, a robotização da humanidade, tudo isso está no “programa” desse “aparelho”, segundo Vilém Flusser (2019, p. 139), que já constatava: “Tudo isso é aspecto da última fase do jogo que é nossa cultura. Tudo isto é: ‘situação de jogo final’, para falarmos enxadrísticamente. O que receamos, em suma, é o *final do jogo* do qual somos jogadores e peças. Daí o clima apocalíptico, quiliástico, no qual vivemos”.

O jovem de 20 anos admitiu: “Esperança quase nenhuma, mesmo”. Uma mãe expôs: “A minha perspectiva é muito clara, é que se eu ou eles não fizermos nada, a gente vai morrer congelado ou vai morrer derretido!”. Já uma mãe que é Testemunha de Jeová entende que o “Apocalipse” estaria muito próximo, pois percebe como várias profecias já estão se cumprindo ao constatar o estado em que a humanidade se encontra: sem amor, com muita guerra, desentendimento, fome, doenças que surgem ao extrapolarmos os limites do planeta: “A gente não sabe se vai acontecer amanhã, se vai acontecer daqui a dez anos. Mas que está tudo perto de um colapso, está tudo numa situação sem salvação, tá, né? Tá muito perto”.

Contudo, no Apocalipse (ou mesmo no Quiliasmo) ainda há uma narrativa sobre o que vem depois do “fim”. Essa entrevistada que, apesar de não ter fé na humanidade, ainda nutria fé em Deus, explica: “Tem pessoas que acreditam que a Terra seria destruída. Não. A Bíblia fala que a Terra vai continuar existindo, que o que vai mudar é o sistema ruim. Esse sistema que faz as coisas erradas”. Por esse olhar, a “catástrofe” poderia ser encarada, como em outras épocas, apenas como um ponto de ruptura de uma tendência, para mudar o rumo da curva, gerando uma tendência nova. No entanto, para aqueles que não conseguem ter a mesma fé, parece que já não há mais nada para esperar depois do “fim”, como articulou Flusser:

Não há nada “além da catástrofe”, precisamente por ser o além imprevisível, inesperável, portanto, não apresentável. O nosso clima apocalíptico não é comparável ao do ano 1000. O final do primeiro milênio esperava pelo Reino, e, quanto a nós, nada esperamos. Não adianta “objetivar” nosso receio. Dizendo que “sempre há futuro”. Porque “futuro” é categoria existencial: além da catástrofe não temos futuro (Flusser, 2019, p. 142).

Uma mãe resumiu bem o medo e a ansiedade provocados por essa sensação de “fim”:

Então, realmente dá uma ansiedade, dá um medo, dá uma angústia de ver todo um movimento com muito dinheiro envolvido tentando barrar a velocidade que a gente precisa imprimir nessa mudança para uma sociedade de baixo carbono. Porque, assim, as empresas estão investindo. As empresas de petróleo, por exemplo, estão investindo ainda em negacionismo climático e tudo o mais. A gente está vendo um governo suportado por muita gente, porque esse governo não se sustentaria se não fosse um monte de “*Faria limer*” (*ri*) suportando a existência desse governo. E, assim, vendo as taxas de desmatamento da Amazônia avançando, recorde atrás de recordes sendo quebrados. Esse vai ser o pior mês de setembro dos últimos dez anos em termos de desmatamento. E o mês passado já foi e o outro mês já foi. Então, assim, eles estão queimando a floresta. Eu sei que a gente está chegando perto do *tipping point* que o professor Carlos Nobre fala. Então, assim... É isso. É essa sensação de que a janela de oportunidade vai se fechando.

O grande medo é que esse *tipping point* não seja mero ponto de virada, mas *ponto final*. Sim, as janelas e as frestas de possibilidades parecem estar se fechando. “Não, quando o trompete soar, não seremos todos mudados, mas seremos aniquilados” (Flusser, 2019, p. 142).

5.3. Desistir da humanidade (*Um sacrifício a Ártemis*)

Sem perspectiva de futuro, qual o sentido de continuar? Em um estudo realizado em 2021 com mais de 10 mil jovens de 16 a 25 anos em 10 países diferentes (incluindo o Brasil), muitos declararam que não pensam em ter filhos devido às mudanças climáticas²⁹. Por trás dessa opção, esses jovens parecem revelar duas coisas. Primeiro: não têm fé no futuro do planeta, já que parecem não achar justo colocar crianças para viverem em um mundo em colapso. Segundo: não têm fé na humanidade, pois acreditam que, para o planeta ter chances de se regenerar, a nossa espécie precisa parar de procriar. Em outras palavras: não acreditam na capacidade humana de intervir no rumo da crise que ela mesma desencadeou tão levemente. Não acreditam que possamos mais viver em harmonia com a Terra. Por esse viés, o movimento para a “Extinção Voluntária dos Humanos” (que propõe o fim da reprodução humana), defendido desde que Alan Weisman escreveu o livro *The world without us* (2007), de repente pode se revelar como uma solução racional e sensata³⁰.

Em várias entrevistas para o presente estudo foi lançada a pergunta: o que acham dessa solução, de parar de procriar, parar de colocar crianças no mundo? Em muitos casos, os entrevistados admitiram que esta parecia uma decisão bastante razoável.

Eu acho interessante. Tipo, não tem perspectiva, não é saudável para a criança, não é saudável para o planeta também. Eu acho que a gente tem que pensar realmente no mundo. Em estratégias, assim, tipo: olha, vamos acalmar um pouco. Porque eu não sei, não sei. Realmente a depressão chegou (*ri*).

Foi o que respondeu o rapaz de 20 anos, que não pensava em ter filhos, só gatos. Alguns pais também concordaram. “Eu acho extremamente válida! Extremamente válida. Eu particularmente não quero ter mais nenhum filho. Quero só conseguir criar o meu”, respondeu com um riso nervoso aquele pai que não conseguia mais ter fé no diálogo com outros seres humanos. Uma mãe argumentou: “Ah, concordava cem por cento. Por mim, eu não tinha nenhum dos três filhos. Assim, sendo racional, usar a cabeça a mesmo... Nossa, pra mim, o planeta já está tão ferrado, que não precisava ter criança pra sofrer mais aqui”.

Outra mãe explicou que precisou fazer tratamento e fertilização para conseguir engravidar. Conta que, quando fez mestrado na Inglaterra, suas amigas de lá não queriam ter filhos “porque elas já estavam muito mais antenadas no que era a crise climática e falaram:

²⁹ Pesquisa realizada pela parceria de diversas instituições, como a Universidade de Stanford (Califórnia) e a Universidade de Helsinque (Finlândia), com apoio financeiro do Avaaz. Ler mais em: “Young People's Voices on Climate Anxiety, Government Betrayal and Moral Injury: A Global Phenomenon”, 2021. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3918955. Acesso em: 24 mar. 2023.

³⁰ Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro tratam do olhar por trás desse movimento no capítulo “Rasteja até Belém para nascer...”, no livro “Há Mundo por vir?” (2017).

‘Cara, eu não vou pôr gente nesse mundo pra sofrer’”. No entanto, essa mãe optou por “ceder à sua vontade pessoal” diante do que lhe parecia “ser o melhor para o coletivo” (um tipo de dilema recorrente em suas escolhas). Ela, então, engravidou de gêmeos. Mas foi ao engravidar do terceiro filho, que não era esperado, que veio a angústia: “Porque para mim, tipo, dois filhos, beleza. O terceiro, eu já falei, cara, não é possível! Não podia ter um terceiro filho! Se eu já sei de todos os problemas da humanidade”. Então admite com certa dor na voz: “Embora seja o maior amor do mundo, eu me sinto muito culpada por ter colocado eles nesse mundo, que eles vão sofrer”.

O dilema que essa mãe carrega expressa a dificuldade em conciliarmos a dupla *senex e puer*. Como assumir o conhecimento e a responsabilidade do velho sábio e manter os sonhos pueris? Como ler as projeções dos relatórios do IPCC e ainda assim apostar no futuro da nossa espécie, optar por colocar crianças no planeta? Uma garota de 18 anos, membro do *Juventudes pelo Clima*, admitiu já ter aberto mão do seu sonho de criança:

Então, antes, quando eu era pequenininha, eu falava: “Quando eu crescer, eu quero ter cinco filhos” (*ri*). E aí conforme eu fui crescendo, e, sabe, vendo hoje a emergência climática que a gente passa, e tudo mais e tendo muita ansiedade, eu fiquei: Ah, não quero ter mais filho, não. Por que é que eu vou botar uma criança nesse mundo? Sabe? Aí depois eu fiquei pensando muito sobre isso. Eu fiquei: Poxa, eu vou deixar a emergência climática... Tá tudo num nível tão ruim, que ela tá tirando sonhos de pessoas, vontade de pessoas. Sabe? Então, assim, eu não quero ter filhos mais (*ri*). Mas eu sinto muito por isso.

“Não vou colocar alguém nesse mundo, não! Não do meu ventre!”, declarou a jovem. Tal decisão pode ser encarada como um sacrifício a Ártemis. Esta é a deusa virgem, que optou por não ter filhos após assistir às dores terríveis da mãe ao dar à luz ao seu irmão gêmeo, Apolo. Ainda assim ela era prestigiada durante os partos, pois, do mesmo modo como ajudou a mãe a parir, ela vem auxiliar as grávidas nesse momento difícil. Mas, apesar de ajudar no nascimento das crianças, ela também é responsável por tirar-lhes a vida. Isso atribui um aspecto duplo a Ártemis. Ao mesmo tempo em que é uma deusa da fertilidade, uma Grande Mãe ligada ao mundo selvagem, à vegetação e aos animais, Ártemis também é uma deusa sanguinária (Brandão, 2015, vol. II, p. 205). Ela zela e cuida dos animais e é a deusa caçadora que os mata com sua flecha. Como deusa mãe ela tem o direito de dar a vida e também de tirá-la.

Todavia, o que importa para Ártemis, como para quase todas as mães, é a integridade da vida: “Ártemis proíbe ao caçador ferir um animal em vez de matá-lo, deixando-o seguir seu caminho mancando e sofrendo” (Paris, 1994, p. 185). Pela mesma lógica, é preferível “sacrificar” uma criança antes que venha a nascer para impedir seu sofrimento. Como Ginete Paris (1994, p. 185) coloca: “(...) em culturas mais antigas, uma criança era considerada viável

apenas se a mãe a amamentasse e o clã lhe estendesse sua proteção, dando-lhe um nome”. Será que poderemos oferecer um futuro digno às crianças que ainda vão nascer? Será que teremos condições para tanto? É nesse sentido que Paris compreende a “dualidade” de Ártemis, e entende que a contracepção e mesmo o aborto podem ser (em vez de “pecado”) um gesto sagrado e de amor maternal:

Muitas mulheres que abortam já amam esse futuro bebê, que gostariam de ter se... Frequentemente os homens têm dificuldade em compreender que se pode desejar, inconscientemente, instintivamente, fisicamente, ter um bebê e, ainda assim, do ponto de vista feminino, chegar à conclusão que é melhor não tê-lo (*ibid.*, p. 193).

Uma mulher com sentimento maternal aceita a dor de sacrificar seu sonho, ao abrir mão de “um amor impossível”, não odiado (como bem coloca Paris). Portanto, “não ter filhos” pode ser entendido não apenas como uma resposta racional para a crise de sustentabilidade, mas também como um sacrifício feito por amor àqueles que estão (ou não mais) por vir.

5.4. Vale a pena ver? (*O diálogo entre puer e senex*)

Ainda que por amor, sem sonhos, nossas asas podem quebrar e corremos o risco de cair na amargura de uma “realidade” imutável. Em outras palavras, quando nossa criança interior morre, podemos nos tornar velhos ranzinzas. E, como Hillman (2008, p. 34) alerta, sem a loucura *puer*, não há sabedoria, apenas conhecimento “sério, depressivo, guardado nos cofres acadêmicos ou usado como poder”. Sem o *puer*, não há mobilidade nem futuro, pois é ele quem carrega a possibilidade de renovação (Hillman, 2008, p. 45). Com isso surge a grande questão: será que deveríamos expor nossas crianças e adolescentes a essas imagens desesperadoras?

Um rapaz de 20 anos revela já ter passado por uma crise de *burnout*: “Eu tive um surto, que eu queria deletar o Instagram, que não aguentava mais! Porque meu Instagram é só notícia de meio ambiente, de desastre ambiental e eu não aguentava mais”. Ele explica que até hoje tem dificuldade em ler uma notícia inteira: “Só vejo os primeiros parágrafos, porque senão eu vou me aprofundando. Daí eu vou internalizando isso... E aí vira um caos assim”.

A jovem de 18 anos do *Jovens pelo Clima* explica como a “eco ansiedade” é algo muito comum nos ativistas: “Eu tenho. Infelizmente. E, nossa, me dá muita ansiedade, muita angústia, até quando tem uma notícia muito ruim sobre algo que aconteceu. E eu fico: Meu deus, o que eu posso fazer, o que está acontecendo? Sabe? É uma pressão”. Uma adolescente de 13 anos, em tom desesperado, depõe sobre sua angústia diante de tantas notícias terríveis:

Porque, tipo, a gente sabe que está acontecendo, mas é uma coisa que começa a causar, você começa a pensar muito sobre aquilo e... é muito difícil realmente saber, ver isto. E é o tempo todo! É a família, é o jornal, o jornal o tempo inteiro! Tipo, todo dia eu

evito (...). Mas, quando passa no jornal, eu já não quero ver! Porque é só tragédia, não só ambiental. Não é só meio ambiente, mas é tudo! *É uma coisa tão pesada, que às vezes é melhor você ficar em Nárnia.* É muito difícil!

Quando o entorno é excessivo demais, pesado demais, absurdo demais, é preferível fugir para dentro de si, ou então para “Nárnia”. James Hillman (1997, p. 147) alerta sobre essa relação compensatória: “(...) quanto mais horrível a visão do mundo lá fora, mais beatífica a visão do castelo interior. À medida que aumentam as enormidades lá fora, devotamos uma maior atenção aos pormenores dos sonhos, fantasias, sentimentos e relações pessoais”. Até uma mãe admitiu: “Às vezes eu gostaria de não saber o que eu sei”. E um pouco adiante acrescentou: “Em alguns momentos eu não consegui nem assistir nada, nem ver nada. E eu quis ficar, ouvir música, mantra (*ri*) e não participar das reuniões”. Também foi possível perceber na fala de alguns adultos o receio em tocar em certos assuntos com suas crianças, como expôs esse pai:

Essas ações todas que a gente faz eu fico preocupado com relação ao peso da carga, sabe, que uma criança... a criança e adulto também recebe. Eu confesso a você que eu costumo ficar preocupado, porque eu vejo no ativismo, tanto no ambiental quanto no veganismo, muitos casos de pessoas com sintomas de depressão, sabe?

Ao ser entrevistada em 2020, uma mãe argumentou: “Acho que eles ainda não entendem a complexidade do tema das mudanças climáticas, sabe? E eu também procuro não falar muito, porque eu acho que é um tema meio assustador, entendeu? Então, uma hora eu vou deixá-los descobrirem sozinhos” (*riso*). Contudo, ao voltar a ser entrevistada em 2022, essa mãe reconheceu que, ainda que os filhos não tenham ampla noção das consequências decorrentes das mudanças climáticas, eles vão assimilando as coisas e se envolvendo, conforme ela os leva para participar das greves pelo clima e conversa com eles sobre seu trabalho como ativista:

Eu já expliquei, porque eles estavam me vendo trabalhando muito, de final de semana, né, fazendo um monte de coisa. E aí eu falei: “Olha, gente, está acontecendo isso, por isso que eu estou trabalhando tanto. Eu estou envolvida nisso, nisso e nisso”. Fui pra COP, expliquei o que eu estava indo fazer e tal. Trouxe a minha plaquinha que eu usei na COP... Eles fizeram uma camiseta pra mim, toda com desenhinhos pra eu usar no protesto, tal... Entendem o que está acontecendo. E entendem que tem coisa que a gente precisa... que a gente precisa lutar. Acho que é mais esse engajamento, assim, que eu estou mais preocupada em passar pra eles, sabe?

Uma das entrevistadas que pareciam falar mais abertamente sobre mudanças climáticas com suas crianças era a mãe das meninas de 11 e 13 anos. Ela percebe uma “angústia de fundo” nas filhas, como uma vez em que a mais nova, ao estudar sobre mudanças climáticas na escola, foi procurá-la aflita para falar sobre o medo que tinha de que não fossem sobreviver no futuro:

Eu não acho que elas são crianças, adolescentes que estão em um nível de sofrimento que, sabe, assim, impede de viver, ou que estão deprimidas. Não acho, não. Mas eu

acho que é essa coisa, né... quanto mais, também, informação você tem... quanto mais você vai... Tem umas horas que todos nós, né... Eu às vezes quando eu paro e penso, dá um (*respira fundo*)... Tipo, você fica meio sem ar, né.

De todo modo, essa mãe deixou claro que fazia questão de conscientizar as filhas:

Então eu acho que tem uma geração muito superprotegida de muitas coisas assim, dessas durezas e tal. Daí... Sei lá... Eu não gostaria de criar filhos alienados, entendeu, que não vão participar ativamente, que não vão pegar para si essa responsabilidade que cada um de nós tem, sabe? De, enfim, votar direito, de ser coerente com seus propósitos. Eu acho que isso pode gerar muito sofrimento. (*Ri*) Eu sei que isso é um pouco polêmico. *Mas eu prefiro criar meninas conscientes e que... vivam essa dor, essa angústia, mas que a gente possa achar juntos formas de ressignificar, formas de atuar, né...* Enfim. Então eu sigo achando que as crianças têm que ser informadas, cada uma no seu tempo, mas que não faz sentido tratá-las como se elas estivessem num mundo da fantasia, e daqui a pouco elas vão acordar, ter 20 anos, e: “Meu, o que é isso?! O que aconteceu com o meu planeta?”

Em uma entrevista à parte, as meninas admitiram ficar apavoradas quando viram os primeiros documentários sobre mudanças climáticas e degradação ambiental, quando começaram a entender o que estava acontecendo, porém disseram que estavam se acostumando:

Mais velha – Quando eu vi pela primeira vez essas notícias, assim, eu fiquei super assustada. Mas hoje em dia eu, tipo, fico triste, eu fico muito triste, mas...

Mais nova – (*Desanimada*) Aí você pensa já: Ah, é nossa realidade, é normal.

Na primeira entrevista, em 2020, as meninas pareciam muito mais eufóricas para agir. Na segunda, em 2022, esse frenesi já não era tão acentuado. No entanto, elas pareciam mais maduras, mais conscientes sobre a gravidade do problema, fazendo observações com mais acuidade sobre a realidade da crise ambiental. A mãe das meninas (em uma entrevista separada) disse ter a mesma percepção, tanto pelo amadurecimento ocasionado pela idade, quanto pelo fato de tratar do assunto e envolver as meninas em suas ações com frequência: “Então, eu acho que agora elas metabolizam de uma outra forma, assim, sabe? Têm um olhar mais crítico, talvez um pouco mais amargo, assim, em relação a tudo isso”.

O contato recorrente com as imagens da crise de sustentabilidade, apesar de trazer a amargura do *senex* e aplacar todo aquele arrebatamento inicial do *puer*, parece não ter chegado ao ponto de extingui-lo ou deixá-las indiferentes ao que acontecia. Assim explicou a mais nova: “Isso acontece tanto, que eu já estou acostumada, mas agora o que eu vou fazer?”. Ainda que às vezes evitem assistir a tantos documentários sobre o assunto para não se sobrecarregarem, disseram que buscam se manter informadas, seja pela TV ou pelas páginas que acompanham nas redes sociais. Elas fazem questão de saber. E manifestaram incômodo com o fato de os colegas da escola não se informarem.

Mais velha – Eu falei um dia que eu assistia jornal. Não, que eu lia jornal. E todo mundo ficou chocado com essa informação.

Mais nova – Tipo, é coisa de velho, né?

Mais velha – É, eu fiquei assim... Na verdade, jornal serve pra qualquer tipo de pessoa pra se informar, né, do que está acontecendo. Então, se a pessoa não sabe o que está acontecendo, ela... Acontece esse problema, né? (...) Pessoa autocentrada, pessoa que não se toca do que está acontecendo ao seu redor, não se preocupa com o futuro dos outros, (...) se a pessoa basicamente não sabe nada além da sua bolha, né?

Mais nova – Da sua realidade, né? Porque não é só a realidade da pessoa em questão, é a realidade dos brasileiros, da população mundial. Eu acho que é isso mesmo.

Nesse momento as meninas fazem um diagnóstico relevante: quando isolamos nossas crianças do mundo, quando consideramos que só adultos devem se informar sobre a realidade, elas crescem alheias aos problemas dos outros, aos *ecos* à sua volta. Isso demonstra a falta de comunicação entre *puer* e *senex*: jornal para adulto e TikTok para as crianças. Um problema já apontado por James Hillman (2008, p. 14-5):

Pois há uma divisão de sistemas de comunicação entre a velhice e a juventude: em nossa coletividade urbana, esta última é educada não através de formas tradicionais e das palavras impressas, mas através de mídias totalmente diferenciadas. A juventude forma uma classe social, autocentrada, não iniciada pelos mais velhos e, portanto, amplamente sem comunicação para além de si mesma.

De tal modo, devemos entender que, quando mães e pais buscam informar seus filhos, ainda que aos poucos, quando tentam dialogar sobre a realidade em que vivem, por mais dolorosa que seja, eles estão tentando conciliar a dupla *puer et senex*. Estão agindo como “velhos sábios” ao guiar seus filhos em sua jornada de desenvolvimento pessoal. É importante proteger as crianças. Mas também é dever dos pais ajudá-las a enxergar com discernimento o ambiente em que vivem, para que possam tomar decisões com responsabilidade e compromisso com seus outros. Superprotegê-las, afastá-las de qualquer sofrimento, oferecer respostas fáceis para que não assumam responsabilidade sobre suas escolhas de forma preguiçosa é mantê-las presas na eternidade indiferenciada e muda da fase *pueril*.

Aquele entrevistado que trabalha com mudanças climáticas conta que, querendo ou não, seus filhos acabaram acompanhando sua trajetória como cientista e como ativista:

Então, não era exatamente a coisa que eu puxava na mesa do almoço (*ri*). Ou levando-os para o colégio. Preferia falar de outras coisas, mas eles obviamente levavam contato, comigo... sobre o tema direto. Então, quando eles não estavam na escola ou não estavam com a mãe, estavam aqui pendurados em mim... Eu ia dar palestra. Fazer o quê? Assistir à palestra (*ri*). Era o jeito. Então... Agora essa é uma coisa, assim... Eu nunca perguntei sequer a eles se isso, num dado momento, os afetou negativamente. Ou teve alguma... Mas certamente os influenciou de alguma forma.

Seus dois filhos, já maiores de idade, acabaram se tornando ativistas por livre iniciativa e hoje integram o *Fridays for Future* do Ceará. Eles não chegaram a ser entrevistados. Contudo, parece que o contato com as pesquisas do pai, que trazia imagens do colapso planetário, incentivou-os a se engajar e adquirir autonomia no próprio ativismo:

Na verdade, a partir do momento em que eles adquiriram maturidade, eles passaram a assistir às minhas aulas no YouTube (*ri*). Então... Eventualmente, sim, aparece uma dúvida, uma questão trazida, quando se come uma pizza ou coisa que o valha. Mas, no fundo, eu... Eles já sabem, né? (*ri*) No final, antes que emerja a dúvida eles já sabem. Eu sei que também é uma característica muito deles de autonomia, né. Do tipo, tem uma questão que está assim... Aí lá vão eles pesquisar. Sabe que fonte é boa e que fonte não. Têm um bom domínio da língua inglesa. Aí eles vão lá. Mas, por exemplo, eu dei uma formação pro *Fridays* do Ceará... Antes, eu já participei de formações nacionais, uma local. Dessa local eles estavam (*ri*).

Um pouco depois resumiu rindo: “Eles têm um pai professor ali já”. Ao permitir que os filhos tivessem contato com o seu trabalho (algo que Luigi Zoja considera muito importante para que os pais iniciem os filhos à fase adulta), percebemos como esse pai parece ter conseguido exercer o papel do “velho sábio”, ao ajudar os filhos a desenvolverem autonomia, discernimento e responsabilidade com o entorno, impulsionando seu ativismo.

As irmãs reconheceram que, se não fosse pela iniciativa da mãe, as duas não teriam a mesma consciência e o mesmo engajamento. Por mais que às vezes possam ser tomadas por momentos de medo e angústia, ficou nítido como elas encontram na mãe uma pessoa para dialogar sobre seus receios e como sentem orgulho dela. Uma menina de 10 anos também explicou: “Tipo, a escola ensinou muito, mas a minha mãe com certeza ensinou mais. Porque ela sempre estava lá falando disso e fazendo vídeo e entrevista e tudo!”. Essa é a menina que disse se incomodar com ambientes muito tumultuados e com gritaria. Entretanto, admitiu:

Apesar de ser tudo uma correria, apesar de, do nada, minha mãe virar e falar: “Vamos sair, vamos pra tal lugar, não sei o quê...”, eu acho que, ainda assim, mesmo sendo essa loucura, ainda é bom. Ainda é bom. Saber que não está todo mundo só em casa, lá, sentado no próprio sofá. Tem gente lá: “Não, vamos lá, vamos fazer manifestação, vamos falar com o povo”.

Já outra garota de 10 anos, que, no período da pandemia, desejava fazer alguma coisa para proteger o planeta, recebeu incentivo da mãe, quem lhe deu a ideia de como começar um projeto de educação ambiental voltado para crianças por meio das redes sociais. Essa mãe ficou ao lado da filha, acompanhando suas ações, colaborando, protegendo e aconselhando conforme o projeto foi ganhando dimensões maiores: “Porque não tem jeito de não ter essa parceria”. Ela contou que o pai não apoiou tanto, pois achava que a filha não deveria desviar a atenção dos estudos. No entanto, as duas percebem como esse projeto incentivou a menina ir atrás de novos conhecimentos (sobre os biomas brasileiros, mudanças climáticas, veganismo, plantio de

árvore, prática mais sustentáveis etc.): “Porque a partir do momento em que ela tem uma visibilidade maior, existe uma cobrança maior também, né? Então, ela não pode, realmente, falar besteira, ela tem uma responsabilidade maior. Ela tem que estudar, ela tem que se comprometer, tem que ter seriedade, sem deixar de ser criança”. Essa mãe esclarece que busca auxiliar a filha a escolher as ações das quais vai participar, para não se sobrecarregar com muitas tarefas, nem se tornar “escrava da internet”. Mesmo assim lhe dá todo o seu apoio: “Eu tenho que incentivar. Igual a gente incentivaria uma criança no balé e incentiva uma criança.... Claro que uma causa dessa é muito mais nobre, então a gente incentiva mais, né?”.

Por outro lado, o rapaz de 20 anos, que disse não ter recebido preparação política e ter sido superprotegido pelos pais, conta como, em dado momento, ao encarar a realidade caótica que afligia o planeta, passou por várias crises até começar a terapia. Algo a que muitos entrevistados também tiveram que recorrer para conseguir lidar com as imagens da catástrofe planetária. Afinal, quando a percepção da realidade é caótica demais, é importante ordenar as imagens que nos afligem por meio de palavras, tornando o nosso mundo claro e orientado novamente, como nos explica o neuropsiquiatra que tanto trabalhou com crianças no processo de resiliência, Bóris Cyrulnik (2005). Ele ainda reforça que tais palavras precisam ser dirigidas a um outro disposto a ouvir (seja alguém da família, um tutor afetivo, ou, então, um terapeuta). Porém, é importante dar atenção ao modo como podemos ordenar essas imagens em narrativas, de forma a torná-las suportáveis, com significados profundos da alma e sem romper seu lastro com o entorno.

6. OLHAR A CRISE (*Abraça o caos e vai!*)

Por mais que muitos adultos entendam a importância de encarar, assumir e conversar com suas crianças sobre o estado crítico em que se encontra o planeta, eles percebem que não é fácil processar tudo isso sem cair em desespero, desistir da batalha ou correr para se refugiar eternamente em Nárnia (ou qualquer outra uma espécie de “*bunker* mental”). “Se tem algo que é tão paralisante quanto o negacionismo, que é ‘não, está tudo bem, não tem nada acontecendo’, é o ‘está tudo perdido, não se pode fazer nada’”, colocou um pai. Uma mãe argumentou:

E aí tem a questão da mensagem, que é o que eu tento trabalhar e que é a pergunta de um milhão de dólares: Como que a gente engaja, como que a gente mobiliza, como que a gente traz pra ação, sem... diante de uma coisa que é tão urgente, tão séria e tão arriscada, que é a sobrevivência da própria espécie, mas sem trazer pânico, sem trazer pânico, sem... e sem fazer um alarde, um alarme de tal forma que paralise? Então, acho que esse é o grande desafio da mensagem que a gente precisa passar.

No capítulo anterior, constatamos o esgotamento a que tantos entrevistados admitiram chegar. Neste veremos o modo como muitos conseguem encarar, digerir e falar sobre as imagens catastróficas da crise planetária, lidar com as emoções que elas suscitam, mantendo a sanidade, a força e a insistência em uma luta que, tantas vezes, pode parecer fadada ao fracasso.

6.1. Ruídos: imagem, emoção e ação (*O rugido do Leão*)

É curioso que, apesar da ansiedade e da dificuldade em ler uma notícia inteira, o rapaz de 20 anos disse gostar de se manter informado por filmes e documentários, pois percebe o poder de impacto dessas imagens: “Com os documentários de cara eu já pensei assim: eu tenho que mudar minha alimentação”. Ele se refere aqui ao poder de comoção das imagens, do qual Aby Warburg tratou a partir da sua fórmula de *pathos* (*pathosformel*), um termo que Norval Baitello (2014, p. 21) ajuda a esclarecer:

Tal qual diagnosticou Aby Warburg, imagens carregam uma ‘pós-vida’ (*Nachleben*) de camadas profundas da história e atuam como um dinamismo que gera energia ao amplificar sentidos e sentimentos soterrados. Nesse sentido, são as imagens uma “*Pathosformel*”, “fórmula de *pathos*” (que em grego significa emoção). Daí emerge o poder de captura e o poder de mobilização das imagens. Reunindo tanta potência condensada, muitas vezes em uma simples configuração como uma cor, um gesto, um olhar, sua presença na história do homem sempre foi a presença de uma ferramenta ou arma essencial, com grande poder de síntese e com grande poder de impacto, por seu potencial de captura emocional, por sua “fórmula de *pathos*”.

Em outro momento, Baitello (2014, p. 28) discorre sobre a relação entre *emoção* e *movimento* a partir da aproximação etimológica entre essas duas palavras:

Afinal, a palavra emoção vem do *movere* latino, que vem do *meud* indo-europeu, com o sentido de “apartar”, “afastar”, “retirar”. É a mesma raiz que gera também a palavra portuguesa *motim* ou a alemã *Meuterei*. E aqui entramos em um terreno das palavras, das imagens e dos movimentos mais profundos e obscuros da alma, os quais nos apresentam a emoção e a imaginação como motins, rebeliões e reviravoltas das imagens interiores.

Podemos entender, a partir dos depoimentos da família Ernman e Thunberg (2019), que o movimento, o *motim*, de Greta começou antes mesmo de ela se sentar em frente ao parlamento sueco em greve escolar. Esse motim parece ter começado quando ela passou a se sensibilizar às imagens de ilhas de lixo no oceano, de florestas desmatadas e ursos polares famintos. Ainda que sua dor tenha sido tanta ao ponto de passar por várias crises de ansiedade, Greta permitiu-se se *comover*. E é isso que ela parece tentar fazer com o mundo: *comovê-lo*, mobilizá-lo. Em uma de suas célebres falas, ela diz: “Eu não quero que vocês tenham esperança, *eu quero que vocês entrem em pânico!* Eu quero que vocês sintam o mesmo medo que eu sinto todos os dias. E eu quero que vocês ajam! Quero que ajam como agiriam em uma crise”³¹.

Nesse momento, a própria Greta criou uma imagem com o intuito de despertar o coração daqueles que a ouviam, a fim de tirá-los da anestesia e convidá-los a experimentar o pânico que ela sente. Ela evoca, nessa fala, o próprio deus Pã, o deus da natureza viva tanto exterior quanto interior. Pois é Pã quem nos coloca em contato com a sabedoria do corpo, com os nossos instintos mais vitais. E um desses instintos é o próprio medo, o pânico ou o espanto diante do numinoso, aquele *mysterium tremendum*: o inacessível, o insondável, o inefável, aquilo que não sou, não compreendo, não articulo, não possuo, não domino. O que permanece como *Outro*. Aquele Vazio arrebatador. Nas palavras de James Hillman (2015, p. 54), a fuga instintiva provocada por esse medo “contribui para a abertura de uma brecha para além da segurança protetora e em direção ao ‘deserto misterioso da existência elementar’”.

Esse medo é que nos tira do pedestal do Eu controlador, que busca tapar todos os Vazios e reificar toda natureza, transformando-a em um instrumento servil, em objeto morto. De tal modo, Hillman (2015, p. 59) entende como qualquer complexo capaz de provocar um pânico instintivo é *via regia* para o desmantelamento das nossas defesas paranoicas: “Essa é a via terapêutica do medo. Ela leva para fora dos muros da cidade, para o meio do campo. Para as terras de Pã”. E continua:

O pânico, sobretudo à noite quando a escuridão cai sobre a cidade e quando o ego heroico dorme, é uma *participation mystique* direta com a natureza, uma experiência fundamental, até mesmo ontológica, de um mundo vivo terrificante. Os objetos se

³¹ Essa fala faz parte do discurso de Greta Thunberg no Fórum Econômico Mundial de Davos em jan. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M7dVF9xylaw>. Acesso em 20 jul. 2023.

tornam sujeitos; movem-se com vida enquanto estamos paralisados pelo medo. Quando a existência é experimentada através de níveis instintivos do medo, da agressão, da fome ou da sexualidade, as imagens se carregam de uma vida irresistível que lhes é própria. O imaginal nunca é tão vívido como quando estamos ligados instintivamente a ele. O mundo vivo naturalmente é animismo. Que este mundo vivo seja divino e perfilado por diversos deuses, com seus atributos e características, é panteísmo politeísta. Que o medo, o terror e o horror sejam naturais, é sabedoria. (Hillman, 2015, p. 59-60).

Portanto, devemos entender que o pânico, o medo, o desespero e a ansiedade, que tantos entrevistados afirmaram sentir diante das imagens do colapso planetário, são instintos naturais que confirmam que suas almas estão *vivas* e em contato com o mundo *vivo*, que Pã ainda vive! São sentimentos que unem natureza interior com natureza exterior e sem o qual não podemos olhar ecologicamente para o mundo. E o pânico não foi o único sentimento instintivo manifestado durante as entrevistas. Além do medo e da ansiedade, com recorrência os entrevistados expressaram raiva, indignação e ultraje. Essas emoções apareceram de modo muito explícito na fala passional de uma das mães que fundou o *Famílias pelo Clima*:

Eu acho uma grande sacanagem o que a gente está fazendo com as crianças! Eu acho uma puta de uma injustiça o que a gente tá fazendo com as pessoas mais pobres! Uma sacanagem! O que eu vejo da crise climática pra mim é uma grande sacanagem! Porque a gente sabe que quem causou esse problema foi o 1% das pessoas mais ricas, são os países mais ricos que causam esse problema. E quem está pagando é a África, é a América Latina, é a Ásia, os países pobres da Ásia. Entendeu?! Então, eu acho uma puta de uma sacanagem! Eu acho uma questão de justiça isso, a minha vontade é de processar todo mundo! Botar todo mundo na cadeia, entendeu?! (ri). E eu acho que não tem nada dessa de se entregar! Não tem mesmo. Porque a culpa não é nossa! Se não fosse esse povo que é atrasado ter demorado para fazer a transição, que sabem há mais de 30 anos que era para fazer... Já podia ter sido feita. Mas não! Ficaram inventando mentira, fazendo lobby para atrasar porque querem encher o rabo de dinheiro até morrer, entendeu?!

Um pouco depois, acrescenta:

Então, eu acho que o sentimento que vem para mim é de revolta. É de... Meu, eu nunca vou me conformar com isso! Eu vou morrer inconformada! Entendeu?! Se continuarem matando indígenas, do jeito que estão fazendo, violentando do jeito que estão fazendo agora, eu vou morrer inconformada. Acho um absurdo! Isso é coisa... A polícia tem que estar lá agindo! Eu não aceito um governo que não age! Entendeu?! Pra mim é nossa obrigação moral eleger pessoas que vão trabalhar para que isso mude. É inaceitável em 2022 essa situação acontecendo no nosso país! Então, eu acho que... Eu acho que, eu acho que o que falta no fundo, no fundo, *eu acho que as pessoas não têm coragem!* Eu acho que está todo mundo muito bunda mole! Tá todo mundo aceitando as coisas muito facilmente, sem se indignar, sem agir, sem entender qual é o seu papel nessa história. *Tá todo mundo muito anestesiado.*

Sem nos afastarmos dos terrenos de Pã, permeamos aqui nos recintos de Nêmesis, a “justa ira”, e também de Ares, um deus sem o qual não existiria batalha, revolta nem ativismo. Afinal, Ares, como um *puer*, é quem incita a ação e os começos (não o fim dos tempos, como alguns pensam). Ele não está relacionado à vitória ou à derrota, ao resultado da guerra, mas ao

fogo terrificante que impulsiona as batalhas. Com sua “cabeça chifruda de carneiro” ele *abre* caminhos. “Raiva é a primeira emoção maluca, a combustão espontânea que origina (*origi*, crescer) a ação”, nos explica Hillman (1993, p. 72), que também esclarece:

Ele intensifica os sentidos e exalta o sentimento de solidariedade em ação, essa vivificação energizada que os romanos chamavam Marte *Nerio* e Marte *Moles*, molar, compacto, o fazer as coisas acontecerem. A mobilização. Marte dá resposta à desesperança e afasta a incapacidade que sentimos diante das armas nucleares ao despertar o medo, *Phobos*, seu parceiro ou filho grego, e a fúria, *Ira*, indignação. Marte é o instigador, o ativista primordial. Para colocar o contraste em termos escatológicos, Marte é o Deus dos Começos, o signo do Carneiro. Março é seu mês, e Abril, Marte *Apertus*, a abertura, o fazer as coisas acontecerem (*ibid.*, p. 93).

Portanto, devemos entender que o medo, o pânico, a raiva e a ira são algumas das nossas emoções mais vitais, que podem servir como *ruídos* revivificantes em meio ao tédio e à redundância das “conversas fiadas” do “aparelho”³². Ou, então, como remédio para a depressão e a desistência ocasionadas pelos sentimentos de impotência, fracasso e derrota – que diminuem a testosterona, o instinto ariano do nosso sangue (Hillman, 1993, p. 73).

Contudo, tanto a raiva quanto o medo são emoções que costumam ser recriminadas e inibidas nos nossos tempos, como bem reparam Ginette Paris (1994) e James Hillman (2010, 2015). No Encontro das Nações Unidas, em 2019, houve muitas críticas à fala de Greta Thunberg, uma menina que ousou expressar sua raiva ariana ao nos lembrar da fome, do sofrimento, das mortes, do colapso de vários ecossistemas e da sexta extinção em massa, decorrentes das mudanças climáticas, enquanto ainda se discute um “crescimento econômico eterno”. Foi interessante que algumas mães entrevistadas viam como desafio comunicar a urgência da crise ambiental sem soarem “alarmistas” ou “desesperadas”, como se tais sentimentos deversem, de fato, ser evitados. Talvez porque exista uma tolerância menor quando uma mulher deixa explodir seu pânico e sua energia ariana, como observou uma mãe: “E acho que toda vez que uma mulher fica desesperada desqualifica o debate dela. Porque tudo bem um homem ficar puto por causa de futebol, mas a gente ficar puta por causa de uma coisa, a gente está desesperada”. Será mesmo que essas mulheres não deveriam estar desesperadas, iradas, furiosas e manifestar esses sentimentos em seus discursos?

³² “Ruído” e “redundância” são termos da Teoria da Informação, à qual Vilém Flusser recorre para explicar o funcionamento do “aparelho”, que seria um sistema estruturado pelo programa original para captar sentenças informativas. Enquanto “informação” é o que o sistema capta, “ruído” são sentenças que incidem pelo sistema sem serem captadas (Flusser, 2017b, p. 344). No entanto, uma sentença só pode ser informativa se conter alguma quantidade de ruído em meio à informação já conhecida. Sem ruído, a sentença se torna redundante, incapaz de alterar o funcionamento do sistema, apenas consolidando sua estrutura. Para Flusser, a “vontade” do “aparelho” é transformar o seu programa até que este alcance uma estrutura na qual todas as sentenças que sobre eles incidirem sejam redundantes, eliminando todos os ruídos. Isso acabaria por eliminar toda “preocupação” com o futuro, pois “o ruído é o elemento perturbador e espantoso naquilo que sobre mim incide” (*ibid.*, p. 346).

É claro que tais emoções merecem ser canalizadas com sabedoria, mas não inibidas. James Hillman (1993) entende que quando reprimimos uma energia tão primordial como é a raiva ariana, ela pode acabar vazando de forma cega e inconsequente. Porque Marte é um deus eruptivo, que realmente deve ser salvo de sua própria violência cega pela hierarquia e pela disciplina (*senex*). Não pela constrição opressiva de Saturno, mas pela *ritualização*, como ocorre em eventos coletivos que criam regras e oportunidades para que a energia ariana, que parte do corpo, possa fluir e *unir multidões*. É o que acontece nos protestos e nas manifestações de rua. O rapaz autista, que disse não se sentir bem entre seres humanos não-indígenas (cujo contato sentia como algo mais “frio” e “técnico”), reconheceu como era tomado por uma emoção durante as greves, “tipo um ânimo”, uma sensação de “ancestralidade”, “força” e “resistência”, que costumava sentir só quando estava em contato com povos indígenas ou com árvores: “Quando a gente junta e começa a gritar lá na rua, fazer cartazes... Isso me anima!”.

As irmãs, na entrevista de 2020, também falaram com empolgação das greves das quais participaram: chegaram a distribuir convites na escola, a mãe levou junto uma caravana de crianças, fizeram cartazes, encontraram amigos que foram com os pais espontaneamente e tiveram espaço para se expressar: “Mas aí eu fui percebendo que era importante eu falar o que eu pensava, porque um monte de gente não falava o que eu estava querendo falar. (...) Uma hora eu vou ter que falar, e é legal porque você se encoraja mais”. Havia todo um ritual, incentivado pela mãe, que ajudou as meninas a se sentirem parte do movimento, lhes dando a coragem do deus Marte para se posicionar. Os pais que estavam morando nos Estados Unidos também falaram do ânimo dos filhos, que “foram pra cima” quando chegaram a uma greve global: “Aí a gente chegou lá, tinha um monte de crianças da escola, no meio uma molecada também, tinha bastante criança. E eles ficavam chamando, não eram os pais que estavam lá, eram as crianças que estavam (...) com megafone, gritando e não sei o quê”. Nesses relatos sentimos a presença dos deuses e da vida retomando os corpos e a cidade. Se as manifestações não podem mudar o mundo, elas podem, ao menos, unir multidões, recobrar emoções vitais e nos proporcionar a força da coletividade em um clima de festa³³.

No Brasil, apenas em 2019 as greves pelo clima e pela Amazônia conseguiram atrair multidões para as ruas em diversas capitais, enquanto, nos anos seguintes, a pandemia parece ter arrefecido o movimento (com manifestações mais tímidas e com poucos adeptos, como constataram alguns entrevistados). Uma mãe que fez parte da organização dessas greves na cidade de São Paulo lembra o que empurrou tanta gente pra rua naquele ano:

³³ Em estudos de etologia humana comparada, Irenäus Eibl-Eibesfeldt (1998) fala do poder vinculador das festas, capazes, inclusive, de ligar pessoas desconhecidas em agrupamentos anônimos por símbolos e interesses comuns.

Em 2019, quando a gente fez a primeira greve, ela levou de 10 a 15 mil pessoas na Avenida Paulista. Então, foi boom! Mas por quê? Porque era tudo aquilo: era fogo na Amazônia, óleo no Nordeste, era aquele... Todas as regiões estavam sendo atacadas de alguma forma. Então, a conjuntura política mais a raiva, que... Estava também começando a polarização. Bolsonaro tinha acabado de ser eleito, enfim, estava, tipo, tudo pegando para aquela raiva, sangue nos olhos mesmo, né? E aí o povo estava a fim de ir pra rua, panelaço, enfim, todas essas coisas.

Em 2019, Ares flamejava no coração das pessoas, cuja raiva e indignação mobilizavam para as ruas, o espaço da coletividade, em que a vida flui nas cidades. Entretanto, como essa mãe repara, havia imagens muito fortes incendiando o fogo ariano. Lembramos, então, como são as imagens que alimentam o coração, chamando-o a rugir!

Este coração é aquele que James Hillman (2010) chamou de *coeur de lion*, que vem do folclore, da astrologia, da medicina simbólica e da fisionomia (não a bomba cardíaca da medicina moderna). É o órgão pulsante, da paixão selvagem, do desejo, que nos impulsiona a agir e a lutar. Mas este coração deve ser despertado! “De acordo com o *Physiologus* (o folclore tradicional da medicina animal), os filhotes de leão são natimortos. Devem ser acordados para a vida com um rugido. É por isso que o leão tem aquele rugido: para despertar os leõezinhos do sono, pois eles dormem em nossos corações” (Hillman, 2010, p. 60). E o que chama o coração a rugir são as imagens, a beleza de Psiquê: o sopro da vida que vem do que está *lá fora*. E esta beleza “precisa ser enfurecida, ou ultrajada, em vida, pois os filhotes de leão são natimortos como nossa preguiçosa complacência política, nosso estupor alimentar diante da TV” (*ibid.*, p. 61). Quando enfurecida, tal beleza será, então, como ruído em meio à redundância e à previsibilidade de um aparelho apático e eficiente, que reduz a vida a instrumentos obedientes, funcionais, sem senso crítico, ético e estético. “Quanto maior nosso deserto, mais devemos rugir, e essa fúria é amor” (*ibid.*, p. 61).

6.2. Reanimar o cosmos (*A recuperação de Psiquê*)

Despertar o coração requer abertura às imagens do mundo vivo que padece. Isso não quer dizer que devemos saturar nossas crianças de informação. Devemos lembrar que os excessos conduzem ao titanismo e às abstrações. Luz em abundância acaba com os contornos e cega os nossos olhos. O que é excessivo tende a se transformar em massa de lixo informe, algo que precisa ser desprezado (esquecido, bloqueado, soterrado), em vez de ser encarado como *ruído*, capaz de perturbar a ordem vigente. Em outras palavras, não se trata de quantidade, mas da *qualidade do olhar* que lançamos a cada imagem do mundo: a morsa que despenca do penhasco, a tartaruga morta na beira da praia, o córrego seco e poluído ao lado de casa, a fumaça que sai do escapamento do carro, o bezerro afastado de sua mãe por uma cerca, a viagem

espacial de Jeff Bezos, e até a embalagem plástica que embrulha os alimentos e talheres da cantina da escola³⁴. O importante é incentivar as novas gerações a verem com discernimento, despertando o olhar estético e anímico para cada coisa do mundo. Encarar cada imagem como algo vivo, com alma, que nos olha de volta, ultrapassando o olhar meramente funcional e objetivo, que reduz tudo a natureza morta, instrumentos, escravos mudos e desalmados, ou, então, massa de lixo informe. Pelos diversos depoimentos reunidos nesse estudo, parece que a transformação desse olhar está em curso (ainda que jamais alcance velocidade do progresso).

Todos os adultos e jovens entrevistados revelavam grande respeito à ciência, a partir da qual se mantinham informados sobre o estado avançado da crise ecológica. Isso não impedia que muitos manifestassem, concomitantemente, um olhar poético e até mesmo religioso para o mundo³⁵. Duas entrevistadas cristãs (uma adventista, outra Testemunha de Jeová) viam a Terra como “obra divina”, um “presente de Deus”, que deveríamos cuidar e “estar em equilíbrio”. Outra se declarou como “espírita meio praticante” e reconhecia Deus em cada pedra, em cada átomo, em cada bicho, a quem tinha respeito e gratidão. Uma jovem falou com muito amor da Umbanda, que lhe permitia sentir-se vinculada ao mundo da vida, além de ajudá-la a descarregar as “energias ruins” na gira todo sábado. Ela também explicou que sua avó (católica) sempre lhe ensinou que “o mar é a minha mãe; a terra é meu pai. Somos todos um só. E a gente não machuca a nossa família. Porque a nossa família é a nossa base. Então, eu cresci com esse valor dentro de mim”. Um pai católico reforçou várias vezes: “Quando corta uma árvore, tá cortando meu braço. Se corta a copa, está jogando fumaça no meu pulmão. Se eu vejo uma água suja, eu estou tomando banho de água suja. É bem... Eu faço parte desse meio”.

Duas mães admitiram que gostariam de ter algum tipo de fé, todavia não encontraram uma religião à qual se sentissem pertencentes, pelo fato de todas serem muito focadas na “salvação humana”, ignorando outras formas de vida. No entanto, vários entrevistados trouxeram uma concepção divina do mundo, independentemente de se identificarem com uma religião clássica. Um jovem de 20 anos se declarou como “ateísta”, pois não acreditava em um deus que criou o mundo, mas via a própria natureza e o universo como algo divino, que se criou:

³⁴ O que é pequeno merece atenção na luta contra o titanismo e o progresso desenfreado: “(...) uma resposta estética aos detalhes poderia nos desacelerar radicalmente. Reparar em cada acontecimento limitaria nosso apetite pelos acontecimentos, e essa redução de consumo afetaria a inflação, o superdesenvolvimento, as defesas maníacas e o expansionismo da civilização” (Hillman, 2010, p. 99-100).

³⁵ Aqui seguimos o mesmo entendimento de religião de Jung: “Religião é – como diz o vocábulo *religere* – uma *acurada e conscienciosa observação* daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou ‘numinoso’, isto é, uma existência ou efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais suas vítimas do que seu criador. De qualquer modo, tal como o *consensus gentium*, a doutrina religiosa mostra-nos invariavelmente e em toda a parte que esta condição deve estar ligada a uma causa externa ao indivíduo” (Jung, 2012, p. 19)

“É uma coisa muito mais bruta que eu tenho uma visão da natureza e poética ao mesmo tempo”. Uma mãe explicou que não era religiosa, mas que acreditava na “força da natureza” e nos outros seres, que “conversam com a gente”: “Tenho uma sensação de que... Um certo respeito em relação ao cosmos, sabe, como uma entidade que tem alguma coisa que a gente não conhece, assim”. Outra explicou: “Eu vejo Deus como essa força da Natureza, assim, essa Vida, isso aqui pra mim, isso é Deus. Eu não acho que Deus exista lá e seja... Mas a potência desse incerto, dessa coisa...”. Uma outra argumentou que a religião, para ela, era “essa inspiração que a gente tem de viver”, e via Deus em todos os elementos da natureza e no cosmos (que por vezes estava em harmonia, outras não). Já um entrevistado integrante de um grupo espiritual disse que reconhecia uma “força maior” que “conecta tudo a todos e que faz alguma coisa muito mágica acontecer”, que alguns apodem chamar de “Deus” ou, então, de “Mãe Terra”. Enquanto uma menina de 10 anos respondeu que o mais sagrado no mundo para ela era a flora e a fauna. E as irmãs de 11 e 13 anos reconheceram a vida de todos os seres vivos como algo sagrado: “E nós estamos dentro desse critério seres vivos. Então a gente protegendo a nós e ao mesmo tempo também protegendo os outros seres vivos que têm no mundo, sem ser tão autocentrado”.

Nesses vários trechos (que foram expostos com bastante encanto e, muitas vezes, com dificuldade de articular em palavras), vislumbramos como muitos entrevistados (sem abrir mão da ciência) restituem sacralidade ao planeta e às diversas vidas que nele habitam. Em vez de “objetos inanimados”, eram vistos como “obra divina”, ou, então, seres com alma, “outros” misteriosos, “incertos”, com os quais estamos em diálogo e os quais podemos amar. E isso parecia ajudar a encarar o colapso planetário, como expôs uma mãe: “Eu acho que esse componente de espiritualidade que eu desenvolvi bastante, assim, nos últimos anos também, foi outra coisa que me segura, porque, se eu for pensar racionalmente, já era, cara”. Edgar Morin (1973) já nos falava sobre como a mitologia, a espiritualidade, a magia, a religião (que não têm qualquer fundamento racional) surgem ao lado e até mesmo para suportar a sapiência, a consciência da morte, a finitude de todas as coisas.

Vilém Flusser (2002) atribuiu grande importância à religiosidade em sua obra, entendendo religiosidade como nossa capacidade de captar a dimensão sacra do mundo, ao revelar o mundo e nossa vida dentro dele como realidades significativas. Ele entendia que, quando nossa capacidade para a religiosidade é reprimida, como aconteceu na Idade Moderna, nosso ardor religioso pode ser desviado para coisas profanas como: dinheiro, nação, líderes políticos, religiões inautênticas ou até a autoadoração narcisista. No entanto, ele acreditava na existência de uma religiosidade latente, que começava a se formar a partir de atividades

criadoras, tanto artísticas quanto científicas³⁶. “É essa religiosidade não comprometida e, portanto, faminta de compromisso que construirá, a meu ver, o futuro” (Flusser, 2002, p. 21).

Mesmo alguns entrevistados que se declararam como ateus e recusaram qualquer tipo de religião pareciam direcionar um olhar que buscava resgatar essa dimensão sacra e bela do mundo. Isso foi especialmente nítido na fala daquele pai que é cientista, físico e trabalha com mudanças climáticas. Ele falou com muita paixão sobre as coisas que o moviam, e para isso ele não recorreu tanto a dados e números abstratos, mas a imagens com alma. Ele mencionou, de forma bastante afetuosa, o livro *Cosmos* (1980), de Carl Sagan, que lhe impactou quando o leu ainda jovem: “O *Cosmos* é muito lindo na sua versão original. Abriu um horizonte de conexão com a teia de vida, com o cosmos, né. Absurdamente impressionante!”. Ele via como uma “grande família” essa “teia da vida, que é a biosfera terrestre”, e constantemente se referia ao nosso planeta como Gaia – um nome mais “simpático” para se referir à totalidade planetária (como fez Lynn Margulis e James Lovelock), ainda que esclarecesse não haver qualquer propensão religiosa na adoção do termo.

E obviamente a ameaça à Gaia me dói também. Quer dizer eu, nesse caso eu... O terreno dos afetos misturado ao do conhecimento científico inclui [os meus três filhos]. Inclui filho e filhas. Mas me inclui como filho. Como filho de Gaia. Então... Estão mexendo com a mamãe! (ri) Então, isso também bate forte e isso tudo atravessa. Então não tem como eu mergulhar nesse processo de maneira fria, distanciada, objetiva. Não! Eu vou com uma puta carga emocional!

É interessante reparar como esse pai, que tem contato direto com a crise climática em seu trabalho, consegue manter a chama do seu coração acesa ao não se render ao olhar “objetivo”, “neutro” e “apático” para ler o mundo como mera “natureza morta”, como recomendava a velha “ciência moderna”. Pelo contrário, ele assume um olhar intersubjetivo (Flusser, 2014b), ao assumir envolvimento emocional com os outros seres que vivem nesse planeta e ao se entender como parte do mundo que estuda:

Eu me sinto parte disso tudo. Não, não tem como... Pra mim é muito interessante saber que todos nós temos um único ancestral comum, porque é isso que provavelmente aconteceu: tem uma única tira de DNA que deu origem a tudo quanto é ser vivo. Me toca quando... assim... tem *paper* da *Science*, da *Nature* que eu choro lendo. Então, assim, eu me sinto muito... Teve um que foi sobre a acidificação oceânica promovendo corrosão nas conchas dos pequeninos moluscos do zooplâncton chamados pterópodes. Parecem borboletinhas microscópicas com a conchinha. E na ausência do *krill*, que é o camarãozinho, né? Quando você vê que não tem *krill*... Eles são a base da cadeia alimentar, são eles que alimentam os peixes, os cetáceos. E é aí, quer dizer, gente, a acidificação oceânica está fazendo isso! Eu chorei lendo esse artigo! Quero dizer, é

³⁶ Para Flusser (2017a, p. 147-9), saber e poder são movimentos da fé, daquilo que a gente acredita, logo ciência, filosofia e arte se enquadrariam no espaço de religiosidade. Por isso entendia que uma religiosidade autêntica não poderia se dar como um nicho separado dessas demais categorias, como tentou-se fazer na Idade Moderna.

uma conexão realmente muito forte. Não tem nesse sentido aí a ideia de nada sobrenatural. Mas é uma conexão de fato emocional muito forte.

Foi com esse olhar emotivo e intersubjetivo que esse pai, inclusive, explicou a entropia, a partir da mecânica estatística, como um conceito circular e tautológico com certa beleza:

É aquela história... Tem muito mais maneiras de você pegar os átomos de carbono, oxigênio, hidrogênio, nitrogênio, fósforo, enxofre etc. que [me] compõem (...) e arrumar de outro jeito que não seja [eu] do que as maneiras de arrumar dando [eu] (*ri*). Então, é muito mais provável que eu não exista. E realmente num dado momento isso... Enfim... Mas nós temos uma peculiaridade aí. No caso... E isso alimenta Gaia. Que Gaia é um sistema afastado. Então, você tem um puta rebaixamento de entropia. Mas o que acontece é que... a auto-organização e complexidade emergem toda a vida que você tiver uma fonte de energia e uma possibilidade de ter um sumidouro de entropia. Se você puder usar a energia que vem de fora e exportar a entropia de alguma maneira... Química complexa, vida, sociedade, amor, né (*ri*)... Essas coisas complicadíssimas, elas emergem e elas têm sustento... Elas têm sustentação aí. Na verdade, é muito mais provável que, dadas essas condições, estruturas altamente complexas emergem do que não. E nós temos justamente isso. Nós temos aquele reator nuclear ali a 150 milhões de quilômetros de distância da gente, e com garantia de 5 bilhões de anos de funcionamento (*ri*), e que nos fornece 342 W/m² de energia limpinha. Então você tem uma fonte absurda de energia! E a gente tem a possibilidade de sair, usando a lei de Planck, emitindo radiação térmica para o cosmos e mandando entropia para fora. Então, a gente tem justamente isso, né. Isso é realmente, para mim... é muito interessante que a gente possa ser parte disso! (*ri*) Estar justamente no meio desse negócio aqui. Nessa pedrinha tão ridiculamente pequena, mas ao mesmo tempo tão formidável!

Em outras palavras, ele resume: “Enquanto nós tivermos Sol e possibilidade de irradiar calor pro espaço, a gente vai ter alguma coisa”. Com essa frase ele justifica porque ainda vale a pena continuar lutando pela vida na Terra ainda que em algum futuro distante ela deixe de existir (como nos ensina o conceito genérico de entropia da física moderna). E é com tal olhar que esse pai recusou a ideia de “parar de apostar na humanidade”:

Eu acho que a gente tem que parar de apostar nos bilionários. (*ri*) A gente... Desculpa o termo. A gente tem que parar de pagar pau pra bilionário, né?! Mas a nossa espécie tem coisas muito maravilhosas! Criatividade, inventividade, produção de arte e ciência. E a linguagem! Nesse... O pavão tem a sua cauda exuberante. Vários pássaros têm aquela plumagem, as danças, né... bem pesadas. E nós temos isso aí. Então, é... é sexy! (*ri*) É legal! É bonito! E eu acho que essa é uma coisa que precisava aprender... Muitas vezes os povos originários insistem em bater nisso. A gente precisava apostar nesse nosso lado legal.

Vemos aqui como, ao conciliar conhecimento epistemológico com ética e estética, parece possível ler os relatórios do IPCC, assumir criticamente a crise de sustentabilidade, seguir o princípio *senex*, mantendo o encanto e a chama que alimentam o *puer* em nosso coração. James Hillman (2008) nos ensina: nossa criança interior é movida pelas fantasias e imagens da alma. Ao ter contato com uma realidade caótica, abstrata e apática, pode ser muito tentador se alienar, regredir a um romantismo anti-intelectual (perigo ao qual Flusser constantemente nos alertava) ou se refugiar permanentemente em “Nárnia” (uma fantasia sem

phýsis). Ainda, quando o *puer* é engolido pela realidade fria do *senex*, suas asas podem quebrar e ele pode afundar na amargura e na depressão dos velhos ranzinzas. Hillman deixa claro que a iniciação do *puer* não deve acontecer em direção à realidade “dura” sem “significado mítico”. É necessário “adocicar” a realidade “ao preencher seu pano de fundo com camadas de perspectiva mitológica, fornecendo a fantasia que torna a ‘dureza’ da realidade significativa e tolerável e, ao mesmo tempo, indestrutível” (Hillman, 2008, p. 47). Um pouco adiante coloca:

O principal problema do *puer* não é falta de realidade mundana, mas *falta de realidade psíquica*. Em vez de compromisso com a ordem do mundo, o *puer* precisa estar casado com a psique, à qual ele está naturalmente inclinado. Em vez de continuidade histórica e raízes no horizontal, ele precisa de devoção à alma. Primeiro a psique, depois o mundo; ou através da psique rumo ao mundo (*ibid.*, p. 47-8)

Eros é apaixonado por Psiquê, que irriga a busca do *puer* com valores da alma, tornando suas mensagens divinas e significativas. Portanto, para que o idealismo do *puer* se mantenha conectado à ciência do *senex*, é importante restituirmos a alma do mundo, a *anima mundi*. Chamar afetuosamente nosso planeta de Gaia não vai tirar a credibilidade da ciência (se entendemos que há poetização, não literalização). Ao tornar nosso planeta imaginado e anímico, ele pode voltar a ser habitado pela vida. Deixando de ser uma abstração, será mais fácil amá-lo e gerar compromisso com algo maior (desenvolvendo um pensamento ecológico, que nos vincula ao grande *oikos*, à nossa grande família), sem precisar regredir ao “terraplanismo”.

6.3. Estar no mundo (*O mergulho de Eros*)

Pelo olhar científico é possível subir ao “cume da montanha” e vislumbrar à distância as “planícies” abaixo, podendo discernir melhor o “todo” e desenhar “mapas” que nos orientem (as imagens dos satélites confirmam a curvatura da Terra). Todavia, como Flusser (2011) nota, do cume da montanha não há engajamento. Permanecemos solitários e apáticos a uma paisagem reduzida a mapa. Por outro lado, viver somente na planície impediria a tomada de consciência de si no todo. Por isso defende um viver *entre* planícies e montanhas, onde estão os *vales*.

Vales são os caminhos da decisão, lugares concretos. Lugares, nos quais se torna necessário, em dado momento, jogar fora todos os mapas, sob pena de se pairar nos “sobrenatural”, no “teórico”, na “perspectiva”. Justamente por serem os vales lugares quase sobrenaturais, quase teóricos, quase perspectivistas, são eles situações de limite. A decisão é, de acordo com Jaspers, um decifrar, e não um resolver-se. Em suma, vales são lugares onde a disponibilidade pode, se assim for decidido, passar a ser engajamento (Flusser, 2011, p. 40).

Curiosamente, Hillman (2008) também usou a analogia das montanhas e dos vales para falar da relação do espírito (que permanece solitariamente nos picos) com a alma (que está nos vales profundos e sombrios, onde prolifera a diversidade da vida). Ele então propõe “as

núpcias” entre Eros e Píscuê. Pois, nessas núpcias, o espírito *puer* pode formular em linguagem as emoções caóticas da alma, dando “senso de processo, direção, continuidade, na vida interior de sonhos e desejos” (Hillman, 2008, p. 226). Ao mesmo tempo a alma pode proporcionar “corpo psíquico à viagem e mensagem do puer, acrescentando-lhe valores psíquicos, de modo que a mensagem do puer toque a alma e lhe dê o sangue da vida” (*ibid.*, p. 227). O reino da alma, que foi esvaziado, carece dos dons do *puer*. Por isso que Hillman clama: “Desçam da montanha, monges, e como o belo John Keats, venham ao vale onde se elabora a alma” (*ibid.*, p. 227). Ou seja, é urgente que nosso *puer* mergulhe com suas asas e se abra a *anima mundi* pela *aisthesis*. E para isso, é preciso estar lá, no *Lebenswelt*, no mundo da vida.

Pelos diversos depoimentos coletados, é nítido como crianças e pais valorizam o contato com a “natureza”, seja em parques, praia, chácara, fazenda, reserva ambiental, até mesmo na horta urbana, no parquinho da cidade, no quintal de casa, da casa da avó ou do condomínio. Quase todos fizeram relatos cheios de encanto sobre as vivências que têm nessas áreas. “Eu fico no mato, tomo picada de mosquito, fico toda vermelha! (...) Rasgo meu pé, as pedras, nossa!”, falou maravilhada uma menina de 10 anos sobre suas experiências ao estar no “puro mato”, quando visita o avô, que vive em uma chácara em Arujá (SP). Mas um entrevistado que trabalha no programa Criança e Natureza, do Instituto Alana, observou como estar ao ar livre já é um modo de a criança estar em contato com a natureza:

Na verdade, a gente tem que considerar que natureza é tudo, nós somos também. (...) No processo com a criança, um pouquinho... Pouquinho não, tem que ter bastante. Mas um pouco de presença ao ar livre já é contato com a natureza, né? Já é essa presença de estar ao ar livre, de sentir o sol, de sentir o vento, de se sentir livre pra correr, né, pra brincar do jeito que ela quiser.

De fato, as irmãs de 11 e 13 anos falaram sobre o prazer que sentem ao simplesmente passear pelo bairro com a família nos finais de semana, permeando “ruazinhas cheia de casinhas”, descobrindo praças, restaurantes e “lojinhas”, que recobram faces e dimensões humanas em meio a bancos, supermercados e grandes edifícios: “Isso que deixa a cidade mais bonita. Se a cidade fosse inteira assim, eu ia amar!”. O entrevistado que atua no Instituto Alana ainda mencionou um trabalho de escuta sensível com crianças do qual participou em que foi possível constatar a importância de andar pela cidade para ajudá-las a formar repertório, tanto para as coisas boas quanto para as coisas ruins do entorno:

(...) eu lembrei de exercícios que eu já fiz muito com crianças desenhando o trajeto delas para a escola. E as crianças, geralmente que vão a pé ou de bicicleta, elas têm um repertório muito maior. Elas conseguem justamente observar os problemas, mas também observar as soluções. Essa escuta de crianças traz um pouco disso. A criança que passa por um cemitério e aí desenha o cemitério e reconhece, porque ela passa a pé, ela vê e aí ela sente meio com medo. Mas depois ela vê uma natureza, uma árvore

que tem flores e ela acha bonito. Enfim, acho que tem esse lugar muito sensível, assim, das crianças também aumentarem o seu repertório a partir do momento que elas vivem a cidade de diferentes formas. Podendo ser para o ruim e o bom. Mas isso já ganha... Nisso a criança já ganha muito. Como eu falei, não é preciso estar lá na natureza remota, em um parque nacional. Ela estar no meio da cidade, mas ela estar andando e ela estar percebendo e vivendo a cidade ao ar livre de outro jeito... Isso traz repertório para ela.

E isso é algo que ele diz ter aprendido também a partir de suas próprias experiências:

Eu acho que esse foi o aprendizado que eu tive usando a bicicleta na cidade. Você está exposto ali para todos os problemas da cidade. Para as soluções e para os problemas. A partir disso, você se sensibiliza com aquilo. Você fala: nossa, isso aqui é um desespero, esse lixo todo e essa água corrente que está saindo do prédio, porque ela tem... ela tem que ficar bombando a água do lençol freático, que ela perfurou. Então, tem tantos aprendizados com isso.

Uma mãe contou como, ao levar o filho para distribuir comida para pessoas em situação de rua no Ano-Novo, ele pôde se dar conta de como tem tanta gente que não tem o que comer. Outra relata que, ao passar com os filhos próximo de uma área “invadida”, que tem muito lixo, eles se sensibilizam e tentam pensar em soluções. Também explicou que costuma levá-los para brincar com as crianças de um orfanato próximo e que faz questão que os filhos tenham noção do mundo em que vivem:

Todas as possibilidades que eu tiver de colocar eles em contato com a realidade pra que eles cresçam pessoas conscientes do mundo em que eles vivem... Eu acho que isso é o mais importante: é ter consciência da grande merda que o mundo é pra um monte de gente. Entendeu? Que pra gente é bom. A gente tá em um lugar legal e tal... A gente não é rico, mas a gente tem acesso a muita coisa e... assim, que eles entendam que a gente mora num mundo que tem um monte de problema e cabe a nós também fazer alguma coisa a respeito.

Nesse momento é preciso considerar que *estar no mundo* é também estar aberto ao seu *caos*. Esta é uma escolha feita por essa mesma mãe, que mora no Rio Grande do Sul e que já vivenciou com sua família tempestades terríveis:

Então, às vezes eu penso: Putz, eu vou sair daqui, vou construir uma casa em que o teto não voe, que seja bem segura. Que é uma coisa que eu poderia fazer. No entanto, eu estou aqui ainda, né (*ri*). Então, eu vi aqui, os vizinhos, todo mundo ficou sem telhado. As pessoas que tinham um telhado mais velho, na última chuva choveu muito na casa delas, entendeu? E, então, eu penso assim, eu penso: Meu, não, a gente tem que estar aqui, vivendo isso com as pessoas e fazendo o que a gente pode, entendeu, pra ajudar, para recuperar, juntar dinheiro, para fazer campanha, pra ajudar as pessoas, né.

Ela se lembrou de gente que decide se mudar para sítios ou vilas afastadas com práticas mais sustentáveis: plantando o que comem, usando energia solar, limpando a própria água, fazendo compostagem etc. Ela entende a importância dessas ações para se pensar em novos modelos de vida em comunidade. No entanto, coloca:

(...) mas a minha escolha tá junto com todo mundo, entendeu? Com quem não tem essa escolha. Com quem não tem a possibilidade de ir morar num paraíso que ainda exista na Terra. Entendeu? Tipo, eu não vou fazer isso, eu estou no mundo. *Eu estou no mundo! Essa é a minha escolha.* E o que acontecer de ruim, vamos ver o que a gente pode fazer para ajudar. E o que é que tiver de possibilidades de mudança, vamos ver o que a gente consegue fazer pra fazer a mudança. E é isso aí. Se meus filhos crescerem e quiserem se isolar em algum lugar, eles podem ir (*ri*). Eu vou ficar aqui até ficar velhinha.

Nesse momento, vale destacar um depoimento de um pai que esclareceu como busca vivenciar esse caos todo e convidar o filho a fazer o mesmo sem se desesperar ou desistir:

Uma das coisas que eu tento passar é que: a gente tem que fazer o certo *não pensando em mudar o mundo*. Não depende só da gente. Na verdade, a gente é um grãozinho de areia. (...) *A gente não pode esperar que o mundo mude pelas nossas ações.* A gente pode até torcer, a gente pode até imaginar, sonhar. Mas a nossa expectativa tem que ser em fazer o certo pelo certo. Primeiro porque é mais simples de fazer. Quando a gente sabe que tá fazendo o certo porque é o certo, é mais fácil de fazer. E depois porque tira essa carga negativa, sabe, que... E isso foi uma coisa que aconteceu comigo. Eu, assim... eu já tinha pensado nisso tudo, mas uma coisa é você dizer e outra coisa é você vivenciar e... Assim que eu comecei a fazer esse recolhimento de lixo na praia, eu fiquei bem empolgado. Aquele sentimento de empolgado, que eu achava que eu ia limpar a praia (*ri*). Aí eu fui um dia, fui dois dias, eu já ia correndo e fazendo conta: “Ó, se eu passar 3 meses recolhendo 10 sacos por dia, então talvez em 3 meses tenha bem pouquinho lixo por aqui”. Aí teve um dia que pegou uma maré errada aí e aí tinha lixo pra tudo quanto é lado, sabe? E tartaruga morta, um bocado de coisa. E eu fiquei muito, muito, assim, pra baixo. E aí, assim... Isso é uma coisa que é bom você se alimentar pensando que as coisas vão mudar. Mas eu demorei um pouquinho pra entender que tem que fazer o certo porque é o certo. E aí você se sente bem. *Você tá no meio do lixo, e ainda se sente bem, sabe? É uma coisa que eu tento pregar pra mim e [pro meu filho] também.*

Você está no meio do lixo e se sente bem. Essa perspectiva de fazer o certo sem esperar mudar o mundo esse pai diz ter aprendido com o budismo, uma filosofia com a qual ele se identificou. Luigi Zoja (2000) repara como muitas religiões e filosofias orientais entendem o limite da ação humana, pois percebem que somos pequenos diante de algo maior. Inclusive, faz uma comparação pertinente entre as cosmovisões orientais e ocidentais.

Se imaginarmos que o oriental navega na corrente cósmica como uma partícula de água, o ocidental é, por sua vez, uma embarcação: esta, por mais frágil que seja, é posta sobre a água, não se confunde com a água e segue uma rota autônoma. Todavia, é o barco, não a água, que pode naufragar (Zoja, 2000, p. 21).

Esse olhar oriental contém nossa *hybris*, ao tirar o “eu” do pedestal divino e ao nos ensinar a abdicar da posição heroica de “querer salvar o mundo”, conscientes dos nossos limites inerentes. Não somos um “deus transcendente”, mas *parte do mundo*. Isso não quer dizer desistir da batalha, mas entender o que a move. Zoja repara como, no Japão, os soldados costumavam lutar por uma honra guerreira e não tanto por um resultado mensurável: “Seu vigor não se mede pela força da vitória, mas pela força da coerência a um registro estético” (*ibid*, p.

22). Ele percebe como os antigos gregos, de modo semelhante, pareciam lutar por essa honra, pela beleza e pela emoção da batalha e não tanto pela finalidade de eliminar o inimigo, cujos heróis, apesar de derrotados, muitas vezes eram até louvados em narrativas e cantos épicos posteriores (como aconteceu com os troianos na *Iliada*, na qual Heitor aparece como um dos heróis mais cativantes)³⁷. Devemos lembrar que Ares não é movido pelo resultado, pela vitória, mas pela raiva, pela ira diante das injustiças, que também é combustível para que Nêmesis aja. Não podemos salvar o mundo. Mas como parte do mundo, podemos tentar ser um *ruído* em um “aparelho” cretino sem senso crítico, ético e estético. Como Flusser (2019, p. 140) concluiu: “Não mais podemos ser revolucionários: opor aos programas vigentes outros programas. Podemos apenas ser sabotadores: jogar areia na roda do aparelho. Com efeito: toda ação emancipatória atual é, quando inteligente, ação sabotadora”.

É esse sentimento que parece manter vivo o ativismo de tantos entrevistados. Uma das fundadoras do *Famílias pelo Clima* explicou que uma das primeiras ações do grupo foi mover um litígio contra o Governo do Estado de São Paulo, questionando o programa IncentivAuto³⁸. E ela reconheceu que, por mais que não fosse uma solução efetiva, ao menos já seria um modo de “fazer barulho”, de chamar a atenção das pessoas.

Por sua vez, uma mãe argumentou como faz questão de viver de forma coerente com o aquilo acredita ainda que não receba apoio no entorno:

A gente desanima porque o outro fala que não tem nada a ver o que você está fazendo. Mas aí você permanece firme e fala: *Cara, é assim que eu vejo o mundo e é assim que eu vou viver ele!* E aí eu acho que quando a gente começa a trazer esse novo olhar para o mundo e a gente se transforma, fica muito mais fácil a gente transformar os filhos, porque eles são um reflexo daquilo que a gente acredita.

Outra mãe também entende a importância de incentivar o ativismo das filhas mesmo nas pequenas ações do dia a dia, pois ajuda a dar coesão ao todo, sintonizando sua crença e seus valores com suas escolhas pessoais: “Dá uma sensação de que... tamo junto, tamo fazendo... a gente faz parte de alguma coisa”³⁹. E um pai deixou claro: “Eu acho que eu vou estar nessa briga aí até o último sopro de vida”, e argumentou:

Imagine o seguinte: você tem um condomínio com vários blocos de apartamento. E por uma infelicidade, sei lá, apareceu um incêndio, uma explosão e tal. Teve um bloco que caiu, tem outro que está seriamente comprometido, tem fogo no terceiro... Tem

³⁷ Os rituais antropofágicos visavam algo semelhante: *incorporar, se alimentar* dos valores do inimigo, em vez de simplesmente apagá-lo e desprezá-lo, como lixo.

³⁸ Que ofereceria bilhões de reais de subsídio para a indústria automotiva, sem qualquer contrapartida para reduzir a emissão de gases de efeito estufa emitida pelos veículos que produzem.

³⁹ Pela perspectiva de Flusser (2017a, p. 147-9), podemos perceber um caráter religioso em tal posicionamento, já que a fé autêntica seria justamente o espaço dentro do qual as demais atividades humanas se localizam, ao dar sentido ao nosso *estar-no-mundo*.

um intacto. Aí você vê: o quadro é desolador, o quadro é absolutamente desolador. Quando chega um bombeiro ali, ele diz: “Ah que terrível, não há nada para fazer”? Nunca vai dizer isso! Se tiver uma pessoa, um objeto que seja de alta estima para uma família, um animal de estimação que possa ser salvo, ele vai colocar a própria vida em risco para fazer isso. E se ele sai, assim, se não sobrar nada a não ser esse bombeiro carregando uma criança no braço, ele vai contar como uma vitória. E... E eu acho, assim, que, por pior que seja o quadro, é com esse espírito que a gente tem que ir. Tem que ir pra cima e salvar tudo que pudermos salvar! Então, isso meio que tem sido o meu mantra. E o que me move hoje. E que, claro, não é fácil, mas que *evita que eu caia, me mantém de pé*.

Não basta subir até o alto da montanha para ver o quadro geral. É preciso mergulhar no vale de lama para encontrar o rosto do outro, que requer atenção psicológica, em outras palavras, amor. Assim se manifestou uma jovem: “Porque eu sei que eu não posso salvar o mundo e salvar o futuro, mas o Krenak fala uma coisa muito legal, que é: ‘Cada pessoa é um mundo’. E eu gosto muito dessa frase dele. Então se eu salvar uma pessoa, eu salvo um mundo, um mundo da próxima geração, se eu conseguir...”.

6.4. Padecer para renascer (*O rapto de Core*)

A crise é a fonte tanto dos nossos fracassos e neuroses, como dos nossos sucessos e invenções. É o que entende Edgar Morin. “O que é uma crise? É um aumento da desordem e da incerteza no seio de um sistema (individual ou social)” (Morin, 1973, p. 154). É a partir de tal desordem que somos impelidos a buscar por soluções novas, tanto imaginárias, mitológicas e mágicas, quanto práticas e lógicas, a fim de reestabelecer uma ordem nova e coesa. Assim, podemos desinibir virtualidades até então inibidas. Portanto, a crise, assim como a ansiedade, pode estimular a curiosidade e a busca errante do *puer*, flexibilizando a rigidez e a certeza do *senex*. É da crise que emerge o grande potencial humano de se adaptar, que talvez seja onde more a genialidade do *Homo Sapiens Sapiens Demens* (um ser totalmente racional e totalmente louco e apaixonado ao mesmo tempo).

Nas palavras do junguiano Waldemar Magaldi (2018, p. 240): “A crise é responsável por tirar violentamente o indivíduo de sua rotina profana, desviá-lo de uma vida sem sentido e pode levá-lo, pela necessidade de superá-la a uma dimensão sagrada e de sabedoria”. Todavia, para enfrentar uma crise, é preciso mergulhar na dor, no sofrimento, nas profundezas da alma, como os heróis gregos faziam ao mergulhar no Hades para retornarem mais sábios e fortes.

Não à toa todo ritual de iniciação comporta uma etapa de crise, de desordem, que deve ser enfrentada. Em sociedades arcaicas, os processos de iniciação, de “amadurecimento espiritual”, exigiam que o jovem regredisse ao *caos*, a uma espécie de “útero materno”, ao ser “engolido por um monstro” ou ao acessar as “trevas infernais” (fosse em uma cabana, uma caverna, uma gruta, ou uma floresta). O jovem precisava passar por desafios, enfrentar o

desconforto, a dor e o sofrimento. Afinal, a “morte mística” é condição para renascer para uma vida nova, sagrada, de sabedoria e responsabilidade (Eliade, 2018). Foi essa iniciação profunda que faltou a Ícaro para poder voar com sabedoria.

Olhar as imagens caóticas da crise planetária pode ser encarado como uma *iniciação* para um novo modo de estar no mundo (ao romper com os limites do aparelho, não da vida). Pois, ao encarar as dores do mundo e deixá-las reverberar em nosso coração, nosso *puer* estará entrando em contato com nossa alma profunda, que está emaranhada na *anima mundi*. Tais imagens, como ecos e ruídos, podem desencadear crise e ansiedade, ao mesmo tempo em que nos tiram da inércia e permitem a tomada de consciência de si em relação ao cosmos. Hillman (2010, p. 97) deixa claro: “A psicologia sempre promove sua consciência por meios de revelações patologizadas, através do submundo da ansiedade. Nossos receios ecológicos anunciam que as coisas estão onde a alma agora reclama atenção psicológica”.

Em outras palavras, para criar um vínculo com nossa *Tellus Mater*, não basta plantar uma horta, abraçar uma árvore, ou fazer um passeio por parques e trilhas, se continuamos interagindo com a terra, as plantas e as árvores superficialmente sem profundidade psíquica.

Uma pessoa pode cultivar seu próprio alimento e, ao mesmo tempo, girar num espaço mental e emocional com muito pouco solo psíquico. Portanto, não é apenas a terra física que realmente nos liga à divindade da Mãe Gaia, mas a terra psíquica, terra que se tornou almada com divindade psiquicamente complexa e, como a de Hesíodo, tocada pelas musas metafóricas da alma (Berry, 2017, p. 18).

Como Patrícia Berry (2014) recorda, a Mãe Terra não se restringe à camada superficial, à materialidade firme, segura e estável, o reino de Deméter. Existe uma camada interior, subterrânea, *caótica*, onde acessamos os cantos mais profundos e obscuros da alma, e é lá onde se encontra Perséfone, a rainha dos infernos, que tantos temem, mas que forma uma dupla indissolúvel com a mãe superior. Um dos mitos mais prestigiados pelos antigos gregos nos conta que “Core crescia tranquila e feliz entre as ninfas e em companhia de Ártemis e Atená, quando um dia seu tio Hades, que a desejava, a raptou com o auxílio de Zeus” (Brandão, 2015, vol. I, p. 307). Ao se ver apartada de sua filha, Deméter fica deprimida, se torna seca e estéril. Então, precisa reavivar o contato com a filha subterrânea, para que a terra umedeça e volte a dar frutos. Esse reencontro passa a ocorrer uma vez por ano, quando Perséfone emerge do submundo como Core, a juventude florida. Entretanto, ela sempre precisa mergulhar novamente nas profundezas do Hades, permanecer lá por seis meses, antes de voltar à superfície.

Eis o caminho aos recantos mais obscuros dos vales. Este é o ciclo da regeneração, em que a vida precede a morte, do mesmo modo que a morte precede a vida. Toda semente precisa ser enterrada antes de germinar e crescer em direção ao céu. É pelo sono profundo que

recobramos as energias vitais. É pela morte das células velhas que a renovação do corpo é possível. É pela morte dos antepassados que a nossa espécie pôde evoluir. A morte dos antigos é necessária para abrir espaço para uma geração nova, capaz de se adaptar às mudanças do mundo. A morte é uma exigência para qualquer metamorfose, que permite perpetuação da vida: “Quer dizer que o ser vivo não pôde, não pode resistir à morte senão evoluindo, e que evoluir significa perder algo que constitui uma parte íntima da identidade e da individualidade”. É a essa conclusão a qual chega Edgar Morin em sua obra *O Homem e a Morte* (1997, p. 347-8).

A mutação, origem da morte, é indistinta da origem da vida. O que *não está em ordem*, este caos subterrâneo e permanente, é, a um só tempo, o que cria e o que destrói. Não se pode conceber... Será que um dia se poderá conceber? De qualquer modo, *a morte penetra, se enraíza no mistério que é, ao mesmo tempo, o da Matéria e o da Vida* (Morin, 1997, p. 351).

Ao tentar vencer a morte e se libertar da natureza misteriosa e informe, o Homem veio tapando as brechas que permitem a regeneração da vida. Pois é preciso voltar a encarar a Morte, onde ronda o Vazio espantoso e que nos lembra do limite de tudo (inclusive o nosso), mas que tem sido reprimida na redundância das nossas “conversas fiadas”. Para “renascer”, é necessário voltar a mergulhar no *caos*, no Vazio da grande Mãe, onde se encontra a triste Perséfone. Se desejamos transformar nosso *estar-no-mundo*, é preciso deixar “morrer” nosso modelo de vida atual ao mergulhar em suas imagens caóticas e patológicas, no submundo da ansiedade, ainda que em processos ritualísticos e acompanhados pelos “mais sábios”. É fundamental se permitir mergulhar na dor psíquica, para voltar a tomar as ruas com “sangue nos olhos”.

Mas esse mergulho parece bloqueado, pois, como vimos, os poros férteis do nosso *oikos* (nossa Terra e nossos sentidos) estão obstruídos por grossas camadas de lixo material e ideal. Portanto, é dever das gerações mais velhas dialogar com os mais novos para que, juntos, possam tentar metabolizar esse lixo todo: ir além dos limites das “conversas fiadas”, das “explicações” pseudointelectuais do “aparelho”, dos vídeos de *unboxing*, dos altos edifícios que obstruem a visão do horizonte, para enxergar as imagens que evidenciam o colapso planetário, ainda que em doses homeopáticas, conforme o amadurecimento de cada um. Essa parece ser uma etapa necessária se quisermos iniciar nossas crianças (e também os adultos) para um modo novo de olhar e se relacionar com o nosso *oikos*. Se quisermos voltar a inspirar o *sopro da vida*.

Um jovem admitiu que suas perspectivas para o futuro eram caóticas. “Caos! Caos global! Acho que nem só no Brasil. Caos global realmente. Não tem muita expectativa”. Contudo, logo em seguida ele acrescentou com um leve sorriso: “Mas a gente abraça o caos e vai, né?”. *Abraça o caos e vai!*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

(Aprender a cair)

Por que nos causa desconforto a sensação de estar caindo? A gente não faz outra coisa nos últimos tempos senão despencar. Cair, cair, cair. Então por que estamos grilados agora com a queda? Vamos aproveitar toda nossa capacidade crítica e criativa para construir paraquedas coloridos. Vamos pensar no espaço como o cosmos onde a gente pode despencar em paraquedas coloridos (Ailton Krenak, Ideias para adiar o fim do mundo, p. 30).

Esta tese foi desenvolvida em quatro anos caóticos. Ela começou em meados de 2019, quando fortes imagens da degradação ambiental assombravam o Brasil. No começo daquele ano, a barragem de rejeitos “controlada” por uma mineradora titânica rompeu, deixando de conter uma enxurrada de “lama” tóxica, que avançou sobre a cidade de Brumadinho, soterrando casas, pessoas, animais, árvores e rios. Em agosto, milhares de quilômetros do litoral brasileiro foram contaminados pelo derrame de óleo cru, acabando com praias “paradisíacas” e diversos ecossistemas marinhos. No final desse mesmo mês, o céu de São Paulo (SP) escureceu quando a fumaça dos incêndios florestais da Amazônia, que queimava havia dias, seguiu para o sul do país até se chocar com uma frente fria. Esse ano foi seguido por uma pandemia, que ocasionou milhões de mortes pelo globo; por crescentes queimadas e desmatamento na Floresta Amazônica, no Pantanal, no Cerrado, na Mata Atlântica; pelo crescimento do desemprego, da pobreza e da fome no Brasil; pelo desamparo e ataque às comunidades indígenas; enquanto embates políticos tensos deixavam todos com os ânimos à flor da pele até uma disputa presidencial acirrada, que ainda está em fase de digestão.

No período em que a presente escrita chega às suas considerações finais (meados de 2023), a Organização Meteorológica Mundial (OMM) confirmou que julho de 2023 foi o mês mais quente já registrado na história do planeta desde que as temperaturas globais começaram a ser monitoradas há 142 anos (fenômeno desencadeado pelo El Niño, que se intensifica com o aquecimento global). Os países do hemisfério norte sofreram com ondas de calor extremas, enquanto os países do hemisfério sul passaram por um inverno mais quente e menos chuvoso que o normal, aumentando o índice de queimadas em biomas que estão à beira de um colapso. No Uruguai a população ficou sem água por vários dias, recorrendo à água salobra do Rio da Prata; na Amazônia mais de cem botos morreram devido à seca extrema, enquanto o Rio Grande do Sul enfrentou 9 ciclones extratropicais em 3 meses (sendo que um dos últimos deixou 79 municípios em estado de calamidade, com milhares de pessoas desabrigadas, deslocadas e mais

de 50 sem vida). Em meio a tudo isso, a gatinha que vivia no terreno abandonado do lado de casa foi envenenada. É possível ouvir um trator demolindo duas casas na rua de baixo para abrir espaço para mais um prédio no bairro. A qualquer hora as obras de uma torre gigantesca podem avançar, obstruindo a visão de eucaliptos que ainda podem ser vistos pela janela do meu quarto. Andando por algumas ruas desvalorizadas da região metropolitana de São Paulo é possível se deparar com corpos magros largados em algum canto de uma calçada qualquer que nos desafiam a reconhecer um ser humano em meio ao lixo. E é possível que a cerejeira no quintal da casa da minha avó esteja dando flores pela última vez, pois até o final deste ano as obras do metrô (que não deixo de considerar necessárias) devem avançar sobre um chão que costumava me abrigar nos finais de semanas e nas férias de verão da minha infância.

Essas são apenas algumas entre tantas imagens que jamais poderão ser totalmente contidas e processadas em uma tese, mas que podem, talvez, ser narradas, uma por vez, em meio aos diálogos com os nossos outros. O mais certo é que o caos só cresça. O que podemos fazer é encará-lo, vivenciá-lo e transformá-lo em imagens repletas de alma, sopro de vida, que ainda possam ser compartilhadas em histórias.

“E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim” (Krenak, 2020, p. 27). Esta frase de Ailton Krenak foi uma das provocações que esteve por trás da escrita da presente tese. Assim como o seguinte trecho de um texto de James Hillman (2010):

Os movimentos ecológicos, futuristas, feministas, de protesto e desarmamento, bem como a individuação pessoal, não podem, sozinhos, salvar o mundo da catástrofe inerente à nossa própria ideia de mundo. Precisam de uma visão cosmológica que salve o fenômeno “mundo”, um passo na alma que vá além dos limites de conveniência da fonte arquetípica do perigo contínuo do nosso mundo: a negligência fatal, a repressão da *anima mundi*. (Hillman, 2010, p. 108)

Logo no início desta pesquisa, a psicologia arquetípica se revelou como uma linha de pensamento que poderia ajudar a captar o fenômeno aqui estudado: o modo como olhamos para o mundo, para o colapso de sustentabilidade planetária e como podemos tentar ajudar as novas gerações, que carregam o futuro, a digerir as imagens deste caos para, enfim, tentarmos, juntos, reagir. A metodologia clássica das ciências naturais, que costuma lançar um olhar objetivo sobre o mundo, não poderia dar conta de um estudo como este, pois “cortaria o elo indissolúvel” com o sujeito que vivencia esse mundo (Zoja, 2000, p. 159). Por isso foi importante recorrer à intersubjetividade e a analogias míticas, que falam na linguagem da psique.

Em seu trabalho com tanta gente que teve a alma dilacerada na infância (e a partir de sua própria história de vida), Bóris Cyrulnik (2005, 2013) repara na importância de dar coesão

aos traumas vividos (pessoais ou coletivos) ao recompor as lembranças dolorosas em uma narrativa (ao assumir distância temporal mínima dos fatos, mas sem perder o elo psíquico com eles). E enfatiza a necessidade de essa narrativa ser dividida com um outro:

Para iniciar um trabalho de resiliência, devemos esclarecer novamente o mundo e dar-lhe uma coerência. A ferramenta que permite esse trabalho chama-se “narração”. É evidente que não podemos contar uma história a partir do nada. É necessário que tenhamos sido sensíveis a fragmentos do real, que os tenhamos transformado em lembrança, associado e recomposto em encadeamentos temporais lógicos. Esse trabalho psíquico deve ser dirigido a alguém que nos afete. Ou seja, mesmo na narrativa mais simples, cada personagem é co-autor da narração (Cyrułnik, 2005, p. 42).

Em outro momento coloca: “As crianças que conseguiram tornar-se adultos resilientes são as que foram ajudadas a atribuir um sentido às suas feridas. O trabalho de resiliência consistiu em lembrar-se dos choques, para torná-los uma representação de imagens, de ações e de palavras, a fim de interpretar a ruptura” (Cyrułnik, 2005, p. 44). A intersubjetividade, as narrativas e as analogias míticas, portanto, se revelaram, na própria metodologia deste trabalho, como uma tentativa de caminhar por vales (entre elevadas montanhas solitárias e amplas planícies povoadas). Aqui não apresentamos respostas exatas e conclusivas, mas vários indícios que permeiam as narrativas e as imagens compartilhadas por aqueles que foram entrevistados na presente pesquisa, costuradas aos pensamentos de alguns autores provocativos, formando um texto novo, que pode ser lido e processado por cada leitor de forma única.

O que podemos arriscar a dizer é que não será uma imagem superficial isolada, engolida como um assunto em meio a diversas “conversas fiadas”, que será capaz de provocar uma mudança tão complexa no modo como olhamos e nos relacionamos com o mundo (numa reação linear de causa e efeito). Muito menos infinitas imagens, que podem mais entorpecer do que despertar. Uma transformação como essa provavelmente exigirá muita mastigação, digestão e metabolização das imagens do mundo vivo em que estamos imersos, a partir de diálogos autênticos com os outros que vivenciam esse mesmo caos conosco. O psicólogo junguiano Heinrich Karl Fierz (2017) já entendia que tinha chegado ao fim a era em que os símbolos que direcionam uma comunidade eram buscados em uma figura de poder externa e superior (como um rei-deus-faraó). Por isso defendia que esses símbolos sejam buscados por um mergulho sincero na própria alma, sob a forma de uma *responsabilidade* ética política e intelectual-religiosa diante dos nossos *outros*. Afinal, para reconstruirmos símbolos coletivos, precisamos dialogar com o *outro*, aquilo que não sou, aceitando a tensão que possa surgir desse diálogo, já que o outro pode pensar e agir de forma diferente: “Devemos encará-lo, sem destruí-lo ou nos sujeitarmos a ele, mas constantemente buscando o diálogo” (Fierz, 2017, p. 467-8).

Isso quer dizer que não é de responsabilidade exclusiva do Greenpeace, da ONU, de Greta Thunberg, da ministra do Meio Ambiente, do jornalista ou cineasta que produz um documentário sobre “mudanças climáticas”, nem do professor em sala de aula criar imagens que sensibilizem as novas gerações à crise de sustentabilidade. É uma necessidade coletiva que todos nós, como pessoas que dividem esse mundo caótico e se comunicam entre si (isso inclui as crianças), tentemos, por conversações diárias, desvendar, em meio a tanto lixo, ruídos capazes de revelar a estupidez e a falta de sentido do “aparelho” ao qual estamos condicionados. Ruídos que nos ajudem a recobrar a vida e a alma desse mundo, que foi reduzido a objeto inanimado. Ruídos cortantes, que abram brechas, despertem emoção e nos provoquem a reagir.

É preciso enfrentar, coletivamente, o medo que temos de olhar para as imagens do nosso *oikos* em colapso; o medo que temos de sentir medo (ao nos darmos conta de que somos parte desse mundo e que não temos pleno controle do seu destino); o medo que temos da nossa raiva, da nossa ira, do nosso desespero; e o medo que temos de voltar a olhar animicamente para o mundo. Medo que tem sido fomentado na civilização ocidental desde que Pã foi declarado morto e depois pelo olhar objetivo das ciências modernas. O pensamento anímico não precisa ser uma ameaça à Ciência. Mas pode ser um *Outro* em diálogo com o pensamento científico, ao lhe ajudar a dar coesão e sentido àquilo que lhe escapa.

No final da pesquisa foi curioso olhar para trás e perceber como desde o começo pareceu importante rememorar os deuses e as mitologias arcaicas de uma civilização que está na raiz da nossa cultura, e que supostamente estariam mortos e relegados a uma mera fantasia de tempos remotos (a lixo desprezado). Conforme a pesquisadora buscou seguir os rastros imagéticos desses antigos deuses, demônios, ninfas e heróis, colocando-os em diálogo com os depoimentos coletados, foi ficando claro por qual motivo eles foram evocados. Porque, afinal, eles nos ajudam a captar a relação instintiva que se dá entre psique e mundo. Podemos senti-los lá fora (nos rios, nas florestas, no fogo, nas tempestades, nas estações do ano, nas ruas das cidades, nos desertos, na tecnologia, nas jornadas espaciais, nas loucuras coletivas). E podemos senti-los dentro de nós (no nosso coração, nas nossas emoções e nos impulsos que nos movem). Os deuses (como imagens instintivas) estão no “entre”, no “meio”, na comunicação, na alteridade, no “vazio” entre o “Eu” e o “Tu”. Por isso talvez eles possam ajudar a conciliar um sujeito apático e pretensioso com um *oikos* que foi reduzido a objeto inanimado, a natureza morta, a abstração sem rosto. Ainda que possamos atribuir outros tantos nomes para tais manifestações, elas oferecem imagens com camadas de mitos profundos que nos auxiliam a olhar para os fenômenos com os quais nos deparamos de um jeito anímico, por analogias que conciliam nossa alma (que pensa por mitos e fantasia) com a *anima mundi*.

Servindo como “contrapeso” (ou um Outro) à arqueologia arquetípica, a filosofia de Vilém Flusser (um judeu de Praga que perdeu seu chão aos 19 anos de idade e viveu por quase trinta anos em São Paulo) trouxe grandes contribuições para captar a sensação de “vazio” a que a Idade Moderna nos conduziu, ao reduzir nossos vários “outros” em abstrações, números e instrumentos. Flusser nos permite entender como o olhar objetivo, distanciado e apático das pesquisas burguesas, por mais que tenham oferecido avanços tecnológicos e científicos inegáveis em diversas áreas dos saberes, nos confinou a viver em um “aparelho” que segue por uma lógica fria, automatizada, da produtividade e da eficiência programada, e que acaba com as dimensões humanas (ou então anímicas) do nosso *Lebenswelt*. Sua filosofia ainda nos ajuda a olhar criticamente para o modo como estamos tapando os poros férteis do nosso mundo (interno e externo) com grossas camadas de lixo material e imaterial, que nos impedem de encarar e assumir o estado patológico ao qual estamos condenando nosso *oikos* e as vidas que nele habitam. Além de tudo, o filósofo tcheco-brasileiro é ousado e sensível ao nos propor a intersubjetividade como um modelo de apreender e dar sentido a esse mundo compartilhado. E, sobretudo, é inspirador ao depositar tamanha fé no diálogo intergeracional:

Numa conversação entre as gerações pode espelhar-se o desinteresse pelo aparelho, que simplesmente deixará de ser assunto de conversações genuínas. E esse desinteresse pode ser ainda maior na geração mais nova que na antiga, porque esta conhece o aparelho melhor, se tiver oportunidade de encontrar-se. Creio que tendências observáveis na atualidade autorizam essa profecia: a conversação entre gerações é possível e possível é, portanto, o esvaziamento do aparelho (Flusser, 2017b, p. 227)⁴⁰.

É importante ressaltar que esse diálogo intergeracional parece fundamental não só para as crianças, mas também para seus pais. Pois muitos deles, por vezes, se encontram perdidos, desamparados, e o diálogo com seus filhos pode lhes ajudar a recobrar a esperança e a desvendar novas brechas para “respirar melhor”. Vários pais reforçaram o quanto aprendem com seus filhos. “Tem coisas que [minha filha] é melhor do que eu... assim... muito! Eu tenho mais dificuldades”, reconheceu com um riso carinhoso aquele pai que é cientista e professor.

Pelos vários diálogos traçados com famílias que se mostram sensíveis à crise ambiental (e pela leitura das obras de Vilém Flusser, James Hillman, Norval Baitello, Luigi Zoja, entre outros), entendemos que é preciso que todas as gerações conversem entre si e se ajudem a romper com os limites do “aparelho” que nos cerca (não do planeta), se abrindo às imagens caóticas desse mundo em colapso. Todavia percebemos também a importância de essa abertura

⁴⁰ Flusser escreveu isso na década de 1960, quando havia uma efervescência de movimentos de jovens no mundo todo em prol da vida, do amor e da liberdade e contra a lógica mecânica, funcional e da eficiência programada.

estar irrigada pela fantasia da alma, capaz de “adocicar” a realidade dura com camadas míticas. De tal modo, em vez de paralisar, tais camadas podem comover e dar sentido profundo a lutas que parecem absurdas. As ações são impulsionadas pelo nosso princípio *puer*, nossa criança interior, cujas asas devemos preservar, mas sem deixá-las se perder em voos impetuosos, inconsequentes e *hybristicos*. Para isso é essencial contar com a experiência, o conhecimento, a ciência e a prudência dos “velhos sábios” (que nos permitem tomar o distanciamento limite de uma situação para captá-la de maneira ampla e consciente). Mas também é preciso mergulhar nas imagens profundas de Psiquê, os *ecos* do entorno que reverberam em nosso coração e dão um sentido psíquico às batalhas no mundo da vida (o que podemos chamar de *engajamento*).

Para despertar o *puer*, que carrega o nosso futuro, para acabar com o deserto de corações autocentrados e anestesiados em meio a um “aparelho” sem escrúpulos, para buscarmos um novo modo de estar no mundo vivo em meio ao caos, parece válido dialogar com deuses, deusas, ninfas e demônios (hoje chamados de “impulsos internos” ou “conteúdos psíquicos autônomos”), sentir e reconhecer suas emoções em nós. O amor de Afrodite (cujo corpo se abre à sensualidade do mundo pela *aisthesis*), a paixão de Eros por Psiquê (a alma, ou sopro da vida, que é restituída a todos os seres), o pânico de Pã (diante das catástrofes que nos assombram), a vergonha de Ártemis (pela imundice com a qual tapamos os poros férteis da Terra), a depressão de Perséfone (ao entrar em contato com o submundo das trevas), a raiva e o ultraje de Ares (que move nossas batalhas) ou a justa ira de Nêmesis (diante da *hybris* que põe em perigo a estabilidade do cosmos). “O desejo, a raiva, o medo e a vergonha são ecos da alma do mundo, manifestações de qualidades do mundo informando nosso corpo e espírito como existir, que postura adotar, o que aceitar e o que abominar, que caminho seguir” (Hillman, 1993, p. 149).

São as emoções que nos guiam e nos movem no mundo externo, que, por sua vez, nos alimenta com suas imagens, ou, então, seus *ecos*. Ao permitir que os ecos do mundo e as múltiplas divindades penetrem o nosso coração, este se torna um *oikos* fértil para que o politeísmo prospere em consonância com o mundo exterior, cuja diversidade poliforme desejamos preservar e ampliar. Afinal, talvez nossa grande ameaça não seja o caos (ou o Vazio) em si, que, apesar de informe e apavorante, não deixa de ser encarado, em diversas cosmogonias, como uma inexaurível reserva de energia com potências criativas. Nosso grande receio é colidir com um muro de cimento, um biombo, um mundo perigosamente cada vez mais parecido, uniforme e apático, sem diversidade (étnica e biológica), sem o *outro* para dialogar e descobrir novas brechas em momentos de crise. Pois este muro de cimento seria *ponto final*.

A presente tese buscou se articular por analogias, recorrendo predominantemente à mitologia helênica, por vezes a algumas narrativas judaico-cristãs, na tentativa de captar

imageticamente a comunicação que se dá entre o “Eu” e o mundo. Entretanto, é preciso deixar claro que essa foi uma opção da pesquisadora para olhar o fenômeno aqui estudado. Apenas um entrevistado chegou a recorrer a imagens do panteão grego como analogias para se referir ao planeta e à crise de sustentabilidade (justamente aquele pai que é cientista, professor e físico, que percebeu que por vezes “Gaia também pode ser Medeia”). Mas, ainda que não tenham sido diretamente citadas, essas figuras arcaicas podiam ser vislumbradas nas descrições de mundo e nas emoções que transpareciam na fala angustiada, ultrajada ou apaixonada dos demais entrevistados. “Convidados ou não, os deuses estarão presentes”.

Claro que uma tese diferente poderia ter sido escrita recorrendo a mitos e deuses de outros povos. No entanto, pareceu conveniente resgatar aqui os mitos arcaicos tão cativantes que estão em uma das bases fundantes de uma cultura que se revoltou contra os antigos deuses e se expandiu com sua *hybris* por todo o globo (Zoja, 2000). Afinal, os sujeitos que foram aqui entrevistados (a maioria de classe média, de regiões urbanas brasileiras) são, de algum modo, descendentes dessa cultura, e estão tentando se libertar do olhar *hybrístico* e instrumental ao qual foram condicionados. Mas existem diversos outros olhares que poderiam ter sido coletados: de povos ribeirinhos, indígenas, quilombolas, famílias de assentamento de terra, entre tantos outros. Esta tese se mantém aberta para dialogar com pesquisas que tragam esses diversos outros olhares, que, sem dúvida, oferecerão ricas contribuições.

Muitos dos entrevistados manifestaram grande interesse pelos saberes dos nossos povos originários. Vários mencionaram as religiões indígenas como algo que parecia fazer mais sentido do que as religiões ocidentais, ao voltar-se para a “Mãe Terra” e reconhecer a conexão entre animais, vegetais, fungos, montanhas, rios (algo em comum com o politeísmo helênico). Contudo, por mais que esse olhar fosse inspirador, não parecia que era possível assumi-lo como uma religião autêntica. De todo modo, não deixa de ser material rico para a antropofagia.

Esta pesquisa não deixou de se nutrir de alguns saberes e narrativas célebres desses povos (ainda que não tenham sido diretamente citados). A “queda do céu” da mitologia yanomami, assim como as palavras de Ailton Krenak sobre “como adiar o fim do mundo” trazem fortes imagens que confirmam a sensação de caos que invade nosso *oikos*. Do mesmo modo, elas parecem confirmar a urgência de mitologizar esse caos, torná-lo imaginado, indo além da instrumentalização e da abstração apática dos dados, gráficos, estatísticas e números.

Que possamos restituir *psiqué*, o sopro da vida, à *phýsis*, que padece. Que possamos voltar a dialogar com as almas dançantes do mundo, como fazem os xamãs com os xapiri, que sustentam o nosso céu. Que possamos seguir o conselho de Krenak e aprender a cair, juntos, em um “paraquedas colorido”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. “Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência”. In: **Infância e História**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

ANDRADE, Oswald de. **Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias: Manifestos, testes de concursos e ensaios**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 13 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2019.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BAITELLO Jr., Norval. **A carta, o abismo, o beijo: os ambientes de imagens entre o artístico e o midiático**. São Paulo: Paulus, 2018.

_____. **A era da iconofagia: reflexos sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2014.

_____. **A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma teoria da mídia**. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. “Imagem e emoção: movimentos interiores e exteriores”. In: BAITELLO Jr., Norval; WULF, Christoph (org.) **Emoção e Imaginação: Os sentidos e as Imagens em Movimento**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

_____. **Existências penduradas: Selfies, retratos e outros penduricalhos**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2019.

_____. **O pensamento sentado: sobre glúteos, cadeiras e imagens**. Ed.1. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

_____. Vilém Flusser, as ciências arqueológicas e a filosofia do lixo. In: **Cuyo: anuário de filosofia argentina y americana**. Vol. 37, p. 17-30. Disponível em: <https://revistas.uncu.edu.ar/ojs/index.php/anuariocuyo/article/view/4254/3060>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BAITELLO Jr., Norval; SANTILLI, Ana Catarina. Manipulating a dead world: Vilém Flusser and the clashes with the (concept of) “objectivity”. In: **Flusser Studies**. Vol.34, 2022. Disponível em: <https://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/norval-ana-manipulating-a-dead-world.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.

BELTING, Hans. **Antropologia da imagem: para uma ciência da imagem**. Trad. Artur Morão. Lisboa: KKYM, 2014.

BERRY, Patricia. **O corpo sutil de Eco: contribuições para uma psicologia arquetípica**. Trad. Maria Anjos e Gustavo Barcellos. Petrópolis: Vozes, 2014.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico**. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____. **Mitologia grega**. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2015, v. 1.

_____. **Mitologia grega**. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 2015, v. 2.

_____. **Mitologia grega**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2015, v. 3.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.

CONTRERA, Malena S. **Mediosfera: meios, imaginário e desencantamento do mundo**. 2 ed. Porto Alegre: Imaginalis, 2017.

CYRULNIK, Bóris. **Corra, a vida te chama: memórias**. Trad. Rajane Janowitz. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

_____. **Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo**. Trad. Ana Rabaça. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

_____. **O murmúrio dos fantasmas**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Os alimentos do afeto**. Trad. Celso Mauro Paciornik, São Paulo: Editora Ática S.A, 1995.

DANOWSKI, Déborah; VIVEIRO DE CASTRO, Eduardo. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. 2 ed. Florianópolis: Cultura e Barbárie: Instituto Socioambiental, 2017.

EIBL-EIBESFELDT, Irenäus. **Amor e Ódio**. Trad. Paulo Jorge Roovers de Almeida. 3 ed. Lisboa: Bertrand Editora, 1998.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2016.

_____. **O sagrado e o profano: A essência das religiões**. Trad. Rogério Fernandes. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

ERNMAN, Beata; ERNMAN, Malena; THUMBERG, Greta; THUMBERG, Svante. **Nossa casa está em chamas: ninguém é pequeno demais para fazer a diferença**. Trad. Sonia Lindblom. Rio de Janeiro: BestSeller, 2019.

FEITOSA, Zoraida M.L. O conceito de natureza: os gregos tinham razão. In: **Prometheus - Journal of Philosophy**, n.36, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/prometeus/article/view/16286>. Acesso em: 23 mar. 2023.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Armadilhas da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

_____. “As categorias da fascinação: heróis, tramas e imagens do relato oral”. In: **Emoção e Imaginação: os sentidos e as imagens em movimento**. Org. N. Baitello Jr, C. Wülf. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

FIERZ, Heinrich Karl. **Psiquiatria Junguiana**. Trad. Claudia Gerpe Duarte. São Paulo: Paulus, 2017.

FLUSSER, Vilém. “A consumidora consumida”. In: **Comentário**. Rio de Janeiro, v. 13, 1972. p. 35-46.

_____. **A história do diabo**. 4 ed. São Paulo: Annablume, 2012.

_____. “Ame ao teu outro como a ti próprio”. In: **Shalon**. 1982. p. 68-9. Disponível em: <https://www.cisc.org.br/portal/index.php/en/biblioteca/viewdownload/15-flusser-vilem/102-ame-teu-outro-como-a-ti-proprio.html>. Acesso em: 23 mar. 2023.

_____. **Bondelos: uma autobiografia filosófica**. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. **Comunicologia: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum**. Trad. Tereza Maria Souza de Castro. São Paulo: Martins Fontes, 2014a.

_____. **Da crise na educação**. M3-39_389. ESSAYS 5_PORTUGUES-D_DA, p. 133-136. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1569. Acesso em: 23 mar. 2023.

_____. **Da religiosidade: a literatura e o senso de realidade**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

_____. **Elogio da superficialidade: o universo das imagens técnicas**. Ed.1. São Paulo: É Realizações, 2019.

_____. **Gestos**. Ed.1. São Paulo: Annablume, 2014b.

_____. **Língua e Realidade**. Ed.1. São Paulo: É Realizações, 2021.

_____. **Modelos mudam**. M12-ECA_1421. ESSAYS 12_Portuguese-M. Arquivo Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1576/. Acesso em: 23 mar. 2023.

_____. **Natural:mente: vários acessos ao significado de natureza**. São Paulo: Annablume. 2011.

_____. **O último juízo: gerações I: culpa & maldição**. São Paulo: É realizações, 2017a.

_____. **O último juízo: gerações II: castigo & penitência**. São Paulo: É realizações, 2017b.

_____. **Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar**. São Paulo: É realizações, 2019.

_____. **São Paulo, vista de cima.** ESSAYS 17_PORTUGUESE-S, p. 13-17. Arquivo Vilém Flusser São Paulo. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1581. Acesso em: 13 jun. 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Ed.59. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

FRANZ, Marie-Louise von. **Puer aertenus:** A luta do adulto contra o paraíso da infância. Trad. Jane Maria Corrêa. São Paulo: Paulus, 1992.

FREUD, Sigmund. **Obras completas:** O eu e o id, “autobiografia” e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, v. 16.

HARLOW, Harry. “Amor”. Trad. Monika Staudacher. In: **Psicologia.** São Paulo: Brasiliense, 1978.

_____. **Learning to love.** Nova York: Ballantine books, 1971.

HEILMAIR, Alex Florian; SANTILLI, Ana Catarina. O engajamento: a relação de Flusser com a educação brasileira. In: **Líbero** (p. 98-110). Ano XXIII, n.45, 2020.

HILLMAN, James. **Anima:** a psicologia arquetípica do lado feminino na alma do homem e sua interioridade na mulher. Trad. Gustavo Barcellos e Lucia Rosenberg. 2ª ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2020.

_____. **Cidade e alma.** Trad. Gustavo Barcellos e Lúcia Rosenberg. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

_____. **O livro do puer:** ensaios sobre o arquétipo do puer. 2ª ed. Trad. Gustavo Barcellos. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **O pensamento do coração e a alma do mundo.** Trad. Gustavo Barcellos. Campinas: Verus, 2010.

_____. **Pã e o pesadelo.** Trad. Carla C. Pilon; Daniel F. Yago. São Paulo: Paulus, 2015.

JUNG, Carl Gustav. **O segredo da flor de ouro:** um livro de vida chinês. Trad. Dora Ferreira da Silva e Maria Luiza Apply. 15 ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

_____. **Psicologia e religião.** Trad. Pe. Dom Mateus Tamalho Rocha. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

KAMPER, Dietmar. **Mudança de horizonte:** o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas. Trad. Danielle Naves de Oliveira. São Paulo: Paulus, 2016.

KEANE, Phoebe. “Como a indústria do petróleo pôs em dúvida o aquecimento global usando táticas dos fabricantes de cigarro”. In: **BBC News**, 24 set. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54284565>. Acesso em 11 mai. 2023.

KOLBERT, Elizabeth. **A sexta extinção**: uma história não natural. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2014.

KOPENAWA, Davi. ALBERT, Bruce; **A queda do céu**: Palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Ed.1. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEÃO, Lucia. “Imagens e imaginários da crise ambiental planetária uma cartografia das políticas da partilha”. In: BECCARI, Marcos; ROZENSTRATEN, Artur (org.) **Imaginários intempestivos**: arquitetura, design, arte & educação. São Paulo: FEUSP, 2019. p. 162-176

_____. “Paradigmas dos processos de criação em mídias digitais: uma cartografia”. In: **V!RUS**, São Carlos, n. 6, 2011.

LEITE, Claudia, PIORSKI, Gandhi. **Escuta de Crianças**: um método para escuta sensível da infância. Instituto Alana, 2019. (Relatório Técnico).

LISBOA, Marijane V. A ética planetária na era tecnológica. **Espiral**. Rio de Janeiro, v.5, p.22-30, 2021. Disponível em: http://www.iecomplex.com.br/wp-content/uploads/2022/04/revistaEspirai_v5.pdf#page=32. Acesso em 5 set. 2023.

_____. Nem utopia nem distopia: propostas para um futuro bom de ser vivido. **Pensando - Revista de filosofia**, v. 11, n. 24, p. 100-108, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/3531>. Acesso em: 5 set. 2023.

LISBOA, Marijane V.; TEIXEIRA JUNIOR, Geraldo A. Deveres intergeracionais: como defini-los a partir da filosofia? **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 41, n. 1, p. 31-60, Jan./Mar., 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324973945_Deveres_intergeracionais_como_definirlos_a_partir_da_filosofia. Acesso em: 5 set. 2023.

MARKS, Elizabeth; HICKMAN, Caroline; PIHKALA, Panu; CLAYTON, Susan; LEWANDOWSKI, Eric R.; MAYALL, Elouise E.; WRAY, Britt; MELLOR, Catriona; VAN SUSTEREN, Lise. Young People's Voices on Climate Anxiety, Government Betrayal and Moral Injury: A Global Phenomenon. In: **SSRN**. 7 set. 2021. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=3918955> or <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.3918955>. Acesso em 24 mar. 2023.

MAGALDI FILHO, Waldemar. “Sofrer para imergir na profundidade da alma”. In: BAITELLO Jr., Norval; WULF, Christoph (org.) **Sapientia: uma arqueologia de saberes**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

MONTAGU, Ashley. **Tocar: o significado humano da pele.** Trad. Maria Sílvia Mourão Netto. São Paulo: Summus, 1988.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Trad. Eloá Jacobina. 23^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

_____. **O enigma do homem.** Trad. Fernando de Castro Ferro. São Paulo: Círculo do Livro, 1973.

_____. **O homem e a morte.** Trad. Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **O método 4: as ideias: habitat, vida, costumes.** Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulinas, 2011a.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Trad. Catarina Elonora. São Paulo: Cortez, 2011b.

MORIN, Edgar; VIVERET Patrick. **Como viver em tempo de crise?** Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2013.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional.** Trad. Walter O. Schlupp. 5.ed. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2021.

PARIS, Ginnete. **Meditações pagãs: os mundos de Afrodite, Ártemis e Héstia.** Trad. Sonia Maria Caiuby Labate. Vozes. Petrópolis, 1994.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Trad. Suzana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia, 2012.

PROSS, Harry. **A sociedade do Protesto.** Trad. Peter Neumann. São Paulo: ANNABLUME, 1997.

_____. **Estructura simbólica del poder.** Trad. Pedro Madrigal Devsa e Homero Alsin Thevenet. Barcelona: Esitorial Gustavo Gili, S.A, 1980.

_____. **La violência de los símbolos sociales.** Trad. Vicente Romano. Barcelona: Anthropos, 1989.

ROMANO, Vicente. **Ecología de la comunicación.** Hondarribia: Editorial Hiru, 2004.

SANTILLI, Ana Catarina. **Criança, narrativa e amor: Os vínculos afetivos em *Sakura Card Captors*.** 2018. 163 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

SERRES, Michel. **O mal limpo: poluir para se apropriar?** Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2011.

SHUGARMAN, Harriet. **How to talk to your kids about climate change: turning angst into action.** Canada: New Society Publishers, 2020.

WARBURG, Aby. **Histórias de fantasmas para gente grande:** escritos, esboços e conferências. Trad. Lenin Bicudo Bárbara. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WATSUJI, Tetsuro. **Antropología del paisaje:** Climas, culturas y religiones. El Montalvo, Salamanca, 2006.

WORLD ECONOMIC FORUM. **The New Plastics Economy Rethinking the future of plastics.** Jan. 2016. (Relatório) Disponível em: https://www3.weforum.org/docs/WEF_The_New_Plastics_Economy.pdf. Acesso em: 8 mai.2023.

ZOJA, Luigi. **História da arrogância:** psicologia e limites do desenvolvimento humano. Trad. Maria Massacese di Giuseppe. São Paulo: Axis Mundi, 2000.

_____. **O pai:** história e psicologia de uma espécie em extinção. Trad. Pericles Pinheiro Machado. São Paulo: Axis Mundi, 2005.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** Trad. Jerusa Pires Ferreira e Sueley Frenerich. São Paulo: Cosac Naify Portátil, 2014.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

CURSO de Extensão em Emergência Climática, 2022. Curso de extensão ministrado por Alexandre Costa, publicado no canal: O Que Você Faria se Soubesse o Que Eu Sei?“, com apoio da Universidade Estadual do Ceará. 2022. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PL4ddnkqDVj5MdCdiXQY-WTfCfU3DxBdx0>. Acesso em: 10 mai. 2023.

GRETA Thunberg: Our House Is On Fire! | World Economic Forum 2019. Vídeo publicado pelo canal: World Economic Forum. 25 jan. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M7dVF9xylaw>. Acesso em: 12 mai. 2023.

LIMITES Planetários, Colapso Ecológico e Antropoceno! Curso de extensão ministrado por Alexandre Costa, publicado no canal: O Que Você Faria se Soubesse o Que Eu Sei?, com apoio da Universidade Estadual do Ceará. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PL4ddnkqDVj5MGiWUtwqu3QM8zTJkII0X2>. Acesso em: 12 mai. 2023.

Nosso planeta. Produzido por Alstair Fothergill; Keith Scholey; Colin Butfield. Narrado por David Attenborough. Composto por Sten Price. Com colaboração da WWF. Reino Unido, 2019. 1ª temporada. Série documental (8 episódios de 48-53 minutos). Disponível na Netflix.

#NOSSOPLAENTA Bastidores: Morsa. Vídeo publicado pelo canal WWF-Brasil. 21 nov. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KHDVdKflds4>. Acesso em: 12 mai. 2023.